



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SINARA ROSA CARVALHO E SILVA

**CICATRIZES URBANAS:
MARCAS DE SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO**

Goiânia
2009

SINARA ROSA CARVALHO E SILVA

**CICATRIZES URBANAS:
MARCAS DE SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial a obtenção de título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Cultura e Processos Educacionais

Orientadora: Profª Drª Anita C. de Azevedo Resende

Goiânia
2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**Bibliotecário responsável: *Enderson Medeiros CRB 2.276*****Silva, Sinara Rosa Carvalho e.**

S586c

Cicatrizes urbanas: marcas de socialização e formação na cidade em Jataí-GO. / Sinara Rosa Carvalho e Silva. – Goiânia : [S.n], 2009.

136 f. : tabs.; graf.

Orientadora: Anita C. de Azevedo Resende.


Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2009.

1. Sociabilidade. 2. Educação. 3. Cidade. 4. Pedagogia. 5. Espaço Urbano. 6. Acadêmicos. 7. Jataí, Goiás. I. Resende, Anita C. de Azevedo. II. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação. III. Título.


CDU : 37: 911.3

SINARA ROSA CARVALHO E SILVA**CICATRIZES URBANAS:
marcas de socialização e formação na cidade em Jataí - GO**

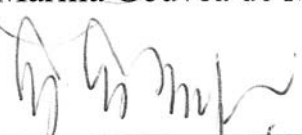
Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em 20 de agosto de 2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes docentes:



Prof^ª Dr^ª Anita C. Azevedo Resende - UFG
Presidente da Banca



Prof^ª Dr^ª Marília Gouvea de Miranda – UFG



Prof^ª Dr^ª Albertina Vicentini Assumpção – UCG

| Para Márcio e Julia,
presentes de Deus e do Seu amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e garantia de sua eternidade.

Ao meu amado Márcio, por seu amor, dedicação e paciência.

À Julia, por me permitir viver a espera, que é possibilidade, sempre.

Aos meus pais, pelos exemplos de seriedade e superação e pelo apoio constante.

Ao Silmar, que possibilitou reconhecer-me no outro, em sinceras brincadeiras de criança.

Ao PPGE-UFG, por renovar meu prazer pelo conhecimento.

À Anita, orientadora, por me surpreender dizendo que seria possível continuar, “a vida é luta... vamos a ela, portanto”.

Às acadêmicas de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, pelas preciosas informações a mim confiadas.

Aos amigos e amigas, por me acompanharem nestes anos de estrada.

À Genezina, pelo carinho de suas deliciosas hospedagens.

À Laís, por ser minha “suficiente procuradora” e companhia nas madrugadas de ‘São Luiz’ e rodoviárias.

Muito do que neste texto está e muito do que em mim ficou, devo a vocês.
Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho discute a cidade enquanto mediação no processo de sociabilidade, formação e educação. Considera que a cidade moderna se põe, para além do lugar e da mera aglomeração de pessoas e objetos, como um modo de viver e é a forma específica de organização do espaço no sistema cultural da sociedade industrial capitalista. Dessa perspectiva, objetivou investigar os sentidos e implicações educativas produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da Universidade Federal de Goiás (UFG) acerca da experiência, dos processos de sociabilidade e formação na cidade em Jataí-GO. Este estudo analisa como se dão as relações dos indivíduos com a cidade de Jataí. A cidade, espaço que se (des)organiza contraditoriamente como realidade estrutural basilar da sociedade capitalista é discutida a partir de Marx e Engels (2006); Munford (1982); Castells (1983), Cavalcanti (2001), Souza (2003), Rolnik (2004), Santos (1999), Miranda (1995) e Lefebvre (1991). Jataí é tomada em sua singularidade, como expressão da universalidade das cidades hodiernas, a partir de Melo (2003) e Silva (2005). Uma das particularidades jataienses, que se revela universal, é a implantação da UFG, expressão e consolidação das necessidades que o processo de modernização acarretou. Tal processo é discutido com base em Dourado (2001). Destaca-se o curso de Pedagogia, que expressou a consolidação do campus na década de 1980. O trabalho é uma pesquisa de caráter exploratório com procedimentos predominantemente qualitativos. Lançou-se mão de pesquisa bibliográfica, questionários e entrevistas. Os questionários e entrevistas permitiram elaborar reflexões concernentes a realidade da cidade de Jataí, bem como de seus habitantes e frequentadores. Nos espaços de sociabilidade jataienses se está ligado aos traços da comunidade, embora viva-se num contexto ambíguo, no qual características da moderna sociedade também se fazem presentes. Os sujeitos falam de si em particular, mas remetem a universalidade do que é vivido na cidade em Jataí, a partir do que é possível considerar a universalidade da urbe hodierna. São referências para se compreender o desenvolvimento do conceito e da realidade de sociedade e indivíduo Adorno e Horkheimer (1973a e 1973b), Tönnies (MIRANDA, 1995) e Bourdieu (1997). A pesquisa revela que Jataí é lugar no qual se inscrevem o tradicional e o moderno e tal realidade possibilita ao indivíduo viver a contradição de se encantar com o lugar que, ao mesmo tempo, lhe surge como algo estranho, na medida em que passa por transformações. Tal ambiguidade, se põe num processo de interação e tensão, e é vivida em todos os espaços da cidade, especialmente na universidade, importante lócus de socialização da e na cidade, no qual se reproduzem condições vividas na mesma e assim como nesta, o sentidos se estabelecem em contradição.

Palavras-chave: Socialização; Formação; Cidade

ABSTRACT

This paper discusses the city while mediation in the sociability, formation and education process. It considers that the modern city is put beyond of the place and of the simple people and object agglomerations, as a way of living and where is the specific form of organization of the space in the cultural system of the capitalist industrial society. From this perspective, we investigate the relationship and educative implications produced by academics of the Pedagogy course of the Federal University of Goiás-Campus Jataí (UFG-CJ), concerning the experience, sociability processes and formation in Jataí, city of Southwest Goiás-Brazil. This work analyzes the relationships between persons and the city of Jataí. The city, space that (dis)arrange contradictorily as fundamental structural reality of the capitalist society is argued from Marx and Engels (2006); Munford (1982); Castells (1983), Cavalcanti (2001), Souza (2003), Rolnik (2004), Santos (1999), Miranda (1995) and Lefebvre (1991). We understand Jataí, in its singularity, as expression of the universality of the present cities, based in Melo (2003) and Silva (2005). One of the features of Jataí, disclosed as universal, is the implantation of the Federal University of Goiás (UFG), expression and consolidation of the necessities that the modernization process caused. This process is discussed based in Dourado (2001). The course of Pedagogy is accented because expressed the consolidation of the Campus in the decade of 1980. This research has an exploratory sense with predominantly qualitative procedures. We employ bibliographical research, questionnaires and interviews. The questionnaires and interviews had allowed to elaborate reflections about the reality of Jataí city, as well as of its habitants and visitors. In the sociability city spaces the persons have a link with the traces of the community, even though alive in an ambiguous context, in which characteristics of the modern society also exists. The citizens speak of itself, but they send to the universality of what it is lived in the city, in Jataí, from what is possible to consider the universality of the today's cities. These are references to understand the development of the concept and the reality of society and individual according to Adorno and Horkheimer (1973a and 1973b), Tönnies (MIRANDA, 1995) and Bourdieu (1997). This paper shows that Jataí is a place where are inscribed the traditional and the modern and such reality makes possible the individual to live the contradiction of to enchant with the place that, at the same time, it appears to him as something strange, in the measure as it passes by transformations. Such ambiguity is put in a process of interaction and tension, and it is lived in all the city spaces, especially in the university, important socialization place of and in the city, in which are reproduced conditions lived in the same one and, as well as in this, the relationships are established in contradiction.

Key words: Socialization; Formation; City

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atividades presentes no dia-a-dia das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora).....	61
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cursos de graduação ofertados pela UFG/Campus Jataí em 2008.	49
Quadro 2 – Cursos de pós-graduação (especialização) oferecidos na UFG/Campus Jataí em 2008.	50
Quadro 3 - Caracterização das alunas entrevistadas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora)	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - % das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre letivo do ano de 2008, em cada faixa etária, por grupo (VT - Vida Toda; AE - Antes Em e NM - Não Mora).....	54
Gráfico 2 - Situação de inserção no mercado de trabalho das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí no segundo semestre do ano letivo de 2008 de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora).....	55
Gráfico 3 - No que trabalham as alunas trabalhadoras do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora)	56
Gráfico 4 - Onde moravam as alunas do grupo AE (antes em), do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, antes de se mudarem para Jataí.....	58
Gráfico 5 - Tempo em que as alunas do grupo AE (antes em) do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, moraram em outro lugar antes de se mudar para Jataí.	59
Gráfico 6 - Há quanto tempo as alunas do grupo AE (antes em), do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, moram em Jataí.	59
Gráfico 7 - Atividades presentes no dia-a-dia das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (vida toda); AE (antes em) e NM (não mora).....	62

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
INTRODUÇÃO	14
1.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	18
CAPÍTULO 1 CIDADE: MAIS QUE UM LUGAR, UM MODO DE VIDA	22
1.1 JATAÍ: CIDADE SINGULAR, EXPRESSÃO DO UNIVERSAL.....	32
1.2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS NO CENÁRIO URBANO JATAIENSE: INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DE GOIÁS.	46
CAPÍTULO 2 SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO: OS SUJEITOS	52
2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS.....	53
2.1.1- Inserção no mercado de trabalho.....	54
2.1.2- Bairro ou setor onde moram	56
2.1.3- Onde moravam antes de se mudarem para Jataí e por quanto tempo	57
2.1.4- Há quanto tempo AE mora em Jataí	59
2.1.5- Onde moram NM e por quanto tempo.....	60
2.1.6- Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí.....	61
CAPÍTULO 3 SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO: AS CICATRIZES.....	65
3.1 A PALAVRA NÃO ESTÁ ALHEIA A EXISTÊNCIA DA COISA EM SI.....	67
3.2 ENCANTAMENTO E ESTRANHAMENTO NOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE JATAIENSES: COMUNIDADE E SOCIEDADE EM INTERAÇÃO E TENSÃO.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXO 1.....	107
ANEXO 2.....	109
ANEXO 3.....	111
ANEXO 4.....	117

ANEXO 5.....	122
ANEXO 6.....	126
ANEXO 7.....	130
ANEXO 8.....	133

INTRODUÇÃO

Existem duas cidades em uma... [...] Na minha opinião são várias mine cidadezinhas dentro de uma grande cidade. [...] Eu acho isso muito interessante. Tem muita coisa por trás aí da cidade que é diferente (Mara, em entrevista/2009).

Este trabalho discute a cidade enquanto mediação no processo de sociabilidade, formação e educação e, dessa perspectiva, objetivou investigar os sentidos produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da Universidade Federal de Goiás (UFG) acerca da experiência, dos processos de sociabilidade e formação na cidade em Jataí-GO.

A cidade e as relações que nela se desenvolvem vêm se constituindo tema privilegiado na minha formação, desde a graduação, desde o encontro com o documentário “Ernest Robert de Carvalho Mange – Urbanista”. Nesse documentário, o urbanista relata sua experiência profissional relacionada a obras de grande porte, entre elas a construção de usinas para geração de energia e arrojados projetos urbanísticos para a cidade de São Paulo. Mange afirma que “a ordem social que se dava nas nossas cidades é uma ordem perversa e, [com planejamento da cidade¹] a gente poderia mostrar que se podia fazer o contrário e se fez”.

Deste documentário surgiu o título dessa pesquisa. Segundo Mange, as transformações passam como um furacão urbano, deixando **marcas** e **cicatrizes**. E as intervenções provenientes dessas transformações no espaço urbano local² são verdadeiras **cicatrizes urbanas**: “Só faltam deixar prédios cortados, quando não é assim que deve ser feito”.

O certo é que é fundamental a reflexão elaborada sobre os espaços da cidade e suas implicações na constituição das relações de sociabilidade e dos sujeitos que dela participam. Nessa perspectiva, foi objetivo inicial da presente pesquisa a investigação acerca dos sentidos e implicações educativas que se produzem no espaço de sociabilidade em um condomínio fechado

¹ Referindo-se ao planejamento da cidade brasileira que daria apoio à construção da Usina de Jupiá. A cidade em questão abrigaria cerca de 15.000 trabalhadores e seria temporária, nasceu para ser demolida. Seu projeto, segundo Mange, visou possibilitar o atendimento das necessidades de serviços e equipamentos públicos para as diferentes classes que ali morariam durante o tempo de construção da usina.

² Ao descrever as várias intervenções realizadas no centro da cidade de São Paulo, na década de 1970, para “ajustar” o espaço às transformações já ocorridas.

horizontal de Jataí - GO. Para tanto, pretendia-se 1) identificar os condomínios fechados implantados na cidade de Jataí - GO, por meio de levantamento de dados na Prefeitura Municipal e demais órgãos competentes. 2) Descrever os espaços identificados, privilegiando o Condomínio Horizontal “Abelha”³, inserindo as etapas de planejamento e construção destes na história jataiense, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. 3) Compreender a (re)produção social, econômica e política de Jataí, especialmente no período de implantação do Condomínio Abelha, por meio de pesquisa bibliográfica e documental. 4) Identificar os sujeitos que habitam o referido espaço, por meio de mapeamento do condomínio, para estabelecer critérios de seleção dos moradores a serem entrevistados. 5) Entrevistar os moradores selecionados para identificar como se estruturam as relações de sociabilidade no condomínio, quais sentidos são produzidos acerca deste espaço no que concerne às relações e quais as implicações educativas são produzidas neste novo espaço de socialização.

Os três primeiros objetivos foram alcançados sem grandes dificuldades. No entanto, quando a pesquisa pretendeu “invadir” o espaço privado do Condomínio Abelha, não obteve êxito. Apesar de inicialmente os responsáveis colocarem-se à disposição e concordarem em fornecer dados para o mapeamento dos moradores, os mesmos nunca foram disponibilizados de fato. Após meses de contatos com o síndico e com a administração para a obtenção das informações, esses declararam receio com relação à invasão que uma pesquisa poderia representar na rotina dos condôminos. Segundo eles, o condomínio é um espaço com suas próprias regras e leis. Em suas palavras, “uma cidade dentro da cidade, a diferença é que temos uma renda *per capita* superior aos que estão de fora”. Sendo assim, afirmaram que “os moradores podem não abrir suas vidas para entrevistas de uma pesquisa”.

Tal afirmação (re)vela este espaço como de apartação, ou antes, de auto-apartação. Nele, os moradores pretendem ausentar-se da vida que se passa fora dos seus muros. Mas, na realidade isso não é possível, pois o referido condomínio é um espaço exclusivamente residencial. Os moradores necessitam cruzar as suas fronteiras para frequentar outros espaços da cidade

³ Nome fictício.

como escolas, comércios, igrejas, clubes, dentre outros. Não é possível a ausência total de contato com aqueles cuja renda *per capita* é menor, mesmo porque estes adentram o espaço do condomínio como trabalhadores. São os que lhes servem como jardineiros, faxineiros, porteiros, etc.

Essa constatação demonstra que o uso do espaço não é absolutamente democrático, agravando as diferenças de classe, ao mesmo tempo em que as expõe. Apesar da proximidade física, os habitantes urbanos estão cada vez mais isolados entre si [...] (RAMOS, 2001, p.43).

Inúmeros contatos foram realizados entre os meses de abril e agosto de 2008. Neste período não foi possível sequer mapear o condomínio para identificar os sujeitos que o habitam. Temendo a não realização da pesquisa e o não cumprimento dos prazos estipulados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG, foi necessário dar novo rumo às investigações.

Foi então proposto investigar os sentidos e implicações educativas que se produzem no espaço de sociabilidade e formação na cidade em Jataí - GO. Evitando os espaços urbanos fechados, a pesquisa partiu do espaço da Universidade, por se destacar no cenário urbano jataiense, como um espaço de sociabilidade destinado à formação. Num levantamento preliminar percebeu-se a ausência quase total de investigações que contemplassem o espaço da Universidade no contexto urbano de Jataí e, menos ainda, das relações que os acadêmicos estabelecem com os outros espaços da cidade.

Optou-se por investigar essa problemática privilegiando os alunos do curso de Pedagogia do Campus de Jataí. O curso de Pedagogia, é o mais antigo do Campus da UFG em Jataí, e pode ser tomado como expressão da consolidação do próprio Campus na década de 1980. Entre seus alunos prevalece a maioria de mulheres trabalhadoras, de diferentes faixas etárias e condições sócio-econômicas, residentes principalmente em Jataí, mas também com grande ocorrência de moradores em cidades da região – Aparecida do Rio Doce, Cachoeira Alta, Caiapônia, Caçu, Serranópolis entre outras – que viajam diariamente para frequentar as atividades universitárias.

É nesse contexto que coube questionar como a cidade de Jataí constitui-se como espaço de sociabilidade para os acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí. Como se dão as relações desses alunos

com a cidade? De que modo eles vivem suas experiências na cidade? Quais sentidos são produzidos por esses sujeitos na experiência de sociabilidade e formação na cidade em Jataí?

Em síntese, a questão que orientou a pesquisa pode ser formulada da seguinte maneira: **Quais sentidos são produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí acerca da experiência de formação e sociabilidade urbana na cidade em Jataí-GO?**

Investigações acerca da sociabilidade são caras às pesquisas desenvolvidas nas diversas linhas da área de educação. Portanto é pertinente uma investigação que propõe desvelar o processo de sociabilidade na cidade, uma vez que esta constitui-se como espaço privilegiado das relações entre os sujeitos na sociedade hodierna.

A cidade está implicada nos processos educativos, uma vez que, no capitalismo, fornece o que Lefebvre (1999) chamaria de pano de fundo da sociedade burguesa, e vai mais longe do que suporia uma investigação superficial. “Ela é coisa social, na qual são evidentes (tornam-se sensíveis) relações sociais que, tomadas em si, não são evidentes, de sorte que é necessário concebê-las pelo pensamento” (LEFEBVRE, 1999, p.140-141).

Faz-se necessário pensar a cidade por meio dos processos de formação e sociabilidade que nela se desenrolam, pois estes processos são educativos, formativos. “Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante com esse espaço é de interação ativa, suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação” (CAVALCANTI, 2001, p.21).

“A cidade é educadora: ela educa, ela forma valores, comportamentos, ela informa com sua espacialidade, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita” (CAVALCANTI, 2001, p.23). Partindo desta reflexão, essa investigação se norteou pela busca de desvelar a cidade, suas intrincadas relações e os processos que aí se desenvolvem enquanto formas de sociabilidade emancipatórias ou heterônomas de sujeitos concretos.

Nessa perspectiva buscou-se apreender como se constituem as relações dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí com a cidade de Jataí – GO e de que modo experienciam a cidade, visando analisar as implicações educativas/formativas da experiência dos processos de

sociabilidade e formação que são produzidas no cotidiano dos acadêmicos.

1.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório com procedimentos predominantemente qualitativos. Após a elaboração do projeto, o mesmo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFG⁴ e aprovado em dezembro de 2008.

Com a finalidade de identificar os estudos que tomam Jataí como objeto, foi feito um levantamento bibliográfico. Para tanto, realizou-se uma pesquisa no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Foram levantadas as produções e publicações realizadas em cursos de pós-graduação– Mestrado e Doutorado – sobre a cidade de Jataí, entre os anos de 1990 e 2007 e esse material, ainda que escasso, serve de referência para parte das análises realizadas.

Na primeira etapa da pesquisa empírica⁵ foram aplicados questionários (anexo 2), que objetivavam mapear e caracterizar o perfil dos alunos, no universo dos matriculados entre o 1º e 8º⁶ períodos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, em todas as suas turmas, no segundo semestre do ano letivo de 2008. Foram investigadas as variáveis idade, sexo, período do curso, cidade onde reside e atividades realizadas na cidade de Jataí. Os questionários foram aplicados nas dependências da instituição, nos horários de aulas das turmas, em dias alternados, com anuência dos professores e da coordenação do curso. A alternância de dias e horários objetivou alcançar o maior número possível de alunos.

⁴ Antes de encaminhar o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, a pesquisadora procurou a coordenação do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, para que expressasse sua anuência quanto a participação do curso na pesquisa (Documento de concordância – Anexo 1).

⁵ Nas etapas de coleta de dados os alunos que participaram da pesquisa expressaram anuência quanto à sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo 4). Cada aluno recebeu o documento em duas vias, para consentimento individual, antes do início da coleta de dados.

⁶ No segundo semestre do ano letivo do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí são oferecidos apenas os 2º, 4º, 6º e 8º períodos do curso, cada um com duas turmas (A e B). Sendo assim, as informações obtidas não se referem as turmas do 1º, 3º, 5º e 7º períodos, uma vez que os questionários foram aplicados no segundo semestre letivo do ano de 2008.

A partir da caracterização dos estudantes formaram-se três grupos que, considerando a relação que mantém com a cidade de Jataí, agrupam os alunos da seguinte forma: (1) **moram em Jataí a vida toda**, (2) **moraram em outro lugar antes de se mudarem para Jataí** e (3) **não moram em Jataí e viajam diariamente para estudar na UFG/Campus Jataí**. Assim foi possível realizar a segunda etapa de coleta de dados, por meio de entrevistas semi-estruturadas (anexo 3) com sujeitos de cada grupo. Foram realizadas 11 entrevistas, cinco com alunas que moram em Jataí a vida toda (VT); cinco com alunas que moraram em outro lugar antes de morar em Jataí (AE) e 1 com aluna que não mora em Jataí (NM).

Houve dificuldades para entrevistar as alunas do grupo NM, uma vez que estas “não estão em lugar nenhum”, devido a rotina diária de viagens. Quando estão em suas cidades, trabalham. Geralmente saem para Jataí à tarde e retornam apenas na madrugada do dia seguinte. E quando estão em Jataí, tem aulas. Para realizar a entrevista foi necessário agendar no período de aulas e a aluna precisou se ausentar da sala, contudo nem todas tiveram disponibilidade e/ou condição para tanto. Tal realidade justifica a única entrevista do grupo NM.

Os grupos entrevistados são homogêneos em sua singularidade, enquanto expressão da heterogeneidade do conjunto estudado. As informantes foram selecionadas a partir da análise das informações obtidas nos questionários. As entrevistas foram realizadas nas dependências da UFG/Campus Jataí, em horários determinados pelas entrevistadas e foram gravadas e transcritas. Foi realizado um encontro de aproximadamente uma hora com cada aluna entrevistada. O objetivo foi aprofundar a compreensão acerca do cotidiano e das relações que os sujeitos estabelecem na cidade para se apreender as marcas dos processos de socialização e formação vivenciados no cotidiano na cidade em Jataí.

Nas duas etapas de coleta de dados foram feitos esclarecimentos⁷

⁷ Esclarecimentos feitos e procedimentos éticos tomados: 1) sobre os possíveis riscos e desconfortos admitiu-se que o questionário e as entrevistas poderiam incorrer em um pequeno desconforto (exposição emocional e constrangimento pela exposição de informações pessoais) por interrogar a respeito da rotina do sujeito, bem como de sua privacidade. 2) a participação no estudo seria voluntária e que a recusa em participar não traria penalidade de qualquer natureza, assim como poderiam deixar a pesquisa a qualquer momento. 3) todo o material coletado seria destinado à análise e o acesso aos dados é restrito à pesquisadora responsável,

relativos à explicitação dos possíveis riscos e desconfortos para os envolvidos na pesquisa, dos benefícios implicados, dos objetivos e da metodologia de pesquisa. Além de serem garantidos os procedimentos éticos indicados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG.

O processo investigativo permitiu identificar como se estruturam as relações dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí com a cidade de Jataí e os sentidos que produzem nessa experiência de sociabilidade e formação.

A exposição desses processos investigados e de seus fundamentos se estrutura em três capítulos. O primeiro apresenta a cidade moderna que se constitui, para além do lugar, como um modo de viver. Em um primeiro momento, a partir de Marx e Engels (2006) e Munford (1982) são apresentadas diferentes constituições de cidades e de seus desenvolvimentos. Em seguida toma-se a cidade como forma específica de organização do espaço no sistema cultural da sociedade capitalista, urbana e industrial por meio de Castells (1983), Cavalcanti (2001), Souza (2003), Rolnik (2004), Santos (1999), Miranda (1995) e Lefebvre (1991). Discute-se a cidade hodierna considerando-a espaço que se (des)organiza contraditoriamente como realidade estrutural basilar da sociedade capitalista. Ainda é apresentada a configuração da cidade de Jataí. Melo (2003) e Silva (2005) são fundamentais para se compreender o processo de produção da cidade e para tomá-la em sua singularidade que, se inscreve num contexto maior, do estado, do país e do mundo e remete à universalidade das cidades contemporâneas. Nesse contexto, situa-se a UFG no cenário urbano jataiense. Dourado (2001) trata da implantação do campus de Jataí na sua significação de expressão e consolidação do processo de modernização. Por fim, destaca-se, na UFG/Campus Jataí, o curso de Pedagogia, que expressa a consolidação do campus já na década de 1980.

No segundo capítulo considera-se os alunos do curso de Pedagogia

que garantiu a proteção dos mesmos, atenuando eventuais riscos da participação na pesquisa. 4) durante o desenvolvimento do projeto os dados coletados nos questionários e entrevistas ficarão armazenados em bancos de dados físicos e magnéticos a serem mantidos em armário disponível na sala do NEPEEC/UFG, sob absoluto sigilo. Após a organização, tabulação e análise o material será descartado (doação para reciclagem). 5) Ao final da pesquisa os resultados obtidos serão divulgados no trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Educação, e ainda poderão ser publicados em periódicos e apresentados em eventos da área, mantendo-se o cuidado de não permitir a identificação dos sujeitos participantes.

da UFG/Campus Jataí indivíduos que constituem a cidade ao mesmo tempo em que são constituídos por ela. É apresentado um perfil dos alunos traçado a partir dos questionários, apresentando-os em três grupos específicos, de acordo com a relação que estabelecem com a cidade, e que permitem elaborar reflexões concernentes a realidade da cidade de Jataí, bem como dos estudantes do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí. Neste capítulo indica-se ainda a relação dos indivíduos com o espaço de formação e sociabilidade que é a cidade de Jataí que implica traços da comunidade, embora viva-se num contexto ambíguo, no qual características da moderna sociedade também se fazem presentes.

No terceiro capítulo são elencadas marcas e cicatrizes dos processos de formação e socialização, presentes nos acadêmicos habitantes e/ou frequentadores da cidade de Jataí, que foram indicadas nas entrevistas. Os entrevistados falam de si em particular, mas remetem a universalidade do que é vivido na cidade em Jataí, a partir do que é possível considerar a universalidade da urbe hodierna. São referências Adorno e Horkheimer (1973a e 1973b), Tönnies (MIRANDA, 1995) e Bourdieu (1997). As entrevistas ao falarem de Jataí como lugar no qual se inscrevem o tradicional e o moderno, explicitam a contradição existente nesta relação. Ao revelarem tal processo, os acadêmicos dizem da tensão vivida na cidade que, ao mesmo tempo em que encanta como um espaço que pode ser considerado pertencente a cada um, surge como algo estranho, na medida em que se transforma cotidianamente. Nesse contexto, considera-se o processo de encantamento e estranhamento vividos nos espaços de sociabilidade jataienses. Jataí é vista como lugar de contradição, para o qual se olha com encantamento, ao mesmo tempo em que se estranha. Tal ambiguidade, que se constitui num processo de interação e tensão que é vivida em todos os espaços da cidade. A Universidade, importante espaço de socialização da/na cidade é um emblema da reprodução das condições vividas na cidade e, assim como nesta, os sentidos se estabelecem em contradição.

CAPÍTULO 1

CIDADE: MAIS QUE UM LUGAR, UM MODO DE VIDA

A cidade moderna constitui-se, para além do lugar, como um modo de viver. Para a maior parte das pessoas, a cidade é a referência básica da vida cotidiana pois, mais que uma aglomeração de pessoas e objetos, “mais que uma simples localização concentrada ela é um modo de vida.” (CAVALCANTI, 2001, p.22).

A cidade capitalista, industrial é própria do sistema que a constitui. No entanto, é certa a existência pretérita de diferentes estágios de desenvolvimento da divisão do trabalho, que representaram formas diversas de propriedade, determinando “as relações entre os indivíduos no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho” (MARX e ENGELS, 2006, p.46). O que significa dizer de formas distintas de organizações societárias, remetendo à idéia de distintos arranjos urbanos.

Segundo Marx e Engels (2006), na Antiguidade a cidade se constituía a partir da reunião de várias tribos. Este período “dava seu arranque a partir da cidade e de seu pequeno território” (MARX e ENGELS, 2006, p.49), no qual subsistia a escravidão. A estrutura social baseava-se na propriedade coletiva dos cidadãos ativos. É a propriedade comunal e estatal da Antiguidade, para os teóricos (2006), a segunda forma de propriedade. Esta se desagregava à medida que se desenvolvia a propriedade privada imobiliária.

Na Antiguidade, a divisão do trabalho estava mais avançada em relação à anterior forma de propriedade, a tribal. Para Marx e Engels (2006) esta foi a primeira forma de propriedade, na qual a estrutura social limita-se a extensão da família. Naquela época já se encontrava a oposição entre a cidade e o campo e dos Estados que representavam os seus interesses. E no interior das cidades ocorriam interesses que se opunham entre o comércio marítimo e a indústria.

A Idade Média, por sua vez, partiu do campo com sua estrutura feudal de posse da terra. Para Marx e Engels (2006), esta corresponde à terceira forma de propriedade, chamada feudal ou estamental. Neste período histórico, as cidades foram característica de expansão e fomento, lugar da

alteração nas estruturas de poder e florescimento econômico e cultural.

Sucedeu-se uma grande expansão demográfica, que se acalorava pelas necessidades impostas ora pela agricultura, ora pela guerra, levando a intensificação do crescimento urbano. Ao mesmo tempo em que a expansão demográfica, acontecia também a expansão comercial, que levou a uma intensa transformação econômica na sociedade. Aqueles que se afastavam das atividades rurais reuniram-se nas cidades e passaram a oferecer às populações rurais, bens em troca de alimentos e matérias-primas procedentes do campo. A produção nas cidades organizava-se em associações profissionais, as chamadas corporações de ofício.

A Igreja era uma das principais personagens no palco da cidade medieval. As atividades econômicas, produtivas, financeiras, culturais, como as demais, não se esquivaram de sua tutela. A instituição contracenava com outras figuras: o Império, os poderes particularistas – feudos e comunas – e as monarquias. Estas estruturas de poder estavam em constantes conflitos internos e também entre si. Cada uma buscava submeter as demais ao seu próprio modo de pensar.

Feita recinto sagrado, a cidade medieval, abrigou-se nos contornos da muralha. Nela, de acordo com Mumford (1982, p.38) explodiu a inventividade da vida. Funções antes dispersas e desorganizadas limitaram-se a uma área que ao mesmo tempo restringia e expandia a vida humana, em todas as suas dimensões.

Em verdade, a partir das suas origens a cidade pode ser descrita como uma estrutura especialmente equipada para armazenar e transmitir os bens da civilização e suficientemente condensada para admitir a quantidade máxima de facilidades num mínimo espaço, mas também capaz de um alargamento estrutural que lhe permite encontrar um lugar que sirva de abrigo às necessidades mutáveis e às formas mais complexas de uma sociedade crescente e de sua herança social acumulada (MUMFORD, 1982, 38-39).

Entretanto, alguns estudiosos não nomeiam de cidade as formas de povoamento pré-industriais, para os quais estes seriam diferentes formas históricas de organização espacial. Castells (1983, p.41) considera tal problematização e afirma que para se chegar a uma delimitação válida do conceito de cidade há que se analisarem as “relações estabelecidas historicamente entre o espaço e a sociedade”, quer seja, a produção social das

formas espaciais.

Castells (1983) corrobora Marx e Engels (2006) ao considerar que a especificidade dos conteúdos sociais assinala formas específicas de espacialização. Sendo assim, o espaço não é uma organização dada ao acaso, pois “as unidades espaciais se definem em cada sociedade conforme a instância dominante, característica do modo de produção (político-jurídica no feudalismo, econômica no capitalismo)” (CASTELLS, 1983, p.335).

Na cidade, tomada como forma específica de organização do espaço no sistema cultural da sociedade industrial capitalista, equivalem os processos de urbanização e industrialização. A indústria faz-se elemento dominante que organiza a paisagem urbana, enquanto expressão da lógica capitalista, que é, por sua vez, base para a industrialização. Portanto, a (des)ordem urbana “representa a organização espacial proveniente do mercado” (CASTELLS, 1983, p.46). Contudo, essa organização não é linear ou mecânica. Não há proporcionalidade entre urbanização e industrialização, e sim relação dialética e contraditória de interdependência.

Certamente há muitas discussões concernentes às delimitações teóricas de termos tais como ‘cultura urbana’, ‘espaço urbano’, ‘sociedade urbana’, ‘urbanização’, ‘relação urbano-rural’, dentre outros. Essas discussões estão amplamente elaborada por especialistas⁸ e não é objeto deste estudo esgarçar tal conteúdo, mas antes tomar a cidade para além do lugar, como modo de vida.

Assim, a cidade é compreendida, para fins de síntese neste trabalho, como espaço que se (des)organiza contraditoriamente como realidade estrutural basilar da sociedade capitalista. Não se trata de definir cidade, mesmo porque “definir é uma coisa que nada tem de muito simples. [...] A cidade é um objeto complexo e, por isso mesmo, muito difícil de se definir” (SOUZA, 2003, p.24-25). Assim, o que está em questão quando se considera a

⁸ Algumas referências sobre a temática: CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996. CÔRREA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989. ____ **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995. SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDIUSP, 2005. VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001. VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

cidade é um “tipo de organização social ligada à industrialização capitalista” (CASTELLS, 1983, p.133-134), que se define por um conteúdo que lhe é próprio e específico.

Quando falamos de ‘sociedade urbana’, não se trata nunca da simples constatação de uma forma espacial. A ‘sociedade urbana’, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação. Dito isto, o qualitativo ‘urbano’, agregado à forma cultural assim definida não é inocente. Trata-se, como já assinalamos, de conotar a hipótese da produção da cultura pela natureza ou, se preferirmos, de um sistema específico de relações sociais (a cultura urbana) por um determinado quadro ecológico (a cidade) (CASTELLS, 1983, p.127).

A cidade é, portanto, ao mesmo tempo, expressão de uma organização social e meio determinado tecnicamente, na qual se alternam criação e opressão num espaço calcado no raciocínio técnico e na primazia do lucro. A produção do espaço urbano capitalista é contraditória. Segundo Cavalcanti (2001, p.16) “tem uma lógica na necessidade de aglomeração que tem o capital, mas também na necessidade de ocultar contradições sociais”.

Portanto, afirma Souza (2003, p.63), trata-se de uma realidade sócio-espacial complexa, cuja organização interna revela a sua complexidade enquanto produto social. As cidades se organizam em diferentes tipos de espaços, de acordo com a atividade neles predominantes. Conforme Cavalcanti (2001, p.13), na cidade se organiza a produção da vida cotidiana, ou seja, as atividades desenvolvidas por seus habitantes, tais como as de lazer, educação, trabalho e descanso.

A dinâmica interna da cidade ainda se compõe pela circulação, tanto de pessoas, quanto de mercadorias. Para que a vida nas cidades ocorra “é preciso que as pessoas possam circular por sua malha viária e possam participar assim, individual e coletivamente, de sua produção” (CAVALCANTI, 2001, p.13). A dinâmica da cidade compõe-se ainda, segundo Cavalcanti, (2001), por um terceiro elemento referido a uma necessidade humana básica, a moradia. No arranjo espacial das cidades a habitação obedece à lógica da produção econômica e se organiza por contornos muito complexos e contraditórios, próprios da organização capitalista.

Na cidade há diferentes espaços. Existem aqueles nos quais se localizam privilegiadamente o comércio e os serviços. Muitos destes estão no

chamado “centro”. O “centro é apresentado claramente pela maioria das cidades. Correspondem, muitas vezes, ao centro histórico, mas quando as cidades crescem e veem suas distâncias aumentadas em relação ao centro, tendem a desenvolver subcentros de comércio e serviços para atender a população dos diversos bairros.

Ao caracterizar estes espaços, Souza (2003, p.66) afirma que comumente o “centro” é um espaço de atividades especializadas e sofisticadas, muitas vezes tangenciado por uma área de padrão muito mais baixo no qual a população moradora de baixo poder aquisitivo mistura-se ao comércio popular e pequenas prestadoras de serviço. Os subcentros, por sua vez, refletem as características sócioeconômicas da população residente em seu entorno.

Nas cidades há também áreas claramente destinadas para uso residencial, nas quais existem pequenos comércios de bairro nos quais são vendidos gêneros de consumo rotineiro. Estas áreas se diferem do ponto de vista sócioeconômico, tendo como principal variável de diferenciação a renda das pessoas, o que implica diretamente nas condições de qualidade de vida.

Embora seja necessário considerar outros fatores para a separação dos habitantes nas cidades (pertencimento a grupo étnico, cultural ou religioso), tal diferenciação remete, na sociedade capitalista, a “*classe social* do indivíduo, a qual tem haver com a posição que ele ocupa no *mundo da produção*” (SOUZA, 2003, p.67, grifos do autor).

Ainda Souza (2003) afirma que o fenômeno da segregação residencial se dá ao longo da história da urbanização, mas que o capitalismo acarretou uma mudança de magnitude em seu padrão, o que resultou em diferentes e contraditórios lugares – de diferentes classes e diferentes grupos. Uma das características deste fenômeno é a crescente separação entre os locais de moradia e os de trabalho e ainda entre os locais de moradias dos proletários, dos industriais, dos pequeno-burgueses e dos profissionais liberais.

Em se tratando de segregação residencial é possível apontar duas facetas e faz-se necessário manter entre elas uma distinção forte. Uma delas refere-se a segregação induzida,

na qual os pobres são induzidos, por seu baixo poder aquisitivo, a residirem em locais afastados do CBD [*central business district*] e das eventuais amenidades naturais e/ou desprezados pelos moradores mais abastados. Nesses locais, não é apenas a carência de infra-

estrutura, a contrastar com os bairros privilegiados da classe média e das elites, que é evidente; a *estigmatização* das pessoas em função do local de moradia (periferias, cortiços e principalmente favelas) é muito forte (SOUZA, 2003, p.69, grifos do autor).

Já a auto-segregação põe-se como uma situação diferente. Nela as pessoas optam por apartarem o mais possível da cidade, vista como desagradável por ser barulhenta, poluída e congestionada, por exemplo; e ainda como ameaçadora, graças à pobreza e à violência presente nas ruas. Esta faceta do fenómeno segregação residencial está fortemente vinculada à busca por segurança por parte das elites. No entanto,

os que se auto-segregam na condição de moradores, são, em grande parte, os mesmos que, na condição de elite dirigente, são, ao menos, co-responsáveis pela deteriorização das condições de vida na cidade, inclusive no que se refere à segurança pública, seja por suas ações, seja por sua omissão (SOUZA, 2003, p.71).

Na cidade hodierna, as muralhas medievais foram transpostas, mas a segregação impõe outras barreiras tão ou mais cerceadoras, embora não evidentes a um olhar desatento. “É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro entre os demais” (ROLNIK, 2004, p.40). São as fronteiras impostas aos diferentes grupos no espaço da cidade.

Segundo Rolnik (2004), além da separação dos locais de trabalho dos locais de moradia, a cidade passa, ao mesmo tempo, por uma reorganização que se faz sob o signo da privacidade e isolamento. Neste contexto

O lar – domínio de vida privada do núcleo familiar – e de sua vida social exclusiva – se organiza sob a égide da intimidade. Isto implica uma micropolítica familiar totalmente nova e ao mesmo tempo significa em uma redefinição da relação espaço público/privado na cidade. [...] A vida social burguesa se retira da rua para se organizar à parte, em um meio homogêneo de famílias iguais a ela (ROLNIK, 2004, p.49).

A rua morre como espaço de socialização e se define como espaço de passagem para pedestres e veículos. Ao passo que a casa isola-se em si mesma, pois se segrega do espaço de produção do ponto de vista mercadológico. A moradia não se configura como uma unidade de produção e os bens que seus moradores necessitam são adquiridos fora delas.

No espaço contraditório da cidade, as idéias de cidadania coletiva, de prática solidária, de valores sociais são estranhas a presente racionalidade que cultiva o individualismo, fortalece a vida privada e a separação entre a casa e a rua. Isso se apresenta na vida cotidiana dos habitantes ou freqüentadores da urbe.

A cidade é o espaço onde se passa prioritariamente a vida e, para Santos (1999), com a modernização contemporânea, esse espaço é mundializado. Ou seja, os vetores da modernidade se instalam em todos os lugares, quer de maneira simples, quer complexa. Destarte as cidades se configuram como lugares globais – simples ou complexos. Nas primeiras, apenas alguns vetores da modernidade se instalam, ao passo que nas demais há abundância deles. “Por isso a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas podem aí se instalar, conviver e prosperar” (SANTOS, 1999, p.258).

Por abrigar tamanha diversidade de capital e de trabalho, a cidade, referindo-se especialmente as metrópoles – tidas como lugares complexos por excelência – atrai e acolhe as multidões. Inclusive a dos pobres expulsos do campo pela modernização da agricultura e dos serviços nas médias cidades. Essa multidão enriquece a diversidade socioespacial das cidades, o que se manifesta em diferentes maneiras de viver, na produção de espaços e em formas de trabalho contrastantes.

As contrastantes formas de trabalho expressam-se em duas situações típicas nas cidades. Santos (1999, p.259, grifos do autor) afirma que “há, de um lado, a economia globalizada, produzida *de cima*, e um setor produzido *de baixo*”. Cada um destes setores instala nas cidades divisões do trabalho que lhe são típicas, com especialização das suas atividades. Nas cidades vê-se “uma variedade infinita de ofícios, uma multiplicidade de combinação em movimento permanente, dotadas de grande capacidade de adaptação, e sustentadas no seu próprio meio geográfico” (SANTOS, 1999, p.260), que se tomado em sua forma e conteúdo pode ser tido como híbrido das relações sociais.

A urbe hodierna contrapõe, superpõe e sobrepõe lugares luminosos e lugares opacos. Segundo Santos (1999) os luminosos são os lugares dos homens velozes, espaços regulares, exatos, fechados, racionalizados e

racionalizadores. Já os opacos, onde vivem os pobres, são os lugares dos homens lentos, espaços do aproximativo, da criatividade, inorgânicos e abertos.

Os primeiros, os que na cidade tem mobilidade, acabam por ver pouco dela e do mundo, enredam-se no conforto das imagens pré-fabricadas e a comunhão com elas cria uma estranha naturalidade, mecânica e rotineira. Já para os homens lentos, as imagens da cidade luminosa são tidas como miragens, as quais não podem apropriar. Constituem-lhes imaginário perverso, e é assim que, para Santos (1999, p.261) “acabam descobrindo as fabulações”. É certo que descobri-las não significa automaticamente desvelá-las ao ponto de opor-se a elas, mas saber-se opaco, ruidoso em meio ao brilho que roçam, mas não alcançam.

Na cidade, o movimento se sobrepõe ao repouso. Nela tudo muda de lugar a todo o tempo, tanto as mercadorias como os homens. Fazer parte deste movimento frenético, segundo Santos (1999), desterritorializa o sujeito. É estranho a ele defrontar-se com um lugar que não ajudou a criar, cuja memória não lhe pertence e cuja história desconhece. Na cidade onde tudo “voa” não se estabelece convivência longa com os objetos, com os trajetos, com as imagens e com os outros. Não se constrói a familiaridade da comunidade local fruto de uma história própria, construída por sujeitos ativos. “Daí a ideia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização” (SANTOS, 1999, p.262, grifos do autor).

Contudo, por mais intensas que sejam as mudanças propostas a/na cidade hodierna, esta não rompe definitivamente com o passado, pois nela coexistem, num processo de tensão e ruptura, o moderno e o tradicional. Na cidade a tradição permanece não como mera repetição do que se foi, mas enquanto movimento de vida a suscitar o presente, que lança mão da tradição e nela são dadas alternativas que exercem uma constante ação rumo ao novo. Portanto, o passado na cidade nega e reforça o presente.

A cidade guarda em si muito da tradição que a constituiu e, ao mesmo tempo, mostra a agitada rotina da moderna urbe. Nela os sujeitos vivem as tradições da comunidade que combatem e coexistem com o moderno da sociedade. O continuado processo de interação e tensão entre as tradições

da comunidade com o moderno da sociedade definem a cidade e seus habitantes.

A vida em comunidade abarcaria “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto” enquanto a sociedade seria “a vida pública – o próprio mundo”. Na comunidade é intrínseca “uma ligação desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no bem estar quanto no infortúnio. Já na sociedade, entra-se como quem chega a uma terra estranha” (MIRANDA, 1995, p.231-232).

A cidade e o modo de vida citadino vivido no cotidiano são operados pela racionalidade que produz e reproduz a sociedade moderna, pela contradição dos sentidos que se produzem. Segundo Lefebvre (1991) é burocrática de consumo dirigido. É técnica e a consciência derivada dela, sem antes dominá-la, não alcança uma reflexão que lhe confira um sentido. Tende a eliminar as mediações complexas da vida social, aquelas que agregam a produção material fatores ideológicos, valorativos e simbólicos (LEFEBVRE, 1991, p.58). Sendo industrial, visa produzir para dominar e para o proveito da burguesia e não para a plenitude dos sujeitos.

Sociedade de abundância é, concomitantemente, de insatisfação e de ausência, pois mesmo que ofereça diversas possibilidades para o consumo, gera diferentes necessidades a serem saciadas, ao mesmo tempo em que a impossibilidade de satisfação. Sociedade do lazer, na qual busca-se o rompimento frente ao tempo obrigatório do trabalho, a festa frente à fadiga da vida moderna, uma ruptura breve, momentânea, para a qual se dirige a atenção quando na rotina. É a sociedade ‘de consumo’ que, regida pela ideologia do consumo, apaga “a imagem do homem ativo, colocando em seu lugar a imagem do consumidor como razão de felicidade, como racionalidade suprema, como identidade do real com o ideal” (LEFEBVRE, 1991, p.60).

O consumidor, por sua vez, compra ideais e sonhos. Ele quer se igualar às personalidades olímpicas de Lefebvre (1991) que parecem nunca se enredar na cotidianidade ou as celebridades do cinema e da televisão que parecem viver em constante festa, pois a ideologia do consumo é a possibilidade para uma vida significativa. Contudo, “o consumidor engole metalinguagem [...] a coisa em si escapa ao consumo devorador, ficando limitado ao discurso” (LEFEBVRE, 1991, p.144).

Você está em casa, diante da lareira, que é povoada pela telinha [...], e alguém se ocupa de você. Esse alguém lhe diz como viver cada vez melhor: o que deve comer, o que beber, como vestir-se e mobiliar a casa, como habitar. E aí está você programado. Salvo neste ponto: sobra a você a tarefa de escolher entre todas estas boas coisas, e o ato de consumir continua sendo uma estrutura permanente. (LEFEBVRE, 1991, p.117).

Para Lefebvre (1991) a sociedade é terrorista. O terrorismo nasce da própria sociedade para ela mesma, e cada um é terrorista do outro e de si próprio. Propaga uma situação de descontentamento, ansiedade, estranhamento e instabilidade que o autor chama de mal-estar. Numa constância e num oscilar entre saturação e insatisfação, que se torna fator social e cultural, ultrapassando os contornos da individualidade. “Tudo se passa como se as pessoas não tivessem nada para dar um sentido à sua vida cotidiana, nem mesmo para se orientar e dirigi-la” (LEFEBVRE, 1991, p.92).

Lefebvre (1991) postula a cotidianidade como uma realidade da modernidade. Chega junto com o mundo da mercadoria, na qual se evidencia a miséria do cotidiano. Na cotidianidade vive-se “o enfadonho, as humilhações [...] as relações elementares com as coisas. [...] O repetitivo. A sobrevivência da penúria e o prolongamento da escassez” (LEFEBVRE, 1991, p.42), enquanto sua grandeza reside na apropriação, na perpetuação da vida em sua continuidade, na “possibilidade de fazer da vida cotidiana uma obra, para os indivíduos, grupos e classes” (LEFEBVRE, 1991, p.43).

Na cotidianidade da vida citadina predomina a irracionalidade, apesar da premissa moderna de razão. O sujeito é dominado e aterrorizado. O capital e a mercadoria imprimem sua racionalidade burocrática a todos os aspectos do cotidiano da urbe. Os modelos de organização e gestão da grande empresa tendem a invadir a prática social e determinar a vida das pessoas de modo claro, prático e lógico, mas que ocultam a prática dominante.

Portanto, as cidades, por dentro do desenvolvimento das forças produtivas, fornecem o que Lefebvre (1999) chamaria de pano de fundo da sociedade burguesa. Fazem parte das condições históricas, implicadas no capitalismo. Neste palco de contradições bailam as cidades hodiernas, assim também Jataí que, em sua singularidade, expressa a universalidade das relações que se passam na moderna vida urbana.

1.1 JATAÍ: CIDADE SINGULAR, EXPRESSÃO DO UNIVERSAL

A primeira pesquisa identificada que trata da cidade de Jataí data de 1996⁹. Machado (1996) publica “Sudoeste de Goiás: desenvolvimento desigual”. O trabalho não trata nomeadamente da cidade de Jataí, contudo a considera, por ser um importante município do sudoeste goiano. Assim também “Arapuca armada: ação coletiva e práticas educativas na modernização agrícola do sudoeste goiano” (LEAL, 2006). Pires (1997) em “O ensino secundário em Jataí nas décadas de 40 e 50”, analisa a estrutura do ensino secundário no município de Jataí, não trata especificamente da cidade, embora contemple uma breve contextualização da mesma.

Há ainda algumas publicações, que embora não tenham como temática central a cidade de Jataí, tratam de alguns de seus aspectos em momentos específicos da reflexão, “A Materialização da Democracia em Jataí: Um Estudo da Relação do Poder Público com a Comunidade Jataiense na Configuração da Ação da Superintendência de Esporte e Lazer do Município” (LEAL, 2002). Oliveira (2003) com “Bobos e tipos de rua: tempo e memória de cidades”, um trabalho que discute a presença dos bobos ou tipos de rua na memória social, enfocando as narrativas encontradas em Jataí. E Lima (2005) “Políticas Públicas educacionais para a educação infantil em Jataí: da proposição à materialização”.

Tratando do município de Jataí, embora não especificamente da cidade, foram publicados trabalhos vinculados a Pós-Graduação em Geografia, tanto a nível de Mestrado quanto de Doutorado. Podem-se destacar trabalhos diversificados. Oliveira (2002) “Solo Pobre, Terra Rica: paisagens do cerrado e agropecuária modernizada em Jataí- Goiás”. “Modernização da agricultura: estrutura produtiva agrícola; alterações paisagísticas; reorganização espacial; município de Jataí” publicado por Ribeiro (2003). Katzer publica “Da labuta para a conquista da terra aos labirintos da sojicultura: um olhar sobre o assentamento Rio Paraíso, em Jataí - GO”, em 2005. E “Produção rural familiar em Jataí (GO): a comunidade rural da onça”, por Fockink, em 2007. E ainda,

⁹ Por meio de uma pesquisa realizada no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), constatou-se que entre 1990 e 1995, não houve publicação sobre a temática.

vinculado a Pós-Graduação em Educação, “Educação e ruralidades jataienses”, por Oliveira (2004).

Apesar dessas publicações, a produção sobre a cidade de Jataí não é ampla e a própria escassez provoca o interesse e legitima a pesquisa que ora se apresenta. Neste íterim duas dissertações de Mestrado são fundamentais para desvelar o processo de produção da cidade de Jataí. Porque são os únicos trabalhos que remetem especificamente à temática da organização sócioespacial da referida cidade.

Intitulada “Interação campo-cidade: a (re)organização sócioespacial de Jataí (GO) no período de 1970 a 2000” (MELO, 2003), a dissertação trata da reorganização sócio-espacial da cidade de Jataí no contexto de modernização da agricultura entre os anos de 1970 e 2000. E “Encontros e desencontros: estudo do espaço urbano de Jataí - GO” (SILVA, 2005), que investiga a configuração do espaço urbano de Jataí e seu arranjo sócioespacial, sobretudo no cenário pós 1970, a partir da análise de dados econômicos, sociais e políticos.

Essas dissertações são importantes para compreender o processo de produção da/na cidade de Jataí e para tomá-la em sua singularidade que se inscreve num contexto maior, do estado, do país e do mundo e que remete à universalidade das cidades contemporâneas. Estas são o espaço privilegiado do desenvolvimento das relações complexas e contraditórias de sociabilidade no mundo hodierno. Assim também é o cenário urbano da cidade de Jataí - GO, que se expandiu marcado por contrastes que revelam a lógica da (re)produção da sociedade capitalista.

Espaço contraditório, reflexo de uma sociedade pautada em princípios que se distanciam da valorização do indivíduo, [...]. Espaço contraditório onde o ‘novo’ é produzido em detrimento do tradicional que se torna obsoleto no processo de reprodução do espaço urbano. Espaço fragmentado, detentor de lugares, antes não imaginados, onde as relações sociais se restringem ao mínimo possível e as experiências sociais são reduzidas ao âmbito privado; talvez pela falta de tempo da moderna sociedade, talvez pela não identidade com o ‘novo’ numa cidade que guarda muito das relações rurais em suas tradições (SILVA, 2005, p.11).

Jataí é um município localizado no Sudoeste Goiano, a aproximadamente 320Km da capital, Goiânia. Tem suas origens datadas de 1836 e em 31 de maio de 2009 completou 114 anos de sua emancipação

política, datada de 1895. Com economia dinâmica sustentada nos pilares da agricultura e pecuária, vê crescendo dia-a-dia a indústria e o comércio. Se destaca como produtor de grãos. De acordo com a contagem da população feita pelo IBGE (2008), a população da cidade em 2007 era de 81.972 habitantes.

A paisagem urbana da cidade de Jataí guarda em si elementos do contexto social e histórico que a produziu. Melo (2003) entende que Jataí

É integrante do conjunto do espaço brasileiro, cuja "invenção" e transformações, bem como apreensão desses processos passam necessariamente por uma análise que considere as relações sociais, políticas e econômicas desenvolvidas historicamente no país. Essas relações sociais são mediadas, orientadas e ou sofrem interferências de "forças" exógenas que, da lógica de desenvolvimento desigual e combinado do capital, exercem ações no sentido da configuração de espaços homogêneos para circulação e reprodução do capital. Jataí, além de ser parte deste contexto macro, é também, como a maioria das cidades e municípios goianos, uma construção a partir das relações do campo. Jataí é a expressão espacial da acumulação de tempos; tempo dos tradicionais fazendeiros, da criação de bovino dos meeiros, dos agregados, e ainda os imigrantes sulistas (MELO, 2003, p.11).

Silva (2005) propõe uma periodização da ocupação do espaço urbano jataiense. O autor estabelece períodos com características semelhantes a fim de compreender o processo de transformação sócio-espacial que se passa na cidade de Jataí. Trata-se, portanto, de uma periodização definida por características que se relacionam. A pretensão do autor não é a de estabelecer períodos rígidos, ou ainda uma divisão temporal fixa, mas tornar claras algumas variáveis marcantes à configuração sócio-espacial de Jataí, importantes para compreender o seu processo de produção.

[...] consideramos quatro períodos marcantes para o município de Jataí - GO, e conseqüentemente para a formação de seu espaço urbano, que são:

- O primeiro é iniciado com a ocupação das terras em 1836 e marca-se pelas primeiras atividades agropecuárias desenvolvidas nesta região. Este estende-se até as décadas de 1950 a 1970, momento em que a pecuária extensiva veio a declinar;
- O segundo refere-se à chegada da fronteira agrícola e ao início modernização da agricultura, compreendendo a década de 1970;
- O terceiro diz respeito às décadas de 1980 e 1990, período marcado pela consolidação da modernização da agricultura com a produção de monoculturas para exportação. Período de grande dinamismo no espaço urbano;
- O quarto período compreende a atual década de 2000 quando, esgotada a dinâmica econômica produzida pela expansão da fronteira

agrícola, sobressai a busca por alternativas econômicas (SILVA, 2005, p.26).

A história de Jataí sempre esteve relacionada ao campo. A ocupação das terras que deram origem ao município data de 1836, num contexto de expansão da agropecuária para o interior de Goiás. O povoamento do Centro-Oeste brasileiro – bem como de Goiás – teve início no século XVIII, com a descoberta das minas de ouro no estado pelos bandeirantes paulistas, entre os anos de 1722 e 1725, apesar de o estado ter sido percorrido pelas bandeiras desde os primórdios da colonização.

A descoberta das jazidas em Goiás ocasionou o desenvolvimento do processo de povoamento do estado. Tal processo pelas “características da economia mineradora assumiu, inicialmente, um caráter irregular com concentração populacional próxima às jazidas de ouro, e tinha preferência pela formação de nucleamentos urbanos” (MELO, 2003, p.14). Com o adentramento da população no território do país e consequente implantação dos povoamentos era possível à Coroa Portuguesa o controle do vasto território colonial. Assim, as cidades configuravam-se como centro de apoio ao controle das terras, do ouro e das pessoas.

Diferentemente das Minas Gerais a produção do ouro e a economia gerada em Goiás não foram tão expressivas tanto em termos de rendimento, quanto de crescimento populacional. Assim, apesar da orientação da Coroa para a dedicação exclusiva à produção aurífera no século XVIII, a agricultura e a pecuária acabaram coexistindo com a extração de ouro. Ao final do dado século, com a decadência da extração metalífera, Goiás rendeu-se a produção de subsistência.

Como a crise da mineração não ocorreu unicamente em Goiás, populações de outras regiões dirigiram-se para o interior da colônia em busca de terras para atividades agropecuárias de subsistência. Neste período houve um processo de busca pelo meio rural e a formação de núcleos urbanos escassos, embora os mais consolidados (como por exemplo, Vila Boa, em Goiás) mantiveram-se ligados às atividades comerciais e administrativas. Segundo Melo (2003), apesar da decadência da mineração no estado,

[...] a imagem que melhor representa Goiás no final do século XVIII não é a decadência, e sim a mudança de atividades econômicas, a

implantação da agropecuária como sustento econômico e juntamente o desenvolvimento de um modo de vida particular das condições histórico-materiais e culturais dos grupos sociais que formaram a sociedade goiana (MELO, 2003, p.21).

Destarte inaugurou-se no século XIX uma nova dinâmica de povoamento, bem como econômica no estado, ligada à agropecuária. Com isso implantou-se um processo de contínuo aumento da população em Goiás. Até o século XVII, o sudoeste goiano, onde se localiza Jataí, refere-se Melo (2003), era terra de ninguém, pois o desenvolvimento de povoadamentos não ocorreu até o século XVIII.

No século XIX inicia-se a expansão da agropecuária para o interior de Goiás. Neste contexto, chegam os mineiros às terras onde seria Jataí, por meio da família Vilela; e os paulistas, da família Carvalho. As grandes extensões de terras encontradas tinham características naturais que facilitaram seu aproveitamento para a agricultura e criação de gado, nas quais os pioneiros puderam estabelecer propriedade e poder. “Campos, matas fechadas e muitos cursos de água, espaço natural que animou os homens que carregavam como lema a frase: ‘quem planta e cria, colhe alegria’” (MELO, 2003, p.26).

Este foi então “o marco da criação e inserção do município de Jataí, no processo de formação do espaço goiano, bem como do brasileiro” (MELO, 2003, p.25).

Em 1836, foi deixado pelos Vilelas o marco da posse das terras, com as suas primeiras roças plantadas no meio do cerrado goiano, com sementes trazidas de Minas Gerais. A intervenção mais efetiva no sentido de ocupar e organizar esse espaço ocorreu pós 1837, com o encontro do pioneiro mineiro José Manuel Vilela com um outro pioneiro vindo de Franca, da província paulista, chamado José de Carvalho Basto. Posteriormente ao encontro, instalaram-se definitivamente nas terras com suas famílias (inicialmente, somente as esposas), escravos e algum peão branco. Começaram o roçado e a criação de gado com os poucos instrumentos e animais que haviam transportado das Gerais para Goiás (MELO, 2003, p.26).

O distrito de Jataí foi criado em 1864 e, em 1882, o município. A principal atividade econômica praticada pelos que se instalaram nesta porção do sudoeste goiano “era a pecuária extensiva, que perdurou por mais de um século, vindo a declinar nas décadas de 1950 a 1970” (SILVA, 2005, p.17).

A partir de 1864 pouco a pouco o arraial do Jatahy – nome originalmente dado pelos pioneiros – se estabeleceu no distrito como centro de comércio e da administração política. Nele aconteciam os casamentos, os batizados e os sacramentos da Igreja. Pelos idos de 1865 o Exército Brasileiro trilhou as terras de Jataí por ocasião da Guerra do Paraguai, o que acabou impulsionando o comércio e contribuindo com o aumento da criação de gado.

A acumulação oriunda da comercialização materializou-se tanto no campo, como na cidade, nesta especialmente nas edificações de casarões que apesar de rústicos denotavam a riqueza e o senso de conforto das famílias pioneiras. Outro marco instalado na cidade foi, “como na maioria das localidades brasileiras, a construção da Matriz da Igreja Católica no município, em 1867” (SILVA, 2005, p.19).

Portanto, no decorrer do século XIX, em Jataí

[...] aos poucos foi instalada a fazenda, a criação de gado bovino, relações de comércio com outros estados (Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso), relações sociais e culturais no lugar e, juntamente, as instituições da sociedade. Ao lado das famílias pioneiras e no interior das mesmas, surgiu o primeiro professor, o primeiro padre, o tabelião, o Juiz de Paz e outros, bem como a escola, a igreja, o cartório, e outros (MELO, 2003, p.33).

Na primeira metade do século XX a cidade era, principalmente, institucionalização do poder político dos proprietários rurais e lugar no qual se realizam as pequenas trocas. Mesmo no espaço urbano a vida estava totalmente vinculada ao campo, ou seja “era no campo que realizavam a produção material e as relações sociais de produção. [...] A própria vida do núcleo urbano realizava-se a partir das relações do campo e com o campo.” (MELO, 2003, p.33).

A cidade de Jataí, portanto, surgiu a partir do campo, como expressão da produção deste, como espaço simbólico para o sagrado, para o ensino formal, para as festas, os sepultamentos, as reuniões de seus pioneiros e, ainda, como sede político-administrativa – não apresentando função econômica consistente. Nela permaneceram até a segunda metade do século XX características da grande fazenda, “agricultura de subsistência e criação extensiva de gado, e da cidade, com incipiente papel econômico e com funções nitidamente político-administrativas” (MELO, 2003, p.38).

O ritmo lento imposto pelas montarias – meio de transporte comum na região mesmo no início do século XX – viu-se aos poucos dividindo espaço com a modernização dos transportes. A construção de ferrovias aconteceu em algumas porções do estado de Goiás, mas não se efetivou no sudoeste, por isso as estradas de rodagem começaram a ser implantadas por volta de 1915 em diante. De acordo com Melo (2003, p.48), em 1918 o automóvel chegou em Jataí pela primeira vez e pôde ser visualizado ao lado de tropas e boiadas, presentes tanto no campo quanto na cidade.

As consequências de tal novidade foram a maior e mais rápida “fluidez de mercadorias, pessoas, informações, em relação ao tempo precedente, quando o transporte era feito unicamente sobre animais” (MELO, 2003, p.49). A cidade viu ainda a instalação de serviços e comércios necessários ao funcionamento e manutenção dos automotores. Melo (2003) afirma que neste contexto pôde-se notar uma mudança cultural na cidade, que se iniciou na década de 1920, graças à chegada de um “elemento diferente, ‘moderno’, movido por força mecânica, o automóvel” (MELO, 2003, p.48).

Em meados dos anos de 1950, Jataí entrou para a história da construção de Brasília. Foi em 04 de abril de 1955, quando Juscelino Kubitschek, percorrendo o interior do país, realizou um comício na cidade. Era o comício de abertura da campanha à presidência, no qual o candidato apregoou o respeito à Constituição do país, para superação do conturbado contexto político vivido após o suicídio de Getúlio Vargas. Depois de seu pronunciamento, o candidato viu-se “interpelado por um popular – Antônio Soares Neto, conhecido após o episódio por Toniquinho JK – se mudaria ou não a capital para o Planalto, na hipótese de vir a ser eleito” (BORGES, 2002, p.183), conforme determinada a Constituição que acabara de defender.

Ao responder afirmativamente ao questionamento, Juscelino lançou as bases para a construção da nova capital e fez com que Jataí entrasse para a história como a cidade na qual Brasília fora prometida. Tal fato é motivo de orgulho e celebração jataiense. Na cidade existe um museu “Memorial JK”, inaugurado em 2003, para contar a história “do presidente que se comprometeu com Goiás e como o Brasil, em Jataí, a mudar a Capital da República” (BORGES, 2002, p.17).

Até a década de 1960, a economia jataiense esteve assentada na

criação de gado e na agricultura. Esta se destinava quase exclusivamente para abastecimento local, pois neste período não ocorria ainda o desenvolvimento da agricultura para exportação. Na cidade o comércio era uma das principais atividades, porém sem expressividade econômica, abastecia-se de produtos importados para suprir as necessidades locais.

Na década de 1970, de acordo com Silva (2005), inicia-se o segundo período marcante para a história jataiense. Esta década foi assinalada pela modernização da agricultura no país e ocorreu a introdução da agricultura moderna para a produção de culturas mecanizadas e de exportação. O Centro-Oeste passou a ser a nova fronteira agrícola do país. Seus municípios passaram a ocupar-se da produção de soja para exportação. “O intenso crescimento das lavouras de soja ocorreu, principalmente, após o ano de 1970, com os vários programas de ocupação e exploração econômica do Centro-Oeste e cerrados brasileiros” (MELO, 2003, p.73).

Esta ação foi parte do processo de reprodução e expansão do capitalismo no interior do Brasil e significou reorganização tanto no cenário rural, quanto no urbano. A proposta de modernização do país foi marcada no Centro-Oeste brasileiro, especialmente em Goiás, pela inauguração de Brasília em 1960 e a transferência da capital federal para o cerrado goiano.

As novas formas de produzir no campo impulsionaram o desenvolvimento dos setores agroindustrial, industrial e de serviços. Neste contexto o campo também se transformou, nele cresceu a presença de máquinas e equipamentos tecnológicos, enquanto o homem se vinculou cada vez mais às cidades. “Percebe-se que o agricultor, na maioria dos casos, não mora no campo; sua residência é urbana” (MELO, 2003, p.89). Um dos resultados mais evidentes para a cidade de Jataí foi o aumento significativo da taxa de urbanização. O tecido urbano “passa receber contingentes de trabalhadores ‘liberados’ pela modernização da agricultura” (SILVA, 2005, p.19-20). “O trabalhador, agora o trabalhador assalariado, com pouco ou nenhum vínculo afetivo com o patrão, também, em geral, mora na cidade” (MELO, 2003, p.89).

O município recebe um grande contingente de migrantes, muitos sulistas, com experiência em atividades relacionada à agricultura moderna. Ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores da agricultura tradicional são

expulsos do novo processo de produção agrícola. Melo (2003, p.104) afirma que nos anos 1970 a maioria da população de Jataí já residia na cidade e “entre 1970 e 2000 a população urbana continuou aumentando, houve um crescimento de aproximadamente 157%”, ao passo que “a população rural apresentou decréscimo” nas décadas de 1970 a 2000, “principalmente entre 1970 e 1980 (decrécimo de 55%)”.

Para abrigar a crescente população o espaço da cidade vê-se ampliado pela implantação de novos loteamentos. O surgimento de cada loteamento na cidade, segundo Silva (2005, p.51), representa uma resposta urbana as alterações impostas à mesma. O autor situa as implantações em Jataí num período anterior a 1959 até 2000-2003, e afirma que há que se considerar o que significou a implantação dos mesmos no período histórico vivido pela cidade.

De acordo com Silva (2005, p.51-52), em Jataí a implantação de conjuntos habitacionais financiados iniciou-se na década de 1970, ou seja, no segundo período marcante a história do município, quando a demanda por moradia se viu crescente, graças à dinâmica imposta na cidade devido as alterações do modo de produzir no campo.

Nas décadas de 1980 e 1990, que compreendem o terceiro período marcante para Jataí (SILVA, 2005, p.26), a agricultura moderna se consolidou no município, sobretudo com a produção das monoculturas de soja e milho para exportação. Foi um período de grande dinamismo no espaço urbano. A cidade se equipou para servir de suporte à modernização do campo; recebeu empresas, instituições financeiras e educacionais; os produtos e serviços se diversificaram e se especializaram “de forma a possibilitar uma dinâmica de fluidez de informações, mercadorias, serviços e capital que a economia agrícola moderna necessita” (MELO, 2003, p.109).

A produção da agricultura moderna em Jataí acarretou mudanças econômicas e sociais que se espacializaram na cidade. Tais mudanças ocorreram em um contexto de desigualdades, próprio ao capitalismo. Da década de 1970 em diante, a cidade transformou-se para atender as demandas da modernização. Em Jataí “a mecanização da produção agrícola foi um fator promotor de mudanças sócio-espaciais e culturais” (MELO, 2003, p.106-107).

Jataí se transforma num palco de mudanças. O que era palpável se transforma num ritmo antes desconhecido. Novas necessidades são criadas. Novos personagens e exigem seu lugar na sociedade. [...] O mesmo espaço de mudança é o lugar da 'descoberta do outro' e do reconhecimento dos benefícios por ele trazidos [...]. Este espaço é ainda o 'lugar do desencontro'. Desencontro gerado pelo crescimento econômico desigual. Nem todos podem desfrutar de seus benefícios" (SILVA, 2005, p.42).

A infra-estrutura da cidade se desenvolveu juntamente com os serviços. Melo (2003, p.110) destaca a instalação de equipamentos, tais como o sistema de microondas, em 1975; a imagem de TV a cores, em 10 de dezembro e o funcionamento a agência do Banco Itaú em 28 de dezembro do mesmo ano. Mais de 1500 aparelhos telefônicos funcionando em março de 1976; loja da caderneta de poupança da Caixa em abril do mesmo ano. Estes serviços e equipamentos instalados na cidade expressaram a inserção do município à economia capitalista mundial.

Ao mesmo tempo foram expressões desta inserção a crescente incorporação de novos elementos, tais como mercadorias no comércio local (sementes melhoradas, maquinários, insumos agrícolas), profissionais (engenheiros agrônomos, veterinários, professores, administradores, pesquisadores, etc), instalação de cursos superiores e meios de circulação e comunicação e a diversificação do comércio.

A partir dos anos 1980 as empresas se diversificaram em relação aos estabelecimentos de beneficiamento de arroz, típicos até 1970. Foi avivada a comercialização de "sementes, insumos, máquinas e implementos agrícolas e nos serviços de planejamento rural, financiamento, comercialização e armazenamento" (MELO, 2003, p.115). Percebe-se que, mesmo com a dinamização, comércio e serviço ainda representavam a presença da produção agrícola no município.

A transferência da renda do campo para a cidade foi fator marcante e impulsionador da urbanização. Tal dinâmica se efetivou no investimento em construções urbanas de alto padrão arquitetônico; em educação particular; em lazer e entretenimento; bem como na aquisição de produtos como automóveis, eletroeletrônicos, vestuários, dentre outros, que não estavam ligados diretamente à produção do campo.

Entre os anos de 1970 a 2000,

[...] a produção agrícola moderna produziu mudanças econômicas que se expressam espacialmente na cidade. Esta, ao mesmo tempo, se modificou para atender ao desenvolvimento da produção realizada no campo e pelas suas demandas internas de serviços e equipamentos [...] (MELO, 2003, p.121).

A alteração dos cenários rural e urbano neste período, consequência da expansão da fronteira agrícola no município, incrementou o crescimento demográfico da cidade. Tal situação além de fomentar a economia local no que tange a moradia, fez acender a demanda por habitações acessíveis à população de baixa renda, o que tornou necessária a intervenção do Estado para suprir tal carência

Na década de 1980 tínhamos o maior número de loteamentos implantados, com destaque para três conjuntos habitacionais financiados. Na mesma década surgem dois loteamentos/conjuntos habitacionais de baixa renda, refletindo a demanda por habitações que não pode ser suprida via aquisição financeira, necessitando do 'assistencialismo' do Estado (SILVA, 2005, p.52).

Na década de 1990, o mercado imobiliário para a classe média dinamizou-se com a implantação de loteamentos financiados franqueados a esta. Estes foram planejados com padrões mais elevados em relação aos implantados na década de 1970, com edificações mais amplas, lotes maiores e ruas mais largas. Em 1990 foram implantados 18 loteamentos, dos quais três tinham tais características, o que denotou uma nova situação para o mercado da habitação, a dinamização da forma de adquirir moradia pela classe média.

Na mesma década, surgem mais sete loteamentos para a população de baixa renda. Silva (2005) considera este número elevado e afirma que tal situação “suscita vários debates, dentre eles o da desigualdade social, que leva a uma demanda três vezes maior, em relação à década anterior, no que tange a habitação popular” (SILVA, 2005, p.52).

A partir dos anos 2000, Jataí insere-se em um processo de busca de novas alternativas econômicas, já que a dinâmica produzida pela expansão da fronteira agrícola se vê esgotada. Inaugura-se o que Silva (2005) nomeia de quarto período marcante para o município de Jataí.

Com objetivo de dinamizar a economia do município iniciou-se a implantação do pólo turístico na cidade. Inserir Jataí no circuito do turismo

estadual e nacional foi uma política fomentada pela administração municipal em parceria com a iniciativa privada, especialmente entre os anos de 2000 e 2003. Para tanto, a Prefeitura Municipal construiu três parques ecológicos com lagos, além de reestruturar o complexo de águas termais - Thermas Beach Park. A iniciativa privada investiu em construções de hotéis e restaurantes. Assim, começaram esforços conjuntos para geração de empregos e renda para a população, divulgando Jataí como nova potência do turismo ecológico e de águas termais de Goiás e do Brasil.

Entretanto, afirma Silva (2005, p.104), vende-se uma imagem fabricada da cidade, com o intuito de maquiá-la para promover seu desenvolvimento. “Não se divulga a desigualdade social, [...] a situação dos mais de 20% da população encontrados na faixa de pobreza. Não se divulga que os 20% mais ricos detêm cerca de 64% da renda local”.

Esta política foi paralisada pela mudança de governo municipal entre os anos 2004 e 2007. O governo que então assumiu a administração do município privilegiou a implantação de indústrias, estas como em toda história jataiense, ligadas a atividades do campo, com destaque para a então em voga produção sucroalcooleira. Instalaram-se na cidade “cinco grandes usinas de álcool [...], estabelecendo na região como um dos mais importantes pólos sucroalcooleiro do país” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ, 2009).

Nos anos que findam a década de 2000, nova mudança de governo. O governo do início da década retoma a administração, bem como, ainda que timidamente, o projeto turístico outrora iniciado. Em relação a esta retomada, a prefeitura municipal divulga em seu site que

[...] sua maior riqueza só agora começa a ser explorada: o turismo. Seu povo acolhedor, as águas termais e belezas naturais fazem de Jataí uma cidade especial, uma referência em qualidade de vida, pronta para receber o investidor e o turista e oferecer o que nela há de melhor (PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ, 2009).

Em 2009 são concluídas as obras do Centro de Cultura e Eventos Dom Benedito Domingos Cósia, para abrigar eventos e congressos e é inaugurado o Resort Bonsucesso. Tais empreendimentos demonstram que continua a parceria público-privada para o fomento do turismo no município. A prefeitura destaca nove atrações como turísticas: Centro Cultural Basileu

Toledo França; Feiras de Artesanato; Lago Bonsucesso; Museus; Parque Ecológico Diacuí; Parque Ecológico JK; Pontal do Urutau; Rios e Cachoeiras e Thermas Beach Park (PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ, 2009).

Mesmo em meio às políticas de diversificação econômica, Jataí mantém-se como destaque regional, nacional e mundial na produção de grãos. Segundo o sítio da Prefeitura Municipal na rede mundial de computadores:

O município de Jataí é considerado a *capital de grãos* de Goiás, tendo sido considerado na safra 2003/2004, 2005/2006 maior produtor de milho e sorgo do Brasil e maior de soja de Goiás. É o maior produtor de grãos de Goiás e o quinto do Brasil com 1.164.913 toneladas colhidas em 2007. O município produz 1,08% de toda produção nacional de grãos, por conta destes valores, em Jataí, a produtividade dos agricultores já superou a dos Estados Unidos (PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ, 2009).

A busca de dinamização da economia faz surgir a necessidade de mão-de-obra para atender os novos segmentos que se instalam na cidade, especialmente turismo e indústria. Esta exigência continuou fomentando o crescimento demográfico, ao atrair pessoas de outras cidades/regiões para trabalharem em Jataí. Em Silva (2005) vê-se que o crescimento urbano manteve-se acelerado neste período, seguindo o mesmo ritmo das duas décadas anteriores. Prosseguiu crescente a necessidade de moradia para a população de baixa renda, bem como os bairros financiados pela classe média. Em “2003 já foram registrados um total de sete loteamentos, sendo dois de financiados e dois de baixa renda” (SILVA, 2005, p.52).

No município é elevada a taxa de urbanização. No ano 2000 esta era de 91,21%, o que não diferia do que acontece em todo território brasileiro. “No Brasil, a concentração da população em áreas urbanas já é realidade para a maior parte das regiões. Atualmente, mais de 90% da população brasileira vive em cidades” (CAVALCANTI, 2001, p.25). Segundo Silva (2005), a produção rural mecanizada, “constitui-se numa ação de repercussão não somente no cenário rural, mas também, e de forma significativa, no cenário urbano”. Evidenciando uma interação sempre existente na relação dos cenários urbano e rural na cidade de Jataí.

Em 1959, a área ocupada pelos loteamentos urbanos em Jataí era de 1,73Km²; já em 2003 estavam ocupados por lotes urbanos 23,27Km², (SILVA, 2005, figura 7). Este crescimento revela que a área ocupada pela

cidade de Jataí multiplicou cerca de treze vezes em menos de meio século. Em 1969 somavam-se cinco bairros implantados e em 2003 um total de 82 (SILVA, 2005, tabela 9).

A taxa de ocupação dos lotes urbanos da cidade denota a segregação sócio-espacial da mesma. A valorização de áreas centrais, melhor servidas pelos equipamentos públicos, impossibilita sua aquisição pela maioria dos moradores da cidade. Esta é uma das contradições que se expressa como elemento presente na cidade contemporânea. Para alguns de seus habitantes o lugar é o bairro nobre, entretanto a maioria ocupa o lugar outorgado, o não sonhado.

Há que se destacar que o lugar sonhado nem sempre coincide com as áreas centrais. Com a implantação do primeiro condomínio fechado horizontal de auto padrão, no final da década de 1990, vê-se que em Jataí, a elite se desloca, assim como num movimento brasileiro e mundial, para as áreas periféricas da cidade. Constroem “com seus condomínios particulares uma ‘periferia nobre’” (SILVA, 2005, p.105), onde se auto-segregam.

A configuração sócio-espacial de Jataí se desenvolve no contexto do capitalismo desigual e combinado, em meio a encontros e desencontros, portanto abriga relações não homogêneas, das quais irrompe a injustiça e as desigualdades. Aproximadamente nos últimos 30-40 anos, desde meados da década de 1970, o desenvolvimento da cidade ocorre de modo acelerado, a modernização evidencia-se notadamente. “Será que os habitantes de Jataí na década de 1960 imaginariam um espaço com as dimensões atuais?” (SILVA, 2005, p.29).

É fato que a cidade de Jataí experimentou, principalmente no período posterior a 1970, um crescimento significativo. Os ‘efeitos úteis’ do crescimento urbano melhoraram a qualidade de vida local transformando a pequena vila do século XIX num referencial para o Sudoeste Goiano. Porém o desenvolvimento não acompanhou o crescimento, surgindo ‘efeitos de aglomeração’ que se desencontram da riqueza do município (SILVA, 2005, p.98).

Jataí, portanto, é representativo de um processo de mudança. É espaço contraditório, de uma sociedade contraditória; não harmônico, mas dinâmico. Neste contexto, implanta-se a UFG no cenário jataiense: expressão e

consolidação das necessidades que o próprio processo de modernização acarreta.

1.2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS NO CENÁRIO URBANO JATAIENSE: INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DE GOIÁS.

A Universidade Federal de Goiás se consolidou ao longo da décadas de 1960 e 1970 no bojo das políticas centralizadoras e autoritárias adotadas pelo Estado no pós-64 e, nesse período, não foram significativas as políticas de expansão e interiorização do ensino superior no estado de Goiás. Tais políticas, no entanto, assumiriam novos contornos a partir da década de 1980.

A desmistificação da eficácia do regime militar implementou a (re)organização da sociedade civil também na esfera educacional. “[...] a década de 1980, trouxe à tona, por sua vez, novos elementos para repensar os desafios acerca da política educacional, seus impasses e perspectivas” (DOURADO, 2001, p.54).

Em relação ao ensino superior destacou-se a expansão e a criação de universidades e escolas isoladas pelo poder público estadual e de fundações de ensino superior pelos municípios. Em tese, o que seria uma retomada da expansão do ensino público no país revelou mecanismos de privatização do público.

A subordinação político-administrativa e pedagógica a iniciativas públicas ao setor privado assume caráter eminentemente privatista, sobretudo pela ausência de mecanismos de controle no âmbito das iniciativas municipais (DOURADO, 2001, p.159).

Segundo esta lógica foram implantados os *campi* da UFG em Catalão e Jataí, cidades consideradas pólo para o desenvolvimento das regiões do estado na qual se localizam. Tais *campi* foram criados como órgãos suplementares da UFG.

Dourado (2001, p.60-62) destaca algumas realidades caracterizadas no Estado de Goiás na década de 1980: 1) o estado beneficia-se da reforma tributária e também de projetos específicos associados à expansão da fronteira

agrícola na região, o que aumenta o dinamismo dos setores agropecuário e industrial e possibilita a recuperação do PIB regional; 2) implento de políticas setoriais aliadas a políticas de incentivos fiscais e financeiros de desenvolvimento regional e de desarticulação de espaços anteriormente hegemônicos das economias do Sul e Sudeste; 3) crescimento da população urbana; 4) inserção em mercados consolidados, incrementando as atividades dos setores primário, secundário e terciário.

Todos estes fatores culminaram na elevação do PIB de Goiás, bem como no desenvolvimento econômico e tecnológico no Estado, que redundaram em alterações na estrutura do emprego e nas relações de produção.

Essas alterações passaram a exigir novos padrões de qualificação de produção para o trabalho, justificando as políticas de expansão e interiorização de serviços. Nesse sentido, destaca-se os serviços educacionais, particularmente a oferta de ensino superior, vista como emblema de modernização e progresso (DOURADO, 2001, p.159).

Os municípios foram fundamentais para esse processo. Ainda que a oferta de ensino de 1º grau (que se constituía prerrogativa prioritária dos municípios de acordo com a Constituição Federal) fosse pequena, houve grandes investimentos para a expansão acelerada do ensino superior, que ocorreu “sem dúvida, alicerçada em apelos e compromissos eleitoreiros, em que critérios técnicos eram negligenciados pelos setores responsáveis pela fiscalização de escolas [...]” (DOURADO, 2001, p.68).

De maneira geral, a implementação dessas faculdades se deu de modo insatisfatório, sem condições básicas para o seu real funcionamento. Em muitos casos com espaço físico provisório (funcionamento improvisado através de contratos de comodato e instalações em escolas estaduais), com ausência de um plano de carreira e de qualificação dos docentes (muitos sem vínculo com quadro efetivo) e, ainda, com carência total ou improvisação do espaço para o funcionamento de bibliotecas. Essas escolas, em sua maioria, dispunha de pessoal docente insuficiente e pouco qualificado (DOURADO, 2001, p.68).

Para a criação das fundações municipais, em grande parte dos casos, o município era apenas facilitador dos processos burocráticos de implementação das instituições, autorização e reconhecimento dos cursos. Na prática ocorria a administração dessas instituições por entidades de cunho

privado ou conveniado. De acordo com Dourado (2001, p.69) o ensino gratuito e pago é um elemento ambíguo, de confusão na fronteira entre o estatal e o privado, indicando mediação obscura entre os setores público e privado e evidenciando a implementação de políticas de privatização do público.

A implantação da UFG/Campus Jataí ocorreu por meio de um convênio firmado entre a UFG e a Prefeitura Municipal.

A UFG ofereceu os cursos, indicou e manteve os professores vinculados ao seu quadro de pessoal, além disso exerceu a supervisão administrativa e didático-pedagógica e garantiu a realização do vestibular e absorção da clientela aprovada. À prefeitura coube o repasse de verbas, visando a manutenção das atividades (DOURADO, 2001, p.68).

A UFG/Campus Jataí, à época Campus Avançado de Jataí (CAJ) foi criado em março de 1980, “[...] com a finalidade de se constituir em campo de estágio e de extensão das atividades da UFG, promovendo melhores condições de desenvolvimento regional” (DOURADO, 2001, p.161). Em 1981 foi realizado o primeiro vestibular para cursos de formação de professores nas áreas de ciências físicas e biológicas, estes oferecidos em caráter transitório.

Atualmente, imbricado no cenário urbano jataiense, a UFG/Campus Jataí se destaca. Compreende três unidades acadêmicas: Unidade Jatobá, afastada da área central da cidade, com acesso apenas pela BR-364, pouco servida por equipamentos públicos, inclusive transporte. Unidade Riachuelo, situada à rua de mesmo nome, locada em uma região nobre na cidade, porém com uma estrutura física menos privilegiada que a Unidade Jatobá no que concerne a laboratórios, bibliotecas, salas de aula, auditórios, entre outros. É onde funciona a maior parte dos cursos de ciências humanas. E o Centro de Educação Física¹⁰, que fica próximo a Unidade Riachuelo, entretanto ainda menos privilegiado estruturalmente, inclusive em aspectos elementares ao curso que abriga, como piscinas, quadras poliesportivas e campos.

No campus são oferecidos cursos diurnos e noturnos de graduação (bacharelado e licenciatura) e pós-graduação. Em 2008 eram, ao todo 16 de graduação, com previsão de mais dois para o ano de 2009 (Engenharia

¹⁰ Há em andamento um projeto para que o Centro de Educação Física seja extinto. Para tanto, o curso de Educação Física será transferido para a Unidade Jatobá. A conclusão deste processo é prevista para o ano de 2009.

Florestal e Direito), e mais dois para o ano de 2010 (Educação Física – bacharelado e Fisioterapia). No quadro 1 constam os cursos ofertados em 2008, de acordo com a página oficial da UFG/Campus Jataí.

Quadro 1 – Cursos de graduação ofertados pela UFG/Campus Jataí em 2008.

Área	Curso	N de vagas
Ciências Exatas e da Terra	Ciências da Computação	50
	Física	40
	Matemática	45
	Química	45
Ciências Biológicas	Biomedicina	40
	Ciências Biológicas (bacharelado)	40
	Ciências Biológicas (licenciatura)	30
	Enfermagem	30
Ciências Agrárias	Agronomia	60
	Medicina Veterinária	40
	Zootecnia	30
Ciências Humanas	Educação Física	40
	Geografia (bacharelado e licenciatura)	40
	História	50
	Pedagogia	70
	Psicologia	40
Letras, Linguística e Artes	Letras Português	40
	Letras Inglês	30

Fonte: UFG/CAMPUS JATAÍ, 2009. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

Na pós-graduação era ofertado em 2008 o curso de Mestrado em Agronomia. Sendo previsto para 2009 o curso de Mestrado em Geografia. Cursos de Especialização também são organizados de acordo com a demanda. Em 2008, estavam em andamento os cursos relacionados no quadro 2.

Quadro 2 – Cursos de pós-graduação (especialização) oferecidos na UFG/Campus Jataí em 2008.

Curso	Vinculado ao curso de	N de vagas
Meio Ambiente: Educação e Gestão Ambiental	Geografia	45
Gestão de Pessoas	Psicologia	30
Educação Infantil	Pedagogia	30
Literatura e Língua Portuguesa	Letras	40

Fonte: UFG/CAMPUS JATAÍ, 2008b. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

Na Unidade Riachuelo destaca-se o curso de Pedagogia, um dos mais antigos da UFG/Campus Jataí, que nasceu após a criação da FEJ. Na ocasião, a Universidade realizou concurso para contratação dos professores que atuariam no curso, implantado no primeiro semestre de 1985. A efetivação do Curso de Pedagogia foi um marco na política de interiorização e expansão desenvolvida pela UFG.

Atualmente, o Curso de Pedagogia é o maior curso de licenciatura da UFG/Campus Jataí, somando oito turmas, cada uma com 35 acadêmicos aproximadamente, totalizando cerca de 280 estudantes cursando entre o primeiro e o oitavo semestres. Desde a sua implantação, o curso foi preferencialmente noturno, entretanto a partir de 2009 será ofertado também pela manhã. Na página da UFG na rede mundial de computadores há uma breve descrição, com histórico e objetivo do curso. É interessante notar que não há registros a respeito das bases políticas do curso, nem das contradições político-administrativas já vividas pelo mesmo.

O curso de licenciatura em Pedagogia nasceu com a instalação do próprio Campus da UFG em Jataí, em 1985. Após a regulamentação da LDB 9.394/96, iniciou-se amplo debate em torno da reformulação curricular, e a implantação de nova matriz para o curso de Pedagogia se deu em 2004. Quando a nova matriz foi implantada as disciplinas passaram a ser semestrais. Ainda, desde 1999, oferece cursos de Especialização Lato Sensu. Possui um Núcleo de Pesquisa registrado no CNPq, o NESEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Sociedade, Educação e Cultura), uma revista online *Itinerarius Reflectionis* e desenvolve várias atividades de extensão como o Projeto de Educação de Jovens e Adultos, o projeto de Ação Educativa junto ao Museu Histórico de Jataí, o projeto cultural Univercidarte, a Galeria de Arte Adenóquito da Costa Lima. Possui ainda atualmente os grupos

de Estudos e Pesquisa Cons-ciência e Histórias da Infância em Jataí. [...] Oferece 70 vagas, duas turmas de 35 alunos, preferencialmente no período noturno, em regime semestral. No Vestibular de 2008 (a ingressarem em 2009) serão disponibilizadas 80 vagas divididas entre o período matutino e noturno (UFG/CAMPUS JATAÍ, 2008a).

O curso de Pedagogia expressa, portanto, a consolidação da UFG/Campus Jataí, que por sua vez é expressão da interiorização do ensino superior no estado de Goiás, numa política alinhavada a modernização do Estado e do país. Investigar os sujeitos, acadêmicos de Pedagogia, significa tomar a UFG como importante espaço de socialização e formação da/na cidade em Jataí, que (re)vela a ambiguidade da cidade, enquanto espaço privilegiado de se viver.

É um espaço este que se gesta conforme o sistema que o constitui e guarda em seu bojo muitos elementos tradicionais, ao mesmo tempo em que implica a realidade da moderna cidade. Essa contradição põe em causa o mal estar dito por Lefebvre (1991). Vive-se um complexo de encantamento e estranhamento frente a segregadora realidade que se cria a recria cotidianamente.

CAPÍTULO 2

SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO: OS SUJEITOS

A cidade é o *lócus* de formação e socialização que abriga a maioria dos sujeitos da sociedade moderna. Jataí não foge a esta realidade, pois a maior parte de seus moradores habita o espaço urbano. São indivíduos que constituem a cidade ao mesmo tempo em que são constituídos por ela. Dentre tantos, estão os acadêmicos de Pedagogia da UFG/Campus Jataí.

A partir das informações colhidas através dos questionários aplicados, pode-se traçar um perfil desses alunos. De acordo com informações fornecidas pela Secretaria Acadêmica da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano de 2008, estavam matriculados no curso de Pedagogia, 233 alunos¹¹.

Ao todo foram distribuídos 172 questionários (73,82% do número total de matriculados no curso). Responderam os 172 questionários: 40 alunos do 2º período (23,25%); 43 alunos do 4º período (25%); 48 alunos do 6º período (27,9%) e 41 alunos do 8º período (23,83%). Pode-se perceber que houve similaridade na quantidade de questionários respondidos em cada período, cerca de 25% aproximadamente.

As informações coletadas foram organizados em três grupos específicos¹². A saber: **1- dos alunos que moram em Jataí a vida toda, que se denominará VT (Vida Toda); 2- dos alunos que moraram em outro lugar antes de se mudarem para Jataí, chamado de AE (Antes Em) e 3- dos alunos que não moram em Jataí, NM (Não Moram)**. Esta é uma importante consideração, uma vez que a pesquisa objetiva apreender quais sentidos os acadêmicos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí produzem na experiência dos processos de sociabilidade e formação na cidade em Jataí, de

¹¹ Não foi possível verificar a situação de alunos desistentes ou licenciados. Não foram fornecidos dados relativos a cada turma especificamente, não sendo possível verificar o quantitativo de alunos matriculados em cada período. Estima-se, a partir de conversas com os professores, uniformidade no número de alunos nos períodos, que seria de aproximadamente 55 em cada.

¹² As informações referentes a cada período (2º; 4º; 6º e 8º) encontram-se nos anexos 5, 6, 7 e 8

acordo com os grupos acima referidos.

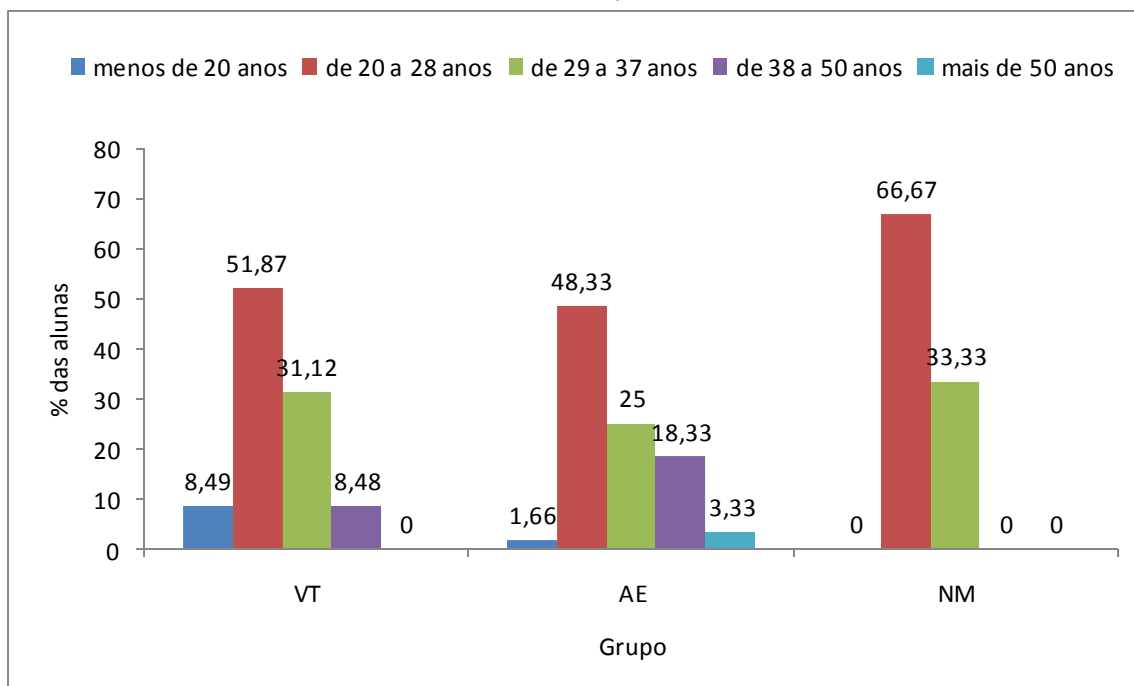
A quantidade de alunos por grupo é semelhante no 2º, 6º e 8º períodos. Nestes, mais de 60% são do grupo VT e menos de 35% do grupo AE. Somente no 4º período a % de alunos pertencentes aos grupos VT e AE é similar. Em relação ao grupo NM, há menos de 10% em cada período, sendo que no 6º período este dado é inexistente.

A distribuição dos alunos nos três grupos deu-se da seguinte maneira: 106 alunos estão no grupo VT, o que corresponde a 61,62% do total; 60 estão no grupo AE, ou seja, 34,88% do total; e 6, 3,48% do total, estão no grupo NM. Portanto, pode-se afirmar que a maioria dos alunos do curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, do segundo semestre letivo do ano de 2008, mora em Jataí a vida toda.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS

Todas as acadêmicas são do sexo feminino. A idade das alunas variou de 18 a 57 anos, com predominância de faixa etária entre 20 e 28 anos, na qual se encontra cerca de 50% das alunas. As informações referentes às faixas etárias em cada grupo podem ser observadas no gráfico 1.

Gráfico 1 - % das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre letivo do ano de 2008, em cada faixa etária, por grupo (VT - Vida Toda; AE - Antes Em e NM - Não Mora).

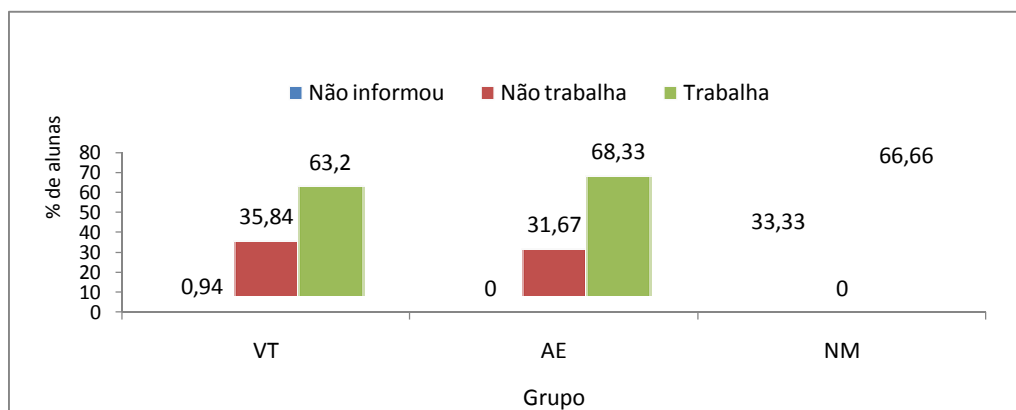


Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

2.1.1- Inserção no mercado de trabalho

As alunas informaram sua situação quanto à inserção no mercado de trabalho. Não era objetivo desta etapa de coleta de dados obter informações sobre rendimento das mesmas. 112 (65,11%) alunas afirmaram trabalhar; 57 (33,13%) responderam que não trabalham e 3 (1,74%) não informaram. Em se tratando dos grupos, estas informações estão distribuídas de acordo com o representado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Situação de inserção no mercado de trabalho das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí no segundo semestre do ano letivo de 2008 de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora).



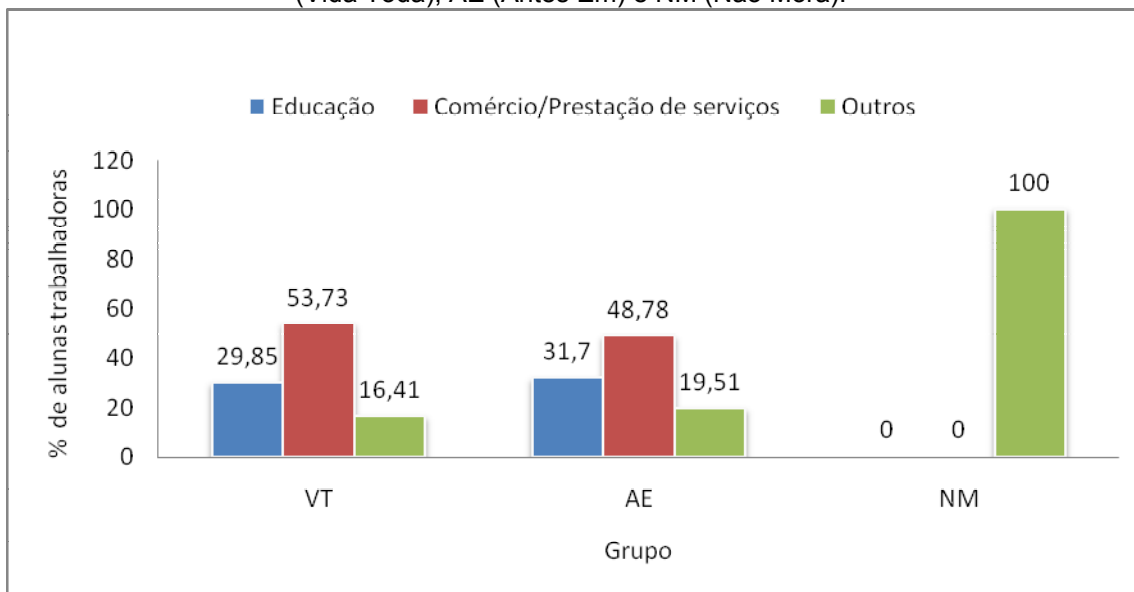
Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

Percebe-se que em cada um dos grupos, mais de 60% das alunas são trabalhadoras, evidenciando que o Curso de Pedagogia é composto por estudantes que tem, no mínimo, jornada dupla – trabalho e estudo.

Nota-se ainda que é pequeno (menor que 1%) o percentual das alunas que não informaram sua situação quanto a inserção no mercado de trabalho nos grupos VT e AE. Já no grupo NM, todas que responderam ou não informaram (mais de 30%), ou trabalham. Cabe aqui um questionamento: por que, no grupo NM mais de 30% das alunas, teriam omitido sua situação quanto à inserção no mercado de trabalho? Seria constrangimento quanto ao tipo de atividade que exercem? Por certo responder a tal questionamento não é objetivo deste trabalho, mas se põe como uma questão interessante para reflexões vindouras.

Das alunas trabalhadoras, 33 (29,46%) trabalham em educação, 56 (50%) em comércio/prestação de serviços e 23 (20,53%) em outras atividades. No gráfico 3 é possível verificar a situação em cada grupo.

Gráfico 3 - No que trabalham as alunas trabalhadoras do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (Vida Toda); AE (Antes Em) e NM (Não Mora).



Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

É possível perceber que nos grupos VT e AE cerca de 70% das alunas trabalhadoras afirmaram trabalhar em áreas diferentes daquela para a qual estão se habilitando, o que é ainda mais acentuado no grupo das que não moram em Jataí. Nota-se que em nenhum dos grupos mais de 32% das alunas trabalha em educação, sendo que no grupo NM esta porcentagem é inexistente.

Pode-se observar que as alunas que moram em Jataí trabalham predominantemente em educação e comércio/prestação de serviços, enquanto nenhuma das alunas que moram em outras cidades trabalha nestas áreas. Tal situação deixa latente a idéia de que a cidade de Jataí se situa como um pólo, na qual comércio/prestação de serviços e educação estão mais presentes do que nas cidades circunvizinhas menores, nas quais moram as alunas do grupo NM.

2.1.2- Bairro ou setor onde moram

As alunas dos grupos VT (106 alunas) e AE (60 alunas), que somam 166, moram na cidade de Jataí e citariam nos questionários o bairro ou setor no qual moram. Como 3 alunas não responderam a questão, as considerações

elaboradas apreciam o número de alunas informantes, que foi 163.

Das alunas que informaram o bairro/setor onde moram, 85 (52,14%), estão em loteamentos implantados até a década de 1960, ou seja, em bairros tradicionais da cidade, anteriores à chegada da fronteira agrícola a região. Já nos loteamentos da década de 1970 em diante, moram 78 alunas (47,86%).

Outra observação que pode ser feita é em relação aos loteamentos implantados pela demanda de moradias de baixa renda. 105 (64,41%) alunas moram em loteamentos anteriores à implantação destes, que tem início na década de 1980. E 33 alunas (20,25%) moram em loteamentos implantados nesta década.

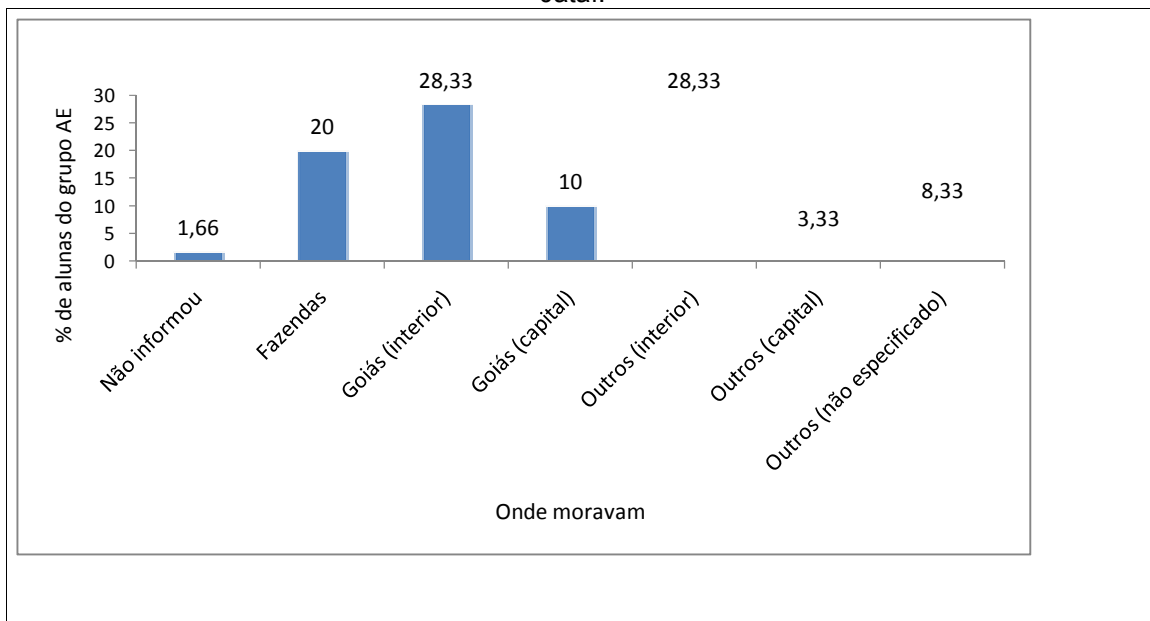
17 alunas (10,43%) residem em loteamentos implantados na década de 1990, na qual ocorreu dinamização do mercado imobiliário para a classe média; 5 alunas (3,07%) alunas afirmaram morar em loteamentos implantados no período entre 2000 e 2003 e 3 (1,84%) nos loteamentos implantados após 2003, contextos de continuado crescimento demográfico na cidade de Jataí.

2.1.3- Onde moravam antes de se mudarem para Jataí e por quanto tempo

As alunas do grupo AE informaram onde moravam antes de se mudarem para Jataí. As informações coletadas asseveram que, do total de 60 alunas, 1 aluna não informou, 12 alunas moravam em fazendas; 17 moravam no interior do estado de Goiás e 6 na capital. 17 moravam no interior de outros estados e 2 em outras capitais. E 5 moravam em outros estados, mas não especificaram se capital ou interior.

Nota-se a predominância de fazendas e interior, tanto do estado de Goiás como de outros, conforme representado no gráfico 4. Um dos motivos que podem ter feito com que essas pessoas deixassem o campo e as cidades do interior de Goiás e de outros estados para se mudarem para Jataí foi a chegada da fronteira agrícola. Este modelo de produção que utiliza mão-de-obra temporária e que requer pouca gente na área rural, provocou em Goiás o êxodo rural e, conseqüentemente, o intenso processo de urbanização, já que redundou na geração de empregos nos setores formais e informais da área urbana (SILVA, 2005, p.41). A formação da cidade de Jataí não esteve alheia a este processo.

Gráfico 4 - Onde moravam as alunas do grupo AE (antes em), do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, antes de se mudarem para Jataí.

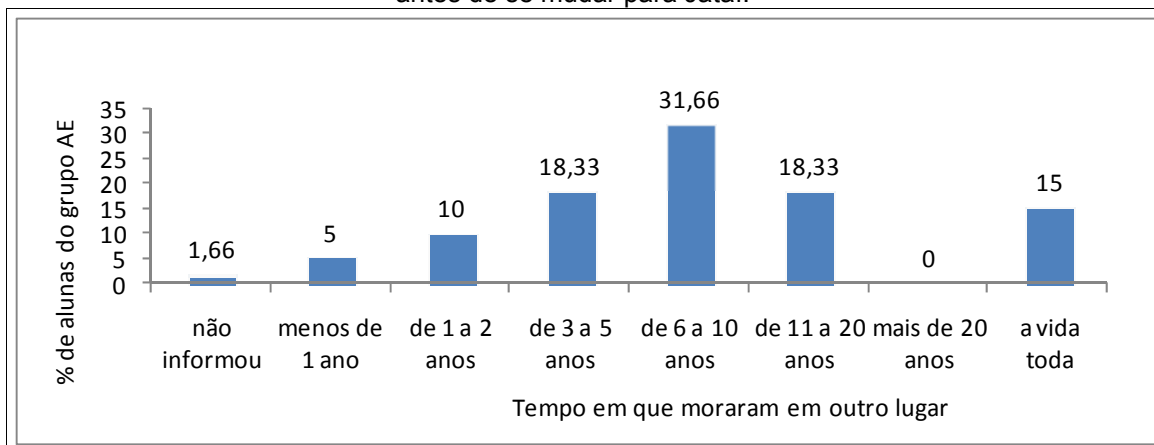


Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

AE informou o tempo em que morou em outro lugar antes de se mudar para Jataí: 1 aluna não informou; 3 alunas moraram menos de 1 ano em outros lugares antes de se mudarem para Jataí; 6 de 1 a 2 anos; 11 de 3 a 5 anos; 19 de 6 a 10 anos; 11 de 11 a 20 anos; nenhuma morou mais de 20 anos e 9 afirmam ter morado em Jataí a vida toda.

Portanto, mais de 60% das alunas moraram mais de 6 anos em outros lugares antes de se mudarem para Jataí. Estas informações estão representadas no gráfico 5.

Gráfico 5 - Tempo em que as alunas do grupo AE (antes em) do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, moraram em outro lugar antes de se mudar para Jataí.

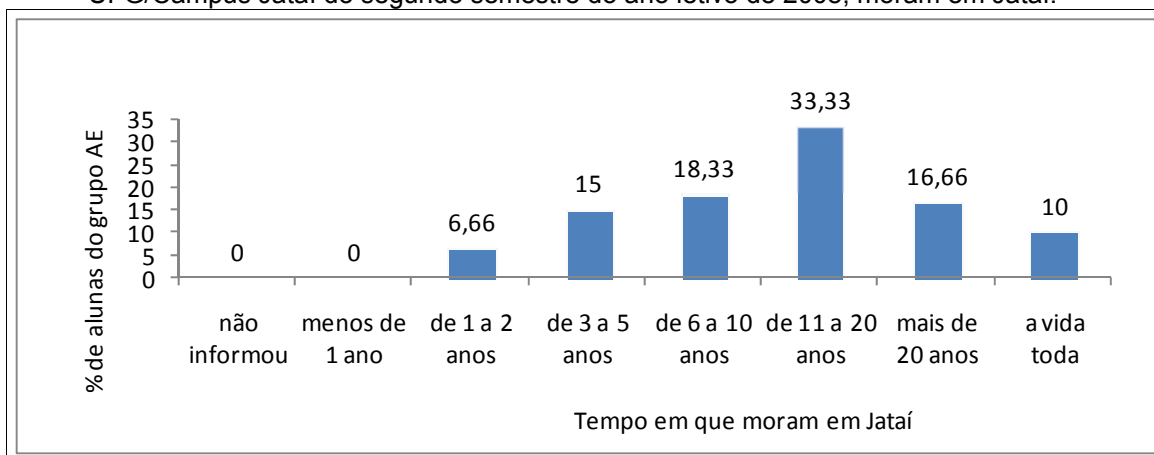


Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

2.1.4- Há quanto tempo AE mora em Jataí

O grupo AE informou há quanto tempo mora em Jataí. Todas alunas do grupo informaram. Nenhuma mora em Jataí há menos de 1 ano; 4 moram em Jataí de 1 a 2 anos; 9 de 3 a 5 anos; 11 de 6 a 10 anos; 20 de 11 a 20 anos; 10 mais de 20 anos e 6 moram em Jataí a vida toda. As informações podem ser verificadas no gráfico 6.

Gráfico 6 - Há quanto tempo as alunas do grupo AE (antes em), do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí do segundo semestre do ano letivo de 2008, moram em Jataí.



Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

O tempo em que as alunas moram em Jataí revela um pouco da história do crescimento demográfico do município, especialmente da cidade. Silva (2005, p.41) afirma que entre 1970 e 1991 há uma elevada taxa de

urbanização no Centro-Oeste. Nota-se que 33,33% das alunas mudaram-se para Jataí em um período de 11 a 20 anos, o que remete às décadas de 1980 e 1990, nas quais ocorreu a elevação do crescimento demográfico em Goiás, cujo fator fundamental foi a chegada da fronteira agrícola.

A ocupação do Centro-Oeste, marcada fundamentalmente pela presença da agropecuária, reflete no processo de urbanização deste espaço, tanto em termos de serviço quanto de consumo, transformando várias cidades caracteristicamente agrícolas, até os anos 60, em núcleos urbanos com dinâmicas relativamente autônomas de expansão da renda e do emprego (SILVA, 2005, p.42).

Neste contexto, afirma Silva “Jataí torna-se palco de mudanças. O que era palpável transforma-se num ritmo antes desconhecido” (2005, p.42). O autor destaca dois intervalos de evolução da população urbana de Jataí. No crescimento populacional no intervalo de 1960-1970 está presente a modernização da agricultura como fato motivador “sendo estes os anos que registram maior crescimento percentual num âmbito mais recente (48%)”. No intervalo de 1991-2000, apresenta-se a consolidação das monoculturas para exportação, “marcadas por novas dinâmicas no espaço urbano, dentre elas o grande número de estabelecimentos comerciais, industriais e prestacionais instalados em Jataí” (SILVA, 2005, p.44).

As alunas que se mudaram para Jataí continuaram a chegar mesmo após o último intervalo referido. Nota-se que 39,93% das alunas mudaram-se para Jataí desde o final da década de 1990. O que confirma que o crescimento populacional da cidade segue a um ritmo constante (SILVA, 2005, p.44).

2.1.5- Onde moram NM e por quanto tempo

As alunas do grupo NM informaram a cidade onde moram e há quanto tempo: 6 alunas formam este grupo, todas moram no interior do estado de Goiás, 3 (50%) em Caiapônia e 3 (50%) em Serranópolis.

50% das alunas (3) deste grupo mora há mais de 20 anos em outra cidade que não Jataí; 1 aluna (16,66%) mora de 6 a 10 anos em outra cidade, 1 (16,66%) mora de 11 a 20 anos; e 1 (16,66%) mora a vida toda em outra cidade.

2.1.6- Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí

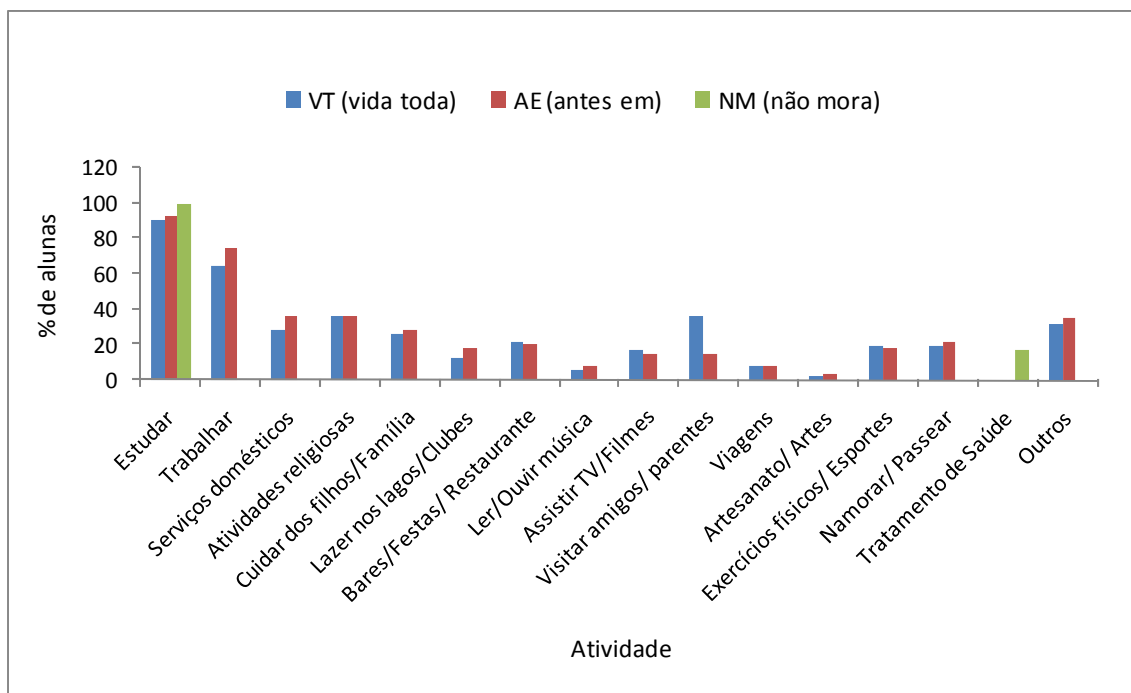
A última questão do questionário solicitava às alunas que listassem cinco atividades presentes no seu dia-a-dia na cidade em Jataí. A partir das respostas dadas pôde-se estabelecer 16 agrupamentos distintos, a saber: estudar; trabalhar; realizar serviços domésticos; atividades religiosas; cuidar dos filhos/família; lazer nos lagos/clubes; frequentar bares/festas/restaurantes; ler/ouvir música; assistir TV/filmes; visitar amigos/parentes; viagens (outras cidades/fazendas); artesanato/artes; exercícios físicos/esportes; namorar/passear; tratamento de saúde e outros. As informações obtidas encontram-se na tabela 1 e no gráfico 7.

Tabela 1 – Atividades presentes no dia-a-dia das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (vida toda); AE (antes em) e NM (não mora).

Grupos	Atividade (%)	Estudar	Trabalhar	Serviços domésticos	Atividades religiosas	Cuidar Filhos/família	Lazer nos lagos/clubes	Bares/ festas/ restaurantes	Ler/ ouvir música
VT		90,56	64,15	8,30	5,84	26,41	12,26	1,69	5,66
AE		93,33	75	36,66	36,66	28,33	18,33	20	8,33
NM		100	0	0	0	0	0	0	0
Grupos	Atividade (%)	Assistir TV/filmes	Visitar amigos/parentes	Viagens (outras cidades/fazendas)	Artesanato/artes	Exercícios físicos/esportes	Namorar/passear	Tratamento de saúde	Outros
VT		6,98	36,79	8,49	2,83	18,86	18,86	0	32,07
AE		15	15	8,33	3,33	18,33	21,66	0	35
NM		0	0	0	0	0	0	16,66	0

Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

Gráfico 7 - Atividades presentes no dia-a-dia das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (vida toda); AE (antes em) e NM (não mora).



Fonte: Questionários. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

A princípio, os dados coletados por meio dos questionários se destinariam simplesmente à orientação da seleção das informantes para as entrevistas. No entanto, serviram unicamente a este objetivo apenas os dados referentes ao gênero e à faixa etária. Isto porque a riqueza de informações obtidas por meio das respostas permitiu elaborar reflexões concernentes a realidade da cidade de Jataí, bem como das alunas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí. Tais ponderações foram assentadas, no presente capítulo, quando da exposição dos dados a que se referiam.

A última informação apresentada – atividades que fazem parte do dia-a-dia das alunas – também revela a cidade, bem como seus habitantes e/ou frequentadores (no caso o grupo NM). Nota-se que, embora os questionários tenham sido aplicados no contexto de estudos das alunas, nem todas afirmaram que estudar faz parte de sua rotina. Tal atividade é integralmente presente apenas no grupo NM, já que estudar é a atividade que primordialmente exerce em Jataí, motivo pelo qual se deslocam diariamente das cidades nas quais residem. Este grupo não desenvolve nenhuma outra atividade na cidade, a não ser os menos de 20% que procuram Jataí para

tratamentos de saúde – atividade de caráter esporádico, não configurando, portanto, a rotina diária das alunas.

Observa-se sobre os grupos VT e AE que, se apreciada isoladamente cada atividade, as religiosas estão mais presentes do que aquelas que poderiam ser consideradas para lazer e descanso, tais como: ir a lagos/clubes; frequentar festas/bares/restaurantes; ler/ouvir música; assistir TV/filmes; viajar; fazer artesanato; namorar/passear. Destes grupos, menos de 7% lêem ou ouvem música cotidianamente, ao passo que mais de 15% assistem a TV e/ou a filmes. Nota-se que as atividades marcadamente presentes em seus cotidianos relacionam-se à família e à casa, como fazer serviços domésticos, cuidar dos filhos, visitar parentes.

Está indicada a relação dos sujeitos com o espaço de formação e sociabilidade que é a cidade de Jataí. Nela, os sujeitos estão ligados aos traços da comunidade, embora vivam num contexto ambíguo, no qual características da moderna sociedade também fazem-se presentes.

A forma de socialização comunitária implica relações mais estreitas, há um sentimento de pertencimento nos sujeitos ligados organicamente e por afinidade. Tal realidade denota-se na rotina das alunas, que é pautada por atividades vinculadas à família. A base da comunidade é familiar e a organização por parentesco, solidariedade, sangue e sentimento. Na vida local, com contatos locais, costumes e religiões são comuns. Por isso os sujeitos do grupo mantêm um estreito convívio.

Quanto maior e mais estreito for o vínculo do grupo, mais será compelido a lutar e atuar homogeneamente, particularmente em relação às ameaças externas. Conseqüentemente, o *costume* constrói uma vida mais confortável e compensadora (MIRANDA, 1995, p.236, grifo do autor).

Contudo, é certo afirmar que, ao mesmo tempo em que vivem as tradições da comunidade, as alunas inserem-se num contexto no qual está presente a barulhenta rotina da moderna sociedade. Percebe-se tal condição nas respostas, pois revelam um agitado dia-a-dia, no qual é necessário acomodar atividades diversas, como estudar, trabalhar, praticar esportes, fazer artesanato, entre outras. Vê-se um cotidiano frenético e ligeiro, no qual o dinamismo social que se desenvolveu na sociedade burguesa obriga o

indivíduo a lutar por interesses de lucro, e não se preocupar com o bem da coletividade.

Ante a dada ambiguidade, afirmam Adorno e Horkheimer (1973a, p.55), “o indivíduo da sociedade burguesa é tiranizado pela oposição entre a existência burguesa-particular e política-universal, e entre a esfera privada e a esfera profissional”. Destarte, pode-se afirmar que os sujeitos, ao vivenciarem o contínuo processo de socialização e formação na cidade em Jataí, inserem-se e constroem contínua interação e tensão num espaço que não é harmonioso, mas antes, dinâmico e contraditório, típico das relações que o constituem.

CAPÍTULO 3**SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO NA CIDADE EM JATAÍ-GO: AS
CICATRIZES**

A cidade é, na sociedade moderna, um modo de viver. É em seus espaços que se mora, estuda, trabalha, enfim, que se vive. Assim sendo, o espaço urbano é um espaço de socialização e formação dos indivíduos que nele habitam ou frequentam. Assim é a cidade de Jataí, *lócus* que marca o indivíduo e é, ao mesmo tempo, marcado por ele, num continuado processo de socialização e formação.

Este capítulo apresenta informações coletadas nas entrevistas, segunda etapa de coleta de dados. A caracterização das alunas entrevistadas consta no quadro 3. Os nomes que aparecem são fictícios para preservar a identidade delas.

Quadro 3 - Caracterização das alunas entrevistadas do Curso de Pedagogia da UFG/Campus Jataí, no segundo semestre do ano letivo de 2008, de acordo com os grupos VT (vida toda); AE (antes em) e NM (não mora)

Grupo	Nome	Idade	Período do curso	Estado civil	Inserção no Mercado de trabalho	Morava antes em/Mora em	Atividades em Jataí
VT	Vanda	31	4º	Casada	Não	-	Estudo/ Atividades religiosas/ Bares, festas, restaurantes/ cuidar dos filhos, família/ visita amigos, parentes
	Maria	18	2º	Solteira	Não	-	Estudo/ Trabalho/ Atividades religiosas/ Bares, festas, restaurantes/ Namorar, passear
	Karla	32	4º	Solteira	Sim Educação	-	Estudo/ Trabalho/ Atividades religiosas/ Exercícios físicos
	Patrícia	21	6º	Solteira	Sim Comércio	-	Estudo/ Trabalho/ Namorar, passear/ Viagens outras cidades, fazenda/ Outros
	Danila	28	8º	Solteira	Sim Educação	-	Estudo/ Trabalho/ Bares, festas, restaurantes/ Visitar amigos, parentes/ Viagem
AE	Mara	22	6º	Casada	Não	Serranópolis -GO	Estudo/ Cuidar filhos, família/ Bares, festas, restaurantes
	Elenice	47	6º	Casada	Sim Comércio	Itarumã-GO	Trabalhar/ Estudo/ Cuidar filhos, família/ Passear
	Geovana	20	4º	Solteira	Não	Serranópolis -GO	Estudo/ Namorar, passera/ Atividades religiosas / Outros
	Daniela	35	4º	Casada	Não	Uberlândia-MG	Estudo/ Atividades domésticas/ TV/ Internet
	Luciene	43	4º	Casada	Sim Educação	Rio de Janeiro-RJ	Estudo/ Trabalho/ Atividades religiosas/ Clubes/ Outros
NM	Ana	21	4º	Solteira	Sim Comércio	Caiapônia-GO	Estudo

Fonte: Questionários e entrevistas. Organização dos dados: Sinara Rosa Carvalho e Silva.

3.1 A PALAVRA NÃO ESTÁ ALHEIA A EXISTÊNCIA DA COISA EM SI

Os sujeitos entrevistados falam de si em particular, mas remetem a universalidade do que é vivido na cidade, em Jataí. Pensar os conceitos de comunidade e sociedade, sua interação e tensão, contribui para descortinar as cicatrizes, marcas da socialização e formação do indivíduo na particularidade da cidade de Jataí, ao mesmo tempo em que se considera a universalidade da urbe hodierna. Tem-se como certo que ouvir cada sujeito é ouvir as marcas e cicatrizes da realidade que o compõe.

Ao falarem de Jataí como lugar no qual se inscrevem concomitantemente o tradicional e o moderno, as alunas entrevistadas dizem da contradição existente nesta relação dialética. Ao revelarem tal processo, dizem também da tensão vivida pelos sujeitos na cidade de Jataí, que ao mesmo tempo em que se encantam com o lugar por considerá-lo como seu, este lhe surge como algo estranho, na medida em que passa por transformações.

O conteúdo das entrevistas ratifica o que aparece nos questionários – que os espaços de sociabilidade jataienses se dão de maneira ambígua. As falas das alunas revelam que a cidade guarda em si muito da tradição interiorana, pacata, tangível, ao mesmo tempo em que mostra a agitada rotina da moderna cidade: frenética, ligeira. Pode-se perceber que os sujeitos vivem as tradições da comunidade, que combatem e coexistem com a sociedade.

Tal conflito se põe para o sujeito encantado com a cidade de Jataí, que é o mesmo que a estranha. A relação encantamento-estranhamento pode ser pensada tomando-a como aproximação-distanciamento. Deste modo, as entrevistas foram tomadas para apreender as marcas que a socialização grava nos sujeitos encantados e estranhos frente à Jataí, considerando-a universo particular ante a universalidade da urbe hodierna.

Adorno, Horkheimer (1973a 1973b), Tönnies (MIRANDA, 1995) e Bourdieu (1997) são referências à apreensão dos conceitos de indivíduo, sociedade e comunidade, bem como da interação destes com o processo de encantamento-estranhamento que se dá em suas relações. A partir do estudo, pode-se compreender que os conceitos são historicamente construídos e apresentam-se em interação e tensão permanentes. Compreendê-los é

fundamental para o des(velamento) da presente forma de sociabilidade, que constitui a universalidade das relações sociais na cidade e apresenta, simultaneamente, perspectivas cada vez mais amplas e o potencial da sua própria destruição.

A sociedade tal qual se tem hoje é constituída no mundo moderno. A modernidade, gestada no feudalismo, não significou simples continuação deste. Não houve simplesmente transformação, e sim ruptura radical com o modo de produzir a sociabilidade. Uma ruptura estrutural e em contínua revolução. A ruptura se deu nas formas de trabalho e propriedade, na forma de produzir a realidade e se apropriar dela. Engendrou-se uma forma de sociabilidade, diferente da feudal. Indivíduo e sociedade – em constante interação e tensão – são resultados desta nova forma de sociabilidade que se constituiu numa nova universalidade de relações.

O indivíduo aparece ‘livre’ para se vender. E, a par de tudo que o diferencia dos outros, é igual. Liberdade e igualdade são outorgadas perante o que regula a sociedade, o Estado liberal burguês, sediado na nação. As nações aparecem como o espaço do indivíduo livre e igual – o cidadão. Nesta forma de socialização, o sujeito é mercadoria. Esta não o revela, apesar de ser totalmente ação humana. Na forma como se produz à mercadoria, a vida humana já se produz como ocultamento. O que é falso não está dado apenas na consciência do sujeito, mas já na forma de produzir a própria realidade.

A sociedade liberal burguesa aparece como antítese da comunidade. Assenta-se na tese da propriedade privada. Outorga ao Estado a obrigação de assumir a tutela dessa propriedade. Para assegurar este contrato social, estabelece-se um contrato de domínio, no qual ficam os indivíduos, submetidos às Instituições do Estado. A constituição social existe na convivência mediada, objetivada e institucionalizada entre os homens. Assim, tanto na esfera objetiva, quanto na subjetiva, a socialização gera o potencial da sua própria destruição e simultaneamente, abre perspectivas mais amplas e concretas.

Somente por volta do século XVIII a palavra Indivíduo passou a designar o ser singular. E a palavra não estava alheia à existência da coisa em si. Em sentido estrito, a teoria do individualismo, “implica a tese liberal de que o indivíduo, ao lutar pela realização de seus interesses particulares, está

prestando um serviço aos interesses gerais” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.51-52).

Ao imaginar que persegue seus interesses em benefício próprio, o homem age como um instrumento que trabalha, muitas vezes sem saber, nas mãos de um poder superior, para o majestoso e artificial edifício do Estado e da sociedade civil.

A tese da independência radical do ser individual em relação ao todo, nada mais é, segundo Adorno e Horkheimer (1973a), do que uma aparência. Pois que a mediação do mercado livre, no qual se encontram sujeitos econômicos livres e independentes, é a forma pela qual se mantém viva a sociedade. E esta é a própria forma do indivíduo.

Os conceitos de indivíduo e sociedade são recíprocos. Dialogando com Marx, Adorno e Horkheimer (1973a) afirmam que o indivíduo se forma em relação de troca, e quanto mais ele é reforçado, mais cresce a força da sociedade. O indivíduo é o contrário do ser natural. Em sentido amplo, se emancipa e se afasta das simples relações naturais e está, desde o princípio, referido à sociedade. “A interação e a tensão do indivíduo e da sociedade resumem, em grande parte, a dinâmica de todo o complexo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.53).

Em tempos em que as considerações sociológicas são frequentemente preteridas pelas de ordem psicológica, Adorno e Horkheimer (1973a) asseveram que o primado da sociedade sobre o indivíduo, enfatizado pela sociologia, é válido ante a ilusão de que o homem chegou a ser o que é atuando por si mesmo. “Quanto menos são os indivíduos, tanto maior é o individualismo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.53).

Segundo estes autores, o conceito puro de sociedade e de indivíduo, bem como de uma eterna antítese entre estes, são teses abstratas. Ambos podem se deixar minar nas generalizações. Por isso torna-se

[...] necessária a análise das relações sociais concretas e da configuração concreta que o indivíduo assume nessas relações. A compreensão clara da interação entre o indivíduo e a sociedade tem uma consequência da maior importância [...] na idéia de que o homem só atinge a sua existência própria, como indivíduo, numa sociedade justa e humana (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.53-54).

Na sociedade burguesa, o dinamismo social que se desenvolveu obriga o indivíduo econômico a lutar por interesses de lucro e não se preocupar com o bem da coletividade. “O indivíduo da sociedade burguesa é tiranizado pela oposição entre a existência burguesa-particular e política-universal, e entre a esfera privada e a esfera profissional” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.55). Neste contexto econômico, o ideal anti-feudal da autonomia do indivíduo, que compreendia a autonomia da decisão política dos indivíduos, transformou-se numa ideologia para a manutenção da ordem vigente. Deste modo, inverteram-se realidade e aparência. “Para o indivíduo totalmente interiorizado, a realidade converte-se em aparência e a aparência em realidade”, asseveram Adorno e Horkheimer (1973a, p.55).

Destarte, o indivíduo vê-se sozinho, individualizado. O existente solitário que depende da sociedade é por ela tolerado e revogável. A individuação retrai-se e depaupera-se na sociedade. A Arte, a Religião, a Ciência vêem-se sob a posse privada de alguns indivíduos privilegiados, cuja subsistência é ocasionalmente garantida pela sociedade.

A sociedade, que estimulou a existência do indivíduo, desenvolve-se agora, ela própria, afastando de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece este mundo, de que intimamente depende, até o julgar coisa sua (ADORNO E HORKHEIMER, 1973a, p.55).

O (re)florescer do conceito de sociedade aconteceu com o advento da época burguesa, quando tornou-se visível o contraste entre as instituições feudais e aqueles que dominavam o processo material da sociedade. Atualizou-se o antagonismo entre a sociedade e as instituições vigentes. Estabeleceu-se distinção entre as grandes e as pequenas comunidades, estas poderiam prescindir das leis, o que seria impossível à sobrevivência daquelas.

Na jovem sociedade burguesa se deu a ascensão do indivíduo, para quem o direito natural seria a reivindicação perante o domínio absoluto e o poder do Estado. Este deixa de ser aceito como a imagem da Cidade de Deus. Não era mais um dado estático ou imóvel, antes se compunha de elementos distintos que somados converteriam-se numa unidade, num todo social.

A socialização não seria garantida pela natureza humana, mas, pela educação. A tendência que os homens têm de se causarem danos recíprocos

vai de encontro com a preservação da vida, pois cada um empreenderia esforços para obter vantagens e poderes sobre os outros, num estado de igualdades em que cada indivíduo teria direitos sobre todas as coisas. Assim sendo, a capacidade de assegurar a socialização passa a se impor pelo triunfo da razão natural, isto é “com o contrato que assegura a cada um a posse de determinados bens” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.31).

A sociedade burguesa se assenta na tese da propriedade privada, ficando a cargo do Estado a tutela dessa. Para assegurar este contrato social, estabelece-se um contrato de domínio, no qual ficam os indivíduos, submetidos às Instituições do Estado.

O medo de todos a todos é suplantado agora pelo ‘temor a um poder que se situa acima de todos’. A convivência entre os homens – ou seja, a Sociedade – só é possível em virtude da submissão dos indivíduos. [...] Assim, o poder do mais forte, no estado natural, converte-se em poder de domínio no estado legal (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.31).

Assentada em instituições por ela legitimadas, constitui-se a sociedade burguesa, na qual a liberdade, e não a força, seria o fundamento de direito. A constituição social existe na convivência mediada, objetivada e institucionalizada entre os homens. Contudo, as instituições não são em si mesmas, mas antes, epifenômenos do trabalho vivo dos homens. Quando o pensamento sobre a sociedade perde de vista a tensão, pode absolutizar as instituições e redundar em modelos extremos como o mito do nacional-socialismo.

Tomado “como relação entre os homens, no quadro da conservação da vida total e, por conseguinte, mais como Fazer do que Ser, o conceito de sociedade é essencialmente *dinâmico*” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.32, grifos dos autores). Pressupõe transformações ao final de cada ciclo de trabalho, que deixa sempre um produto social maior do que o que fora recebido do ciclo anterior. Tais transformações redundam em modificações do *status quo*. Transformações que tanto podem ser almejadas ou não pelos indivíduos.

O que na sociedade seria uma das causas principais de autonomia para os homens, a saber, o aumento das riquezas sociais, já não se identifica mais com eles, ao contrário, “passou a se firmar e consolidar independente deles” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.33). Trabalho e propriedade são

postos antagonicamente com o advento da sociedade industrial. No entanto, trabalho pode ser dado em função da história do homem, de sua formação. E não apenas no que tange a transformação do mundo exterior e da distribuição de tarefas entre os membros da sociedade. “Da relação dialética entre trabalho e propriedade (ou posse) resulta não só o ‘geral’, a sociedade, mas também a própria existência do indivíduo como Homem, como Pessoa (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.33).

A unidade do conceito de sociedade se perde quando a sociologia se restringe a fazer definições genéricas nas quais o concreto está excluído. As objetivações não revelam a substância da sociedade, antes os conteúdos da vida social. Adorno e Horkheimer (1973b, p.36) asseguram “que o conceito de sociedade abrange, precisamente, a unidade do geral e do particular, na correlação total e reproduzível dos homens”.

O processo econômico é o processo vital básico da sociedade. Não o cálculo derivado, coisificado, que apresenta em termos gerais o mecanismo da sociedade de permuta altamente desenvolvida. Antes, a realidade histórica, na qual “as partes contratantes das operações de troca não entraram, nem entram nas operações racionais recíprocas exigidas por aquela”, todavia acomoda nas relações econômicas – em si mesmas sociais – “às diferenças do poder real, às disposições sociais diversas” isto na época mais recente do capitalismo altamente diferenciado e mais “em todas as épocas passadas em que seja legítimo falar-se de sociedade [...]” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.36).

A dinâmica da sociedade apresenta no curso da História a tendência da socialização dos homens. Essa é para aumentar, ou seja, haverá cada vez mais sociedade. O aumento da socialização manifesta-se nos aspectos quantitativo e qualitativo. O contexto funcional da sociedade atrai para si cada vez mais grupos humanos, povos e indivíduos. Essa tendência, intensificada no século XIX, arrastou até mesmo os países que haviam se mantido na retaguarda do franco desenvolvimento capitalista. Esses mesmos mantendo-se ainda ‘não capitalistas’, são envolvidos na socialização e se constituem como fonte de multiplicação do capital de países dominantes.

Devido ao acelerado desenvolvimento dos meios de transporte, das técnicas de comunicação e a descentralização industrial e tecnológica, Adorno

e Horkheimer (1973, p.39) afirmam que “a socialização da humanidade está se aproximando de um novo ponto culminante”. Neste, o que aparenta estar ‘fora’ se manterá como algo que é tolerado em sua extraterritorialidade ou servirá à autêntica manutenção do ‘exótico’.

O princípio de socialização é intrinsecamente ambivalente. Seus progressos reproduzem todas as contradições já conhecidas até agora, mas em níveis cada vez mais elevados. Não seria exagerado afirmar que “[...] o desenvolvimento da sociedade total faz-se acompanhar, inevitavelmente, do perigo de total aniquilação da humanidade” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.40).

Em um outro sentido, afirma-se que cada vez mais se tem ‘mais’ sociedade. Adorno e Horkheimer (1973b, p.40) asseveram que “a rede de relações entre os indivíduos tende a ser cada vez mais densa; é cada vez mais reduzido o âmbito em que o homem pode subsistir sem elas”. Ante a esta realidade, os autores questionam a respeito dos momentos autônomos tolerados pelo controle social, se se poderão formar e em qual medida.

Para os filósofos, a reflexão sobre tal indagação não deve partir do pressuposto de que os homens tenham sido mais livres em épocas anteriores da socialização, ou que devessem sê-lo. Será mais legítimo considerar que pelo fato do indivíduo ter se cristalizado na era burguesa, tendo adquirido uma configuração real, que a socialização total pôde adquirir aspectos em que não possuía em tempos pretéritos. A rigor

[...] a socialização afeta o ‘homem’ como pretensa individualidade exclusivamente biológica, não tanto desde fora mas, sobretudo, na medida em que envolve o indivíduo em sua própria interioridade e faz dele uma mônade da totalidade social (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.41).

Um processo de regressão progressiva acompanha a padronização do homem nesta racionalização progressiva.

O que outrora talvez acontecesse aos homens de fora para dentro, têm eles agora de sofrê-lo também no seu íntimo. É justamente por isso que tal ‘socialização interna’ dos indivíduos não ocorre sem atritos, o que, por seu turno, gera conflitos que põem em dúvida o nível de civilização atingido até agora e que, simultaneamente, abrem perspectivas mais amplas e concretas (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.41).

A socialização total da presente civilização não alcança os homens de uma forma imediata, como seres da natureza. Antes apresentar-lhes-á forçosamente, cingida de sacrifícios que eles não estão dispostos a aceitar nem são capazes de fazê-lo. Tanto na esfera objetiva, quanto na subjetiva a socialização gera o potencial da sua própria destruição. As renúncias “impostas aos instintos não encontram uma saída equivalente nas compensações pelas quais o ego as aceita, os instintos assim reprimidos não têm outro caminho senão a rebelião” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.41).

3.2 ENCANTAMENTO E ESTRANHAMENTO NOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE JATAIENSES: COMUNIDADE E SOCIEDADE EM INTERAÇÃO E TENSÃO

Ao refletir sobre o conceito de sociedade, é importante considerar a antítese apresentada por Tönnies (MIRANDA, 1995) entre este e o conceito de comunidade. Assim como trazer à tona a realidade vivida pelo habitante da urbe, no processo de encantamento-estranhamento, apreendido em Bourdieu (1997) sob as condições de aproximação e distanciamento.

Na sua classificação, Tönnies subdivide os vínculos sociais, através dos quais os homens atuam uns sobre os outros, salvaguardando cada um a sua vida e vontade pessoais, em ‘vida real e orgânica’, por um lado, e ‘formação ideal mecânica’, por outro, ou seja, comunidade e sociedade (ADORNO E HORKHEIMER, 1973b, p.44).

As grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico (por exemplo capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e divisão, isto é, enquanto categorias de percepção ou de apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não chique, etc.) (BOURDIEU, 1997, p.162).

A vida em comunidade abarca “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto” (MIRANDA, 1995, p.231). Em Jataí, esta realidade era presente na infância das entrevistadas, especialmente quando dizem das brincadeiras e da convivência com outras crianças. As alunas do grupo VT afirmam:

E outra coisa também que eu lembro muito, que ficou muito forte na minha infância eram as brincadeiras. Tinha um grupo, os vizinhos,

brincavam todos. [...] Os brinquedos eram mais comunitários, eram brinquedos para socializar, sem ninguém pensar nisso, mas eram brinquedos pra isso, era tudo coletivo (Vanda, grupo VT).

Meu avô morava sozinho, ele era solteiro na época. Ele não queria morar sozinho, por isso chamou minha mãe, que é a filha mais velha pra morar com ele, fomos todos. [...] Nós brincávamos na rua uma vez no mês e olhe lá! Em casa, nós brincávamos muito. [...] Tínhamos os primos. [...] As vezes eram muitas crianças. As vezes eramos só eu e minha irmã (Maria, grupo VT).

[Na infância] eu morei junto com a mãezina, minha madrinha, e com a minha mãe. A gente tinha uma liberdade. Era muitas crianças, nós sempre estivemos em bandos. Aí depois, aos oito anos, eu fui morar na Vila Paraíso. Lá eu continuei tendo uma certa liberdade, eu consegui viver em grupo (Karla, grupo VT).

Eu morava na infância com os meus pais. [...] em todos os lugares da cidade que eu já morei eu tinha liberdade para brincar na rua. Geralmente era em grupo (Patrícia, grupo VT).

[Na infância] eu morava com minha mãe, meu pai e meus irmãos. A gente brincava muito na rua, conhecia todos os vizinhos, o bairro todo. Na minha casa foi assim, meu tio, minha vó, minha tia e nós. Quando minha vó comprou há muitos anos, já comprou os lotes pertinho para os filhos (Danila, grupo VT).

Somente uma aluna do grupo AE viveu sua infância na cidade em Jataí, esta também guarda lembranças da vida vivida em conjunto.

Mudei pra cá com seis anos, morava na fazenda, minicípio de Itarumã. [...] Nós mudamos pra cá pra estudar [...] Então quando a gente chegou aqui, a minha mãe fez aquela criação muito rídiga, ela não deixava muito a gente sair na rua. Mas o quintal da nossa casa era aberto, a gente tinha acesso aos vizinhos pelos fundos, e era tudo tranquilo (Elenice, grupo AE).

As demais entrevistadas, dos grupos AE e NM, viveram suas infâncias em outros lugares que não Jataí. Todas afirmam que esta fase de suas vidas se passou de modo coletivo, na família, com os vizinhos e com outras crianças. Mesmo Luciene, que vivia na capital do estado do Rio de Janeiro recorda:

A minha infância, tanto minha quanto do meu marido foi de brincar na rua, de ter contato com vizinhos. Mesmo numa cidade grande, nós morávamos num lugar que proporcionava isso. (Luciene, grupo AE)

As relações de amizade de infância e de adolescência são relações ou ligações que legitimam a ocupação do espaço por seus habitantes. A ocupação legítima supõe “a ocupação prolongada desse lugar e a frequência

seguida de seus ocupantes legítimos” (BOURDIEU, 1997, p.165). O que confere peso maior ao lugar de nascimento do que ao lugar de residência. Esta distinção quanto ao peso conferido ao lugar observa-se claramente na fala das alunas dos distintos grupos.

Eu vejo que as pessoas que estão aqui, que moram aqui, elas têm uma identificação histórica. Aquele ambiente, aquela praça, aquele hospital, o prédio da prefeitura, então tudo tem uma relação, mesmo as coisas materiais elas não são, não são de qualquer forma, elas têm uma identidade, elas aconteceram em determinadas épocas, [...] E aí, quando vem outras pessoas de fora, não que eles seja culpados, mas eles não tem nenhuma relação, identificação com o ambiente e eu acho que seja totalmente negativo (Vanda, grupo VT).

Eu morava em Uberlândia, vim pra Jataí meio de páraquedas. [...] Casei com um militar do exército e ele veio transferido pra cá e nós viemos pra cá. [...] Tem quatro anos e dois meses. Continuo morando aqui esse tempo pelo mesmo motivo, e também pelo fato de estarmos na universidade. [...] não penso em viver em Jataí o resto da minha vida, não, a não ser que acontecesse uma coisa muito radical, sei lá, passo num concurso da UFG pra trabalhar [...] A gente tem planos: daqui a dois ou três anos, a gente conclui a faculdade e tá indo pro Norte do país (Daniela, grupo AE).

A gente vê que as pessoas que tão vindo pra cá de certa forma também estão conseguindo melhorar a vida delas, né, não estão estagnadas. Aquelas que não conseguem, acabam saindo. Eu acho isso muito legal, essa oportunidade que a cidade tá dando para as pessoas que tão vindo. E receber essas pessoas também, né, porque essas pessoas vêm e não são discriminadas, têm a oportunidade delas (Luciene, grupo AE).

Meu lugar em Jataí é a universidade, nem sei se gosto da cidade, não tenho nenhuma opinião. Conheço a universidade e ouço falar de algumas coisas, principalmente os bares e os lagos. O lugar que frequento é a universidade pra estudar mesmo. E o barzinho da esquina da faculdade que é onde a gente espera o ônibus, não vou mais em lugar nenhum. [...] Nada me chama atenção, talvez por nem conhecer, nem saber que tem (Ana, grupo NM).

Na comunidade é intrínseca “uma ligação desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no bem estar quanto no infortúnio. Já na sociedade, entra-se como quem chega a uma terra estranha” (MIRANDA, 1995, p.231-232). As alunas do grupo VT assim se referem à cidade de Jataí hoje, como uma terra estranha, em contradição com o que vivenciaram em suas infâncias.

Hoje [...] as minhas filhas não têm essa mesma oportunidade de brincar assim como eu brinquei, as brincadeiras são muito individuais. Tenho duas filhas, uma de 11 pra 12 anos, a realidade de hoje é bem diferente da que eu vivi. As brincadeiras, o tempo livre se limita a televisão, filme, internet, video-game. As minhas filhas não têm a

mesma oportunidade de brincar assim como eu brinquei, as brincadeiras são muito individuais.

O nosso quintal era a rua. Mas esse quintal na rua foi na década de 80, [...]. Hoje, nem eu, que tive esse vínculo com vizinhos, nem as minhas filhas sabem quem são os vizinhos (Vanda, grupo VT).

Na Vila Paraíso, na minha adolescência, já existia uma certa insegurança, minha mãe não deixava muito a gente ir pra rua, passava o ônibus na rua que a gente morava e já existiam pessoas estranhas [...] Hoje não tenho uma convivência diária com os meus vizinhos. [...] Não tenho disponibilidade de tempo, nem tampouco amizade pra se sentar na porta, pra brincar [...] (Karla, grupo VT).

[Hoje] com os vizinhos, com a rua, é totalmente diferente. [...] Não vou na casa de vizinho, nenhuma. Quando eu era criança eu tinha alguma relação (Patrícia, grupo VT).

Tenho um filho pequeno, dois anos. Em relação à rua, mudou muita coisa. A gente hoje quase não vai nos vizinhos, não deixo meu filho sair pra vizinho, pra brincar, nem nada. Ele fica em casa mesmo, a brincadeira é dentro de casa mesmo. Minha casa é toda fechada, o portão não fica aberto de forma alguma, sempre na chave, trancado (Danila, grupo VT).

As alunas do grupo AE, cuja maioria não vivenciou a cidade de Jataí na infância, também reconhecem a estranheza característica da sociedade moderna nas relações que vivenciam na cidade.

[Hoje] as relações de vizinhança que se pode ter eu tenho com a minha tia, sabe, assim, pedir um açúcar emprestado, essas coisas assim. Os outros, eu tenho conhecimento, muito pouco, às vezes dá um tchauzinho, às vezes nem isso, nem nada. [...] Hoje, meu filho tem seis anos e não é a mesma coisa não. Eu tento aproximar o que eu posso, [...] brincar de bicicleta na rua, essas coisas. Na minha rua movimentada é difícil ter interação, até mesmo com os vizinhos, cada um faz um curso, é muito diferente, não é a mesma coisa de quando eu era criança (Mara, grupo AE).

[No meu bairro] crianças brincando na rua não é tão comum, [...] meus sobrinhos vivem trancados, não é igual quando eu era criança (Geovana, grupo AE).

O desenvolvimento ocorrido em Jataí, especialmente a partir da década de 1970, que modificou intensamente o cenário urbano do município em todas as instâncias – econômica, cultural, social e política – não cessou de ocorrer. As transformações oriundas deste processo causam em seus habitantes, ao mesmo tempo, encantamento, para aqueles que estão próximos à realidade que se configura, e estranhamento àqueles cujo cotidiano se passa distante do desenvolvimento ou a determinado aspecto deste, conforme asseveram os trechos abaixo.

[...] não acho que indústria seja progresso, acho que seja bem o contrário. [...] Vejo também a indústria, de qualquer forma, seja ela de alimentos, têxtil, de limpeza, de farmácia, de qualquer coisa. Ela é positiva economicamente? Pode até ser. Mas a longo prazo ela é muito mais negativa, porque o que ela vai fazer de degradação do ambiente, o que ela vai acabar pra poder suprir a necessidade dela vai ser muito maior, e são coisas que com o tempo não se, não se reverte. Ainda mais na questão nossa aqui, por ser do cerrado. O cerrado a gente sabe, com estudos e tudo, que não é de fácil reconstrução. Ele leva muitos anos pra ser construído, por isso ele tem uma característica tão ímpar, né? Então eu sou totalmente contra, eu acho que essas políticas econômicas e sociais do Estado de Goiás deviam ser revistas principalmente pelo local onde a gente tá (Vanda, grupo VT).

[...] com relação a indústria, essas coisas sim, podem ter desenvolvido, agora com relação de consciência no bem estar das pessoas aí não, chegou a desenvolver mas foi pouco, aí já foi pouca coisa (Maria, grupo VT).

Trouxeram muita indústria, de uma hora pra outra, sem pensar um pouco na estrutura da cidade, se nela caberia. Por esse ponto é negativo (Patrícia, grupo VT).

Este aspecto da cana aqui, veio muita gente de fora, a gente fica cismado com essas coisas, mas mesmo assim eu falo muito bem de Jataí porque eu gosto daqui (Elenice, grupo AE).

O indivíduo estranha o espaço no qual vive, vê-se desterritorializado nele, embora se considere parte dele. Os sentidos que se produzem são contraditórios. As entrevistas, especialmente dos grupos VT e AE, deixam tal ambivalência notória, as alunas declaram amar a cidade e, ao mesmo tempo desconhecê-la. O grupo NM afirma sua condição de desterritorialidade quase total, a não ser pela frequência à universidade, seu único espaço em Jataí. Em relação ao restante da cidade, o pouco que sabe é de ouvir falar.

A cidade de Jataí é a minha casa. [...] Jataí é muito bom, apesar dos acontecimentos, questão de crime e tudo que acontece, mas não se justifica a pessoa não vir morar aqui por isso [...]. [...] eu gosto da minha cidade, eu me identifico com ela [...] (Vanda, grupo VT).

Jataí anda ultimamente terrível. A cadeia por exemplo toda vez vai ver no noticiário "fugiu três, fugiu onze", meu Deus, lá tem 150 e o limite é 80, é 50, é terrível. [...] é uma cidade boa de se conviver, gosto daqui, gosto muito (Maria, grupo VT).

[...] Tá numa fase de transformação, não é a cidade mais linda do mundo, mas também não seria a cidade mais triste, a cidade mais ruim não. É a minha cidade que eu amo muito, mas que eu acho que tem muito a melhorar [...] (Karla, grupo VT).

Eu acho que [...] é uma cidade boa de se viver. Eu não acho que aqui seja ruim, apesar de todos os problemas que tem, deve ter coisa pior

(Patrícia, grupo VT).

Sou muito satisfeita aqui. Demais. Graças a Deus [...] Assim, talvez eu mudaria se me oferecesse um trabalho bom, ou pra mim ou pro meu esposo. Mas mudaria com muito pesar. [...] Aqui em Jataí eu vejo que vem melhorando principalmente a infraestrutura mesmo da cidade. [...] Aqui então eu acho que tem muito a melhorar, mas tá ótimo. [...] Ideal, Jataí é uma cidade muito ideal. Tem gente que fala que morre de vontade de sair daqui. Mas, sair daqui pra quê? Tem tudo aqui, aliás tinha mais, pra mim perdemos o que era super importante, que era o cinema. Ai que perda! (Mara, grupo AE).

[...] por mais que eu me esforce eu não consigo ver Jataí como o lugar ideal, aquele lugar que possa oferecer grandes coisas, [...] Jataí é uma cidade tranquila de se viver, que ainda não tem o índice de violência alto, você ainda consegue andar nas ruas com tranquilidade. [...] De oportunidade, pra quem quer estudar aqui é muito mais tranquilo de passar no vestibular porque a concorrência é menor, entendeu? [...] Eu não sei te dizer se tem bons empregos não, até porque o custo de vida é muito caro, mas o que eu percebo é que a maioria das pessoas ganha muito pouco. [...] Jataí é uma cidade tranquila de se viver. Atende algumas necessidades. Tem algumas coisas, que, tipo assim, dá pra fazer, outras não. Mas eu acho que não falaria daqui com muito encantamento não (Daniela, grupo AE).

Eu venho e volto como se não tivesse vindo aqui. Assim, acho que mais é porque, se alguém me chama pra ir em algum lugar eu não vou não, sempre tem isso, tô cansada. [...] Quando falo de Jataí eu falo que só conheço a universidade (risos). [...] Eu conheço só o lago da chegada de lá pra cá e o JK [lago], mas não vou não. [...] Minha rotina aqui é estudar, mais nada. [...] Posso falar que passo por um lago na entrada e as outras coisas que as meninas na sala de aula comentam muito é sobre os bares e os lagos (Ana, grupo NM).

Os sujeitos reconhecem o espaço, mas este não mais lhes pertence, ou ainda, se dizem pertencentes ao espaço, no qual já não mais se reconhecem. Tais condições são notórias nas falas das alunas dos três grupos entrevistados.

Crescer a cidade cresceu [...]. As indústrias, trouxeram, antes não tinha. Mas são coisas assim aumenta o ponto positivo, mas também as vezes aumenta o negativo. Aumentou indústria, [...] aumentou a insegurança em Jataí (Maria, grupo VT).

[...] é uma cidade ainda gostosa de se viver, onde existem pessoas humildes, pessoas pacatas, mas que está em desenvolvimento e com toda a tecnologia. Desenvolvimento ocorre as transformações também vem, né? (Karla, grupo VT).

Eu acho que Jataí mudou bastante daquela cidadezinha do interior. [...] Não posso dizer que é uma cidade moderna assim, mas também não pode se dizer que é uma cidade assim do interior mais. Acho que estaria em transição (Patrícia, grupo VT).

Jataí uma cidade boa, boa pra morar, boa pra viver, tem cidades bem piores. Ainda é tranquila, com lugares bons. [...] Aqui poderia ser

melhor, mas eu não sei se é por causa desse tanto de coisa, ou é cidade turística, ou é cidade universitária, ou é cidade industrializada, então assim, ficou meio sem sentido. [...] Se hoje a gente falar qual é o rumo da cidade a gente não sabe falar. [...] Tá danto tiro pra todo lado, né, não tem uma coisa certa. Trabalha com a agropecuária, com a agricultura, industrializada, pólo universitário, turística, uma confusão (risos). Não é específico como Rio Verde, por exemplo, lá é agricultura. Aqui uns conhecem como turístico, as pessoas de outra cidade, cada uma tem uma referência (Danila, grupo VT).

As indústrias é que é um ponto complicado, porque ao mesmo tempo que elas vêm pra melhorar a cidade, traz benefícios, traz trabalho, é complicado porque eu acho que tem algumas indústrias que estão vindo pra cá que, não sei, a cidade não estaria muito preparada no sentido ecológico da coisa. São empresas muito grandes, que vão retirar muito da nossa região e não sei se elas vão devolver na mesma proporção (Mara, grupo AE).

Eu moro em Jataí desde 69, março de 69, tá fazendo 40 anos. Era parada, tranquila demais, nossa, era mais cômodo da gente ir passear, a gente se identificava mais com determinados lugares. [...] A [cidade] modificou. Desenvolveu também. Melhorou eu não sei, porque se modifica, melhora por uns aspectos e por outros nem tanto, né. Mas modificou muito (Elenice, grupo AE).

Quando eu cheguei aqui, eu cheguei de mudança, eu odiei. Eu odiei esse lugar. Eu odiei, eu chorava e pensava: meu Deus o que que eu vim fazer nesse fim de mundo? [...] O custo de vida aqui é muito alto. Foi uma coisa que chocou muito. [...] fui me adaptando, tentando levar a minha vida dentro desse ritmo aí e tudo. Hoje eu me sinto adaptada. Não que eu goste assim de Jataí, que eu vislumbre, mas adaptada. Ideal não, aqui seria um lugar que atende as minhas necessidades do momento (Daniela, grupo AE).

Vimos buscando um lugar, já que a gente conhece bem a realidade da cidade grande, procurando um lugar mais tranquilo, que a gente pudesse estudar e que fosse perto, porque lá a gente perde muito tempo em condução. [...] A gente dá super bem aqui, todo mundo (Luciene, grupo AE).

Eu acho que eu não conheço Jataí. Só conheço mesmo onde a gente passa no ônibus pra chegar na faculdade. Venho pra universidade e vou embora (Ana, grupo NM).

A admoestação contra a perversidade da sociedade é comum – conforme corroboram os trechos transcritos a seguir – enquanto que falar em comunidade perversa soa contraditoriamente.

O município de Jataí por estar ligado, por estar entre, de fácil trânsito rodoviário federal, ele, ele é muito visado, porque acontece coisa no município de Jataí que até então a gente pensa que só acontecesse em cidades grandes, como tráfico de drogas, é, até mesmo pequenos sequestros, esse tipo de coisa, então tudo isso a gente tem conhecimento (Vanda, grupo VT).

Hoje pesa muito a segurança e o movimento que existe, de carros, motos, falta de sinalização impede muito. Eu vejo as crianças,

quando brincam na porta me preocupa. Então hoje a diferença é bem grande (Karla, grupo VT).

[na minha infância] Então, a gente tinha aquela coisa de interior sentar na porta, conversar com os vizinhos. [...] Os pais não tinham medo de forma alguma, era muito tranquilo o bairro, né? Hoje mudou muita coisa e é no mesmo bairro, na mesma rua (Danila, grupo VT).

Antes a gente tinha um contato muito grande com a rua, porque não tinha a violência que existe hoje (Karla, grupo VT).

Do Rio realmente a mídia mostra um bicho papão, mas problema tem em todo lugar. Eu conversei com uma advogada aqui de Jataí, ela tava me mostrando se a gente for ver em índice, Jataí tem até mais criminalidade, se bobear, do que no Rio de Janeiro. Porque lá a proporção é imensa. [...] Eu acho até engraçado porque aqui o povo morre de medo (risos), aqui é cerca elétrica pra tudo quanto é canto. [...] mas mesmo assim, a gente vê aqui as pessoas deixam capacete na moto, deixa bolsa pendurada, carro aberto, lá no Rio de Janeiro você não vê isso (risos). Então pra mim tá é tudo bem (risos), tá light! (Luciene, grupo AE).

Engraçado aqui me chamou muito atenção, porque as pessoas que moram aqui, elas têm medo da cidade grande, mas elas gostam daqui. Gente, achei tão bonitinho, porque tem lugar, que as pessoas falam: 'Tô doido pra sair daqui, não gosto desse lugar'. Aqui você encontra um ou outro, mas no modo geral as pessoas gostam da cidade, eu achei tão legal isso, valorizam e defendem (Luciene, grupo AE).

A perversidade da cidade é vivenciada pelas alunas especialmente na relação com o outro. Há ênfase nas falas quanto aqueles que chegam a Jataí, procurando nela esperança para seu infortúnio. A maioria das entrevistadas refere-se aos recém chegados na cidade em busca dos empregos ofertados pela expansão da indústria sucroalcooleira. Daniela do grupo AE fala também dos estudantes que buscam os cursos universitários, em franca expansão, especialmente na UFG.

Com o crescimento da demanda de trabalho pelas indústrias, as pessoas de outras regiões do país que lá não conseguem trabalho com facilidade vêm morar aqui (Vanda, grupo VT).

Com a chegada dessa indústria, usina de cana, trouxe crescimento, emprego, mas prejuízo também pra cidade. São muitas pessoas de fora, a cidade foi invadida, dá essa impressão, são homens, só homens que vão pras indústrias (Danila, grupo VT).

[...] em termos de população, tá muito populoso, nesses últimos um, dois anos, tô achando muito agitado, muito populoso. Na minha casa, que é no centro, agora, ultimamente, é impossível você dormir uma soneca de dia. Na rua é um movimento, assim, meu quarto é bem debaixo da rua e é um barulhão. Já foi diferente, era mais tranquilo. [...] Nesses últimos dias, a gente tá ficando preocupada, com essa quantidade de canavieiros que está aí, os trabalhadores das

indústrias (Elenice, grupo AE).

Com essa questão de abrir novos cursos na universidade você vê que muda a cara da cidade. Veio muita gente, seja por causa das usinas, seja pra estudar aqui na universidade. Essa interação tem o lado positivo e tem o lado negativo, é normal pra qualquer cidade que tende a ter um progresso (Daniela, grupo AE).

As entrevistadas consideram-se diferentes dos que chegam a Jataí em busca de trabalho ou estudo. Até mesmo as alunas do grupo AE, que se mudaram para Jataí em busca de melhorarem algum aspecto de suas vidas.

Aos dezesseis mudei pra cá. Mudei pra cá, primeiro porque eu já estudava aqui, já tava fazendo faculdade. [...] A gente tinha vontade de mudar pra cá, porque aqui a vida é bem melhor e mais fácil, oferece mais possibilidades (Mara, grupo AE).

Nenhuma delas menciona o desconforto que sua invasão possa ter causado à cidade. Todas entretanto, afirmam ser legítimo o direito dos que buscam ‘tentar a vida’ em Jataí, apesar do mal-estar que esta invasão lhes causa.

[...] não que eu seja contra as pessoas de outra região vir morar aqui, de forma alguma (Vanda, grupo VT).

[...] É assim, tem um problema sério, porque com a questão dessas usinas que vieram pra cá mudou muito essa questão do povoamento, não tenho nada contra quem vem, todos têm direitos iguais, têm que procurar o que for melhor pra si, né (Daniela, grupo AE).

[...] Um lugar que você encontre paz, tranquilidade, que te proporcione realizar aquilo que você deseja, pelo menos uma parte dos sonhos que você tem. E eu acho que Jataí tem proporcionado isso pra muitas pessoas, tanto que a maioria das pessoas que moram aqui não são daqui. Você encontra gente de todo lugar, isso é legal, você conhece gente de Minas, de São Paulo, do Rio, da Bahia, de Pernambuco, agora ainda mais com as usinas, né? (Luciene, grupo AE).

Tais invasores são tidos como ameaça aos ocupantes legítimos da cidade. Configuram-se, para as alunas entrevistadas, como ameaça quanto as condições de sobrevivência na e da cidade, visto que “a reunião num mesmo lugar de uma população homogênea na despossessão tem também como efeito redobrar a despossessão [...]” (BOURDIEU, 1997, p.166).

Mas, de repente, uma cidade que não tem uma infra-estrutura adequada nem para as pessoas que já moram aqui na cidade, quanto mais para uma demanda de aí dez mil funcionários de uma única

empresa. [...] Então eu vejo isso assim como uma catástrofe, porque a cidade não dá conta. [...] Esses pais que vão vir trabalhar aqui ou já vão trazer a família ou elas vão vir depois. E a cultura deles é diferente, às vezes vai acontecer depredação da arquitetura da cidade porque eles não viram aquilo, eles não sabem como aquilo foi construído, nem quanto tempo levou, nem pra que que foi. Não têm uma identidade histórica com essa cidade, eles não têm uma relação histórica com a cidade. E eu vejo isso como uma forma totalmente negativa, sou totalmente contra [...] (Vanda, grupo VT).

A vinda das indústrias, da cana-de-açúcar, eu não acho que seja evolução. [...] não tem estrutura pra esse tanto de gente, e tá vindo, tá vindo muita gente. Só poluição e gente e não tem estrutura (Patrícia, grupo VT).

[Com relação as indústrias] A questão do emprego é muito importante, muita gente da nossa cidade tá empregado, mas também tem muita gente vindo de fora. Às vezes ajuda no desenvolvimento econômico, mas no lado assim de violência, criminalidade, às vezes piora um pouco. Por um lado é bom, por outro nem tanto, na balança não sei o que que pesa mais (Mara, grupo AE).

Até comento, tá difícil de ir ao centro, se você vai de carro, você não acha lugar pra estacionar, um tumulto só. Se você vai a pé tá sempre o tempo todo vendo pessoas que você não conhece, sabe, você vai olhando e vê que não é gente daqui, são pessoas diferentes do nosso convívio (Elenice, grupo AE).

Tais indivíduos não conferem à Jataí peso do lugar de nascimento, já que a cidade lhes é somente lugar de residência e trabalho, “sendo diferentes da grande maioria, têm em comum não serem comuns” (BOURDIEU, 1997, p.165). Percebe-se nas falas das entrevistadas que elas não estabeleceram na cidade relações ou ligações profundas, nem tampouco apreenderam “todos os aspectos mais sutis do capital cultural e linguístico, como os modos corporais e a pronúncia (o sotaque), etc.” (BOURDIEU, 1997, p.165).

Sob pena de se sentirem deslocados, os que penetram em um espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes. Pode ser a posse de um certo capital cultural, cuja ausência pode impedir a apropriação real dos bens ditos públicos ou a própria intenção de se apropriar deles (BOURDIEU, 1997, p.165, grifos do autor).

O não cumprimento de tais exigências é notado pelas alunas e revelado nas entrevistas.

Essa pessoa que tá vindo de fora, que não nasceu em Jataí, que não sentiu essa cidade crescer, que não cresceu junto com ela, ela não tem o menor apego por isso aqui. [...]. Quando se mora na cidade, quando a gente nasce nessa cidade e vai vendo as coisas

acontecendo, a construção de uma praça, ou então o hospital que foi feito porque aquele já não dava conta mais da demanda, então quando a gente vê isso, é a mesma relação que a gente tem na casa da gente. Se você construiu um quarto a mais na sua casa, todos da casa vão desfrutar disso e vão saber o quanto aquilo custou para ser construído, vão ter uma identificação com aquele, com aquele ambiente. Da mesma forma a cidade (Vanda, grupo VT).

[...] Andando na cidade não consegue ver esse volume de gente, eles não trabalham na cidade, a indústria é fora, então a gente percebe quando vai em festas, já tá muito nítido, de cara você vê que não é daqui, [...] dizem que dia de pagamento ninguém anda lá na Goiás, eles nem trabalham, ficam lá na Goiás, não tem jeito nem de andar, durinho de gente. Tá mudando o espaço da cidade (Danila, grupo VT).

[...] hoje eu vejo uma movimentação muito maior na cidade em termos de população, sabe até de cultura. A gente vê falar: aquele povo lá do Nordeste, aquele povo não sei de onde (Daniela, grupo AE).

A experiência da comunidade é sentida por todos que dela fazem parte. Na sociedade se tem a companhia, mas a comunidade viva lhe é oposta. A forma de socialização comunitária implica em relações mais estreitas, há um sentimento de pertencimento nos sujeitos ligados organicamente e por afinidade.

Quando a gente sai de viagem que eu chego em Jataí, quando você chega lá na rodovia, lá na saída, no trevo da cidade você já dá até um suspiro assim aliviado: 'é a minha casa!'.[...] Porque eu me identifico com esse lugar, sabe. [...] então parece que há um sentimento de amor [...]. É uma questão de identidade mesmo (Vanda, grupo VT).

Tinha uma época que as pessoas aqui 'faziam avenida' iam lá pra Avenida Goiás [...] eu fui pouquíssimas vezes. Mas eu lembro, era tudo tranquilo, não tinha violência, não tinha desrespeito com as pessoas, com as moças, de jeito nenhum. Era um passeio, onde as mães confiavam de deixar ir, não tinha problema nenhum. É lógico que ninguém ia sozinho, mas se ia uma turminha não tinha nada. Chegava lá sentava no banquinho, ia conversar, ia dar voltinha, né, era tranquilo, comer pipoca. Hoje não existe (Elenice, grupo AE).

Já as sociedades "existem unicamente [...] em função do Estado e de um objetivo qualquer [...]" (MIRANDA, 1995, p.232). A sociedade rompe com a forma de sociabilidade comunitária, nela os sujeitos vivem juntos por finalidade. Implica emancipação política e não humana. O sujeito que emerge, o indivíduo, muito mais individualizado e menos individuado, aparece vivo na fala de alunas tanto do grupo VT, quanto AE.

Eu não costumo ir muito a casa das pessoas não. Minha avó todos os

dia vai lá em casa, mas eu vou a casa dela só por necessidade mesmo, quando minha mãe me pede pra fazer alguma coisa lá (Maria, grupo VT).

Eu tenho acesso a internet, filmes, tv também, tudo em casa. [A internet uso para] contato com as outras pessoas, que hoje infelizmente fica mais pelo virtual. (Karla, grupo VT).

[...] Eu cheguei impressionada, pensava que era outro mundo, né, porque eu nunca tinha morado aqui em Jataí. E já quando eu mudei pra casa onde eu moro agora, a única pessoa que conversou comigo foi a minha tia, os outros vizinhos ninguém (Mara, grupo VT).

Eu percebo uma diferença muito grande nas relações de amizade que eu tive com as da minha filha hoje. Ela tem muitas amizades *online*, virtuais, e na nossa época não, a gente tinha um grupo de amigos que sempre saía junto. [...] Hoje não, eles conversam muito pela internet, depois quando chega perto, já vi isso com ela, quando chega perto da pessoa ficam aquelas pessoas sem graça uma com a outra, não tem o que falar, não tem assunto (Elenice, grupo AE).

[...] Nem eu nem meu marido a gente é muito assim de se abrir. Eu acho que a gente é mais reservado. Conversar com colega, converso com um monte de gente, mas amizade, amizade mesmo você pode contar nos dedos. [...] Eu acho que a gente arruma muita desculpa pra não ter que ir na casa dos outros, entendeu?! (Daniela, grupo AE).

O que mais me impressionou mesmo, foi a questão das pessoas, da convivência das pessoas, da vizinhança. Por exemplo, quando eu cheguei me assustou muito que os vizinhos não cumprimentam os vizinhos. [...] Eu achava que por ser uma cidade do interior que as pessoas fossem mais comunicativas, mais chegadas, né. Tanto que eu achava que as crianças brincavam na rua e tudo, e não. São bem fechadas, isso me surpreendeu bastante (Luciene, grupo AE).

Miranda (1995, p.232) ressalva que a sociedade é onde floresce a cultura urbana, sendo pouco reconhecida no plano rural. “Todo elogio à vida rural destaca a comunidade como mais forte e mais viva entre os homens; é a forma de vida comum, verdadeira e duradoura” (MIRANDA, 1995, p.232).

O lugar da comunidade é a família, a aldeia e a pequena cidade, já a sociedade está locada na metrópole mercantil burguesa, no Estado e na Nação. O trecho a seguir deixa evidência o mal estar vivido numa cidade que guarda traços comunitários ao mesmo tempo em que se moderniza.

Jataí tá em fase de crescimento, tá deixando de ser assim tão pacata quanto era, e eu gosto de lugares assim tranquilos, por mais que eu pense em ir pra uma cidade grande, meu desejo era encontrar aquela tranquilidade que existia em Jataí, que era um dos pontos que mais pesava pra mim tá aqui (Karla, grupo VT).

A vida em sociedade mantém os indivíduos essencialmente

divididos, enquanto na comunidade a vida é mais gregária.

Quanto menos os homens estiverem entre si associados por referência a uma mesma comunidade, mais eles se comportarão, uns perante os outros, como sujeitos livres, dependentes de sua vontade e capacidade próprias (MIRANDA, 1995, p.242-243).

A comunidade é um organismo vivo, um corpo orgânico em sua totalidade e não mera justaposição das partes. Ao contrário desta, os componentes da sociedade não estão ligados organicamente, sendo, portanto, um agregado mecânico e artificial. “Enquanto, na comunidade os homens permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo que os separa, na sociedade eles estão essencialmente separados, apesar de tudo que os une” (MIRANDA, 1995, p.252).

Esta antítese aparece claramente nas falas da alunas, transcritas a seguir. Enquanto a primeira, do grupo VT, revela a unidade apesar de tudo que poderia separar os amigos, as demais, do grupo AE, põe o distanciamento, embora considerem a tecnologia como possibilidade para aproximação.

[Hoje meus amigos] são os amigos de infância. Conheço desde que eu era criança, as mesmas amigas, não mudou. Moram na mesma cidade, mesmo bairro. Meu ciclo de amizades ele expandiu, mas as pessoa com quem eu tenho mais contato não mudaram, são as mesmas (Danila, grupo VT).

Vínculo familiar também tenho, mas pelo fato de estar longe a gente acaba também não tendo, porque as vezes você quer uma pessoa pra olhar pra você, né. As vezes por telefone não dá. Tem algumas pessoas queridas que eu deixei em outra cidade, mas que hoje não fazem diferença, naquele momento talvez elas fossem importantes, mas depois que eu saí do convívio delas acabou, não tem essa relação. (Daniela, grupo AE).

Os amigos mais, são aqueles que eu fiz lá em Serranópolis, então a gente tem um contato até hoje. Embora aqui os da faculdade também eu tenha bastante contato, mas são mais os da infância. Eu falo com eles, e, é mais virtual, só com os da faculdade que é mais real (Geovana, grupo AE).

Na sociedade as realizações são individuais e para aqueles que estão próximos por associação. Não se encontram atividades que sejam derivadas de uma unidade existente. As ações não expressam o espírito da vontade coletiva, pois cada qual está isolado e por si. Em relação aos outros há um estado de tensão permanente.

O âmbito particular de atividade e poder se limita claramente na

relação que se estabelece com os demais. “[...] cada um se defende do contato com os demais e limita ou proíbe a inclusão destes em suas esferas privadas, sendo tais intrusões consideradas hostis” (MIRANDA, 1995, p.252).

Os ‘sujeitos-força’ diante uns dos outros, caracterizam um estado de paz da sociedade. Daniela, do grupo AE, denuncia claramente esta condição no trecho transcrito a seguir.

Olha, quando eu morava em Dores, era mais jovem, a gente abre um pouco mais o leque, mas eu sempre fui muito reservada, eu falo muito desde que o assunto esteja em foco, mas a minha pessoa eu raramente exponho. As vezes a gente fica sendo até meio chato [...]. Eu interajo com todo mundo, mas eu não sou de me expor, principalmente a minha vida particular. Na verdade eu não gosto que ninguém invada a minha privacidade, então eu já tenho essa defesa, eu não dou espaço pra que isso não aconteça (Daniela, grupo AE).

Na comunidade as trocas se dão com base no valor de uso, já na sociedade a troca de um bem ou serviço se dá apenas quando o que se receberá é mais desejável do que o que se oferece. É troca com base em valor de troca. Os indivíduos não se dispõem a oferecer a outrem por menos do equivalente do que será concedido.

Os bens e valores dos objetos na sociedade ocorrem em relações simultâneas. Um objeto é ao mesmo tempo melhor e pior para indivíduos diferentes. Segundo Miranda (1995) tanto os objetos quanto os sujeitos que os avaliam são concebidos separadamente. “Quando alguém possui e desfruta alguma coisa, o faz com exclusão dos demais. Não existe na realidade, o bem comum” (MIRANDA, 1995, p.253). Ao falar dos bens que possui, especialmente do acesso a televisão Vanda confirma esta realidade, pois por possuir o eletroeletrônico a família é privada da convivência enquanto está frente ao mesmo.

[...] mas nós temos o privilégio de ter a TV por assinatura então onde a gente pode escolher aquilo que a gente vai assistir, porque na TV, na TV comum na verdade as pessoas não em opção de escolha. [...] Os pais assistem a TV no quarto com programas separados e as meninas tem uma TV a disposição delas na sala também que elas assistem a filmes, aos programas específicos para a idade (Vanda, grupo VT).

A apropriação do espaço, segundo Bourdieu (1997), depende do capital possuído pelo sujeito, quer seja econômico, cultural e/ou social.

“A capacidade de dominar o espaço, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuídos, depende do capital que se possui” (BOURDIEU, 1997, p.163-164).

Quem possui capital mantêm próximo de si pessoas e coisas que lhes são afáveis. Ao contrário dos que não possuem, estes são mantidos à distância “e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros” (BOURDIEU, 1997, p.164). A falta de capital torna as distâncias mais longas “intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar” (BOURDIEU, 1997, p.164). Nos trechos a seguir é possível identificar tais situações no cotidiano das alunas entrevistadas.

No meu caso específico, pela minha posição social, questões econômicas eu sou uma privilegiada porque eu tenho condução particular. [...] Eu não dependo de ônibus, de coletivo, de nenhum veículo do município, e nem mesmo de pagar taxi essas coisas. Eu, quando eu quero eu tenho acesso livre na cidade, digamos assim (Vanda, grupo VT).

[No meu bairro] acesso a saúde é longe, e as vezes o pessoal que é lá no Conjunto Rio Claro, as vezes discriminam os que moram no Zé Bento, é próximo, e as vezes há uma separação, há uma distinção, e as vezes os médicos bons vão pro Conjunto e os menos bons vão pro Zé Bento (Patrícia, grupo VT).

[Gostaria de frequentar em Jataí] nossa! Choperia Rodeio (risos), lá é muito caro, as coisas são muito caras né, então você vai, é um lugar agradável, bem frequentado, mas eu não vou porque não tenho condições financeiras de tá frequentando (Danila, grupo VT).

É engraçado. E eu fico mais impressionada sabe, tem muita gente que mora mais afastado, nesses setores pra lá, que não preocupa. A gente fala: ‘você não tem vontade fazer uma faculdade?’ A pessoa: ‘ai, nossa, é muito longe, nossa, não dou conta nunca’. A distância física se torna uma barreira (Mara, grupo AE).

Ah! Aqui, até nos barzinhos, é uma coisa muito engraçada, as pessoas que frequentam o ‘Tio Nanas’ não são as pessoas que frequentam os barzinhos menores. As pessoas que vão nos menores nem sempre vão no ‘Tio Nanas’, elas as vezes falam assim: ‘eu sou lá de não sei onde lá da vila, não vou lá não, lá só tem gente chique’, sabe. Nem vai porque tem medo de se misturar com o pessoal que é mais do centro. E eu fico observando muito isso (Mara, grupo AE).

[...] eu já dependi de ônibus aqui. Nossa! Ônibus aqui é terrível. [...] Eu vim de uma cidade que tem ônibus de minuto em minuto, pra tudo. [...] Aqui eu morei no Jardim Goiás, e aí o que que acontecia? Lá o ônibus passa de uma em uma hora. Sem carro aqui em Jataí é muito complicado. E assim, já vi, a gente sempre conversa lá em casa, a cultura de Jataí, eles tem vergonha de usar ônibus, né. Ônibus é pra pobre (risos). Lá no Rio é tranquilo. [...]Essa é uma contradição bem marcante, nossa, demais, demais. Eu até pensava que a maioria tem um bom nível, mas não a maioria é pobre mesmo, é assalariado [...]

Mas eu ainda pego ônibus numa boa, se eu precisar. (Luciene, grupo AE).

[Para vir para Jataí] o transporte é da cidade, da prefeitura [Caiapônia], a gente só arca com o motorista. Vem todo dia e volta. Tem vezes que a gente fica por conta de petróleo, ou porque quebra, ou tem sábado que a prefeitura não libera o ônibus e a gente perde aula. É muito complicado (Ana, grupo NM).

Assim como a apropriação do espaço depende do capital possuído, “[...] as aspirações, sobretudo em matéria de habitação e cultura, dependem, em grande parte, das possibilidades objetivamente oferecidas para sua satisfação” (BOURDIEU, 1997, p.164). Em Jataí, as alunas aspiram vivenciar ou possuir o possível, aquilo que entendem ser plausível graças ao capital havido, quer particular, quer da cidade.

Eu gostaria que houvesse em Jataí uma oportunidade de você ter um contato de, com a cultura mais aprimorada, não essa cultura de massa que a gente vê tanto né, porque barzinhos, locais onde tem música ao vivo e tudo isso tem na cidade, mas um local específico que você vai e você tem a certeza de que vai acrescentar pra você é difícil, é difícil essa parte cultural (Vanda, grupo VT).

Só tem falta de um lugar aqui que é o cinema né, que fechou (Maria, grupo VT).

Aqui, seria uma cidade que teria condições de abrigar um *shopping center*, por exemplo, mas não tem. Muita pessoas falam: uai, mas pra que? Se fizer um *shopping center* aqui vai ter gente demais, sabe. Então ainda tem essa tradicionalidade de continuar assim, mais, lento. Não que isso seja ruim, eu não acho isso ruim não (Mara, grupo AE).

Eu acho que aqui poderia ter um shopping do porte desses de Goiânia, nossa ia ser bom demais, meu Deus (risos), passo o dia inteiro, não quero nem ir embora (Geovana, grupo AE).

As vezes eu sinto falta de um shopping (risos), porque tem lojas que oferecem pra gente produtos com bons preços, que são importantes pra nossa qualidade de vida também. As vezes a gente sente falta disso, porque aqui as coisas são muito caras também, né. As lojas são bem caras, e isso faz falta pra gente, pesa no nosso orçamento. O custo de vida é totalmente, muito diferente. Porque assim, nas cidades grandes você tem as lojas concorrentes, que fazem concorrência, aqui não tem, né. Então acaba que eles tiram proveito disso. É muito mais oneroso, é mais caro, de um modo geral [...] (Luciene, grupo AE).

A base da comunidade é familiar e a organização por parentesco, solidariedade, sangue e sentimento. Na vida local, com contatos locais, costumes e religiões são comuns, o que confere ao sujeito um referencial

seguro, como se vê na afirmação de Vanda.

Eu faço parte da Igreja, da Igreja Presbiteriana [...] Eu estou específico no grupo da igreja [...] Por essa necessidade emocional de ter essa força, de ter essa segurança, de acreditar e de ter presente essa força que é a fé, que as vezes é tão criticada por alguns, mas que tanto faz falta as pessoas é que eu quero ainda mais estar na igreja, ser da igreja, fazer parte dessa comunidade pra educar as minhas filhas dentro desse grupo social que é tão importante principalmente na sociedade que nós vivemos hoje, que é uma sociedade consumista, onde os valores estão todos deturpados e ninguém sabe o que que é, e nem o que que quer (Vanda, grupo VT).

Os sujeitos do grupo mantêm um estreito convívio. Quanto às alunas pesquisadas, a intensa relação com a família fez-se evidente desde os questionários. Nas entrevistas esta condição se confirma e intensifica nos três grupos.

Eu parei de trabalhar porque achei que eu queria outras coisas, que eu não queria continuar estudando, embora o que eu fazia me deixava muito feliz. Mas eu achei que casar e constituir família pra mim seria mais importante, devido a muitos problemas familiares que eu tive, separação dos meus pais e tudo. Então eu vi essa questão familiar muito forte. E eu tive vontade de ter uma família pra mim, de constituir uma família. [...] (Vanda, grupo VT).

[minhas amizades são] mais da família, mas também tem muitas da faculdade. [...] É uma relação boa, mas a relação mais próxima mesmo é com a minha família (Maria, grupo VT).

[Não me mudei de Jataí] acho que porque minha família mora toda aqui. Acho que talvez seja por isso, por esse medo de afastar da família (Patrícia, grupo VT).

[Não me mudei de Jataí] porque eu ainda dependo muito de papai e de mamãe (risos). Tenho asinhas mas nunca tive coragem de bater elas (risos). Essa questão da família. [...] Nunca mudei de casa, sempre com meu pai e minha mãe. Nunca mudei de cidade também acho que justamente por isso (Danila, grupo VT).

A relação mais próxima que a gente tem, eu ainda sou de acreditar, que é família. A casa de família vou muito, mãe e sogra, vou todo final de semana. Irmãos vou, mas é menos. Agora que eu não estou trabalhando eu estou vendo se faço pra compensar o tempo que eu fiquei afastada dos filhos, assim, não tinha tempo. Estou tentando recuperar o tempo perdido, não sei se dá. É complexo de culpa de mãe, infelizmente, mãe ausente o tempo inteiro, agora que eu estou presente tento ficar mais próxima deles (Elenice, grupo AE).

Eu e meu marido a gente não tem família aqui, não tem laço nenhum familiar aqui, só alguns amigos que a gente conheceu aqui. [...] Eu sou muito família, sempre. Sempre morei fora de casa, mas sempre gosto de ir pra casa da minha mãe, aí vão os irmãos, junta todo mundo, eu sempre fui muito disso. Mesmo longe eu preservo esses valores culturais (Daniela, grupo AE).

Amizade mesmo é mais com a família, a minha casa, e tem primos do meu marido que moram aqui (Luciene, grupo AE).

[Não me mudei para Jataí] primeiro pela situação financeira e segundo por ter que me separar da minha mãe. Não daria conta de ficar longe da minha mãe. Agora tenho estágio e eu vou ter que ficar aqui nos finais de semana, aí eu estou sofrendo porque tenho que ficar longe dela nos finais de semana. Minha família é bem apegada mesmo. Tem dia que por causa dos horários eu não vejo meu pai, então ele vai no meu serviço pra me ver. É uma coisa da família mesmo, porque tem minha irmã que mora em Goiânia liga todo dia, duas vezes por dia, quando ela não liga minha mãe liga. Eu mudaria pra cá se não tivesse nenhum empecilho, se minha mãe viesse junto (Ana, grupo NM).

A vida em sociedade é organizada em torno das questões públicas. Em oposição ao que ocorre na comunidade, já que nesta “quanto maior e mais estreito for o vínculo do grupo, mais será compelido a lutar e atuar homogeneamente, particularmente em relação às ameaças externas” (MIRANDA, 1995, p.236). Na sociedade estabelecem-se contatos supra-locais e contratos públicos e políticos, o que se confirma em Jataí na declaração de Luciene.

Aqui não, ainda não deu pra gente criar raiz. Eu tenho amigos na faculdade, mas não vou dizer que são amigos de intimidade, são bem superficiais e na igreja acaba que a gente ainda não conseguiu fazer aquela amizade pelo tempo (Luciene, grupo AE).

Bourdieu (1997) põe em dúvida a tese de que a aproximação física dos socialmente distantes pode redundar em aproximação social. “[...] de fato, nada é mais intolerável que a proximidade física (vivenciada como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes” (BOURDIEU, 1997, p.165). Em Jataí tal situação se revela nos mais diversos espaços, como denunciam as entrevistadas.

Moraria em outro bairro (ênfase), mas não pensei em qual. Porque eu não gosto do meu. [...] as pessoas ali não tem esse pensamento, de estudar, de fazer faculdade, de trabalhar. Acho que é isso que difere muito, incomoda (Patrícia, grupo VT).

[...] Nas festas principalmente, tem festas que é pra um tipo de gente que mora em tal lugar [...] Os públicos são definidos. Um tipo de festa é um tipo de público, de um tipo de setor. Por exemplo, dependendo do clube já muda o público. Depende do cantor, depende do preço. ‘Ah! não vou não, é esse preço, só R\$5,00, não vou de jeito nenhum, vai dar só ralé.’ Sabe, entendeu?! ‘eu pago caro pra ficar junto com os meus’, é assim. Falam: ‘ixi, nessa festa vai dar só vila, aí eu nem vou’. É cada um na sua casta, não se mete na do outro. Parece muito relação de capital com interior, como se o centro fosse a capital e o

interior fosse a periferia (Mara, grupo AE).

[...] você vai lá no Bretas o que mais se vê é isso, a mistura, mas só que quem tem mais olha os outros assim: 'hoje tá cheio de vila aqui, a coisa tá feia', num supermercado que é um ambiente totalmente público. Lá como vai proibir de entrar um tipo de gente e outro tipo de gente? Na festa ainda tem o ingresso que limita, no mercado não tem, mas mesmo assim os da periferia não são bem aceitos (Mara, grupo AE).

A respeito da antítese entre comunidade e sociedade Adorno e Horkheimer (1973b, p.44) apresentam o que chamam de esquema perigosamente simples que, embora num sentido diverso ao que Tönnies enunciara, reapareceu no Terceiro-Reich, a título de confronto propagandístico entre a chamada comunidade de 'povos ariano-gremânicos' e a 'sociedade atomizada judaico-ocidental'.

A primeira [comunidade] abrange a linguagem, as tradições e os costumes, as crenças; 'a convivência familiar, doméstica e exclusiva' é o 'organismo vivo'. A outra [sociedade] comprova-se, por exemplo na atividade aquisitiva e na ciência racional, e para Tönnies é, apenas uma forma de convivência 'transitória e aparente', um 'agregado e artefato mecânico' [...]. Na comunidade há homens 'reciprocamente vinculados de maneira organizada e por sua vontade própria', que se aceitam positivamente. Na sociedade, os indivíduos 'não estão essencialmente vinculados mas essencialmente divididos [...]. A determinante econômica da comunidade é a posse e o gozo dos bens comuns' [...], enquanto que a da sociedade é o mercado, a troca e o dinheiro (ADORNO e HORKHEIMER, 1973b, p.44).

Jataí é este lugar. Lugar no qual tencionam e coexistem marcas da do tradicional e do moderno. Lugar no qual há encantamento e estranhamento nos espaços de sociabilidade, onde comunidade e sociedade estão presentes em interação e tensão.

Jataí é uma cidade tradicional que finge que é moderna. (risos) [...] A cidade é uma cidade fechada, de pessoas que ainda tem as questões familiares, a família do fulano, a gente ainda se pergunta uns pros outros né: De que família você é? Isso ainda é muito forte, essa tradição familiar, de que família você veio. Isso é forte. Ao mesmo tempo essa invasão, dessa, cultura industrial, querendo se criar na cidade, ela faz com que a cidade queira ser moderna, mas não é assim. A cidade é uma cidade tradicional que está sendo invadida pelas indústrias (Vanda, grupo VT).

É uma cidade meio tradicional que tá tentando talvez entrar pra modernidade. [...] não é muito moderna porque se você andar em certos bairros da cidade você vai ver casas antigas ainda. No meu bairro mesmo tem casinhas antigas, telhadinho lá tá quase caindo, não troca, muro ainda de placa. [...] é uma cidade que talvez esteja caminhando pra modernidade, mas não chega a ser totalmente

moderna. [...] não tá totalmente equipada pra falar que ela é moderna (Maria, grupo VT).

Jataí pra mim cresceu em tamanho, eu não vejo que teve evolução. [...] Vejo só o crescimento da cidade, mas não desenvolvimento, [...] Moderna cem por cento ela não é, e nem tradicional cem por cento. Muitas barreiras tem sido quebradas, tem muitas coisas sendo aceitas, muita mudanças que acabam ocorrendo, ela não poderia ser chamada de tradicional, mas moderna também não. Ela fica no meio, se existir um meio termo entre as duas palavras ela estaria encaixada ali (Karla, grupo VT).

Não vejo como uma cidade moderna. [...] Aqui hoje é a questão do proletariado mesmo, só a massa produtora, mão-de-obra mesmo. Seria tradicional, moderna não. Tanto é que o turismo não expandiu na cidade justamente por isso, a população é tradicional, essa questão da vida tranquila. Uma cidade turística são muitas pessoas de fora, que vem pra se divertir, não pra ficar em casa, ou no lago com a cabecinha de fora, né. Vem pra festar, brincar, abusar com som alto, baladas. A população jataiense não tá preparada pra assumir esse tipo de mercado, que é o turismo. É muito tradicional, cidadezinha pequena, tranquila, pacata. [...] A cabeça do jataiense ainda é muito fechada (Danila, grupo VT).

Acho que ela ainda é tradicional. Porque os costumes eles não se perderam, sabe?! Muita gente ainda continua vivendo igual bem antigamente, [...] As vezes as pessoas tem muitas obrigações, muito horário, muito serviço, mas igual eu falei eu gosto de sentar na porta de casa, e tem muita gente que gosta. [...] eu acho que é uma cidade assim, tradicional (Mara, grupo AE).

[...] Eu acho que é bem tradicional. Embora tenha muita população jovem, tem aquelas pessoas que mantém tradição de família, e tudo. Em todos os aspectos eu acho que é bem tradicional. Embora tenha modificado, alguns aspectos são bem mais produtivos, mas mesmo assim tem aquelas coisas que são arraigadas, bem tradicional mesmo (Elenice, grupo AE).

[...] Eu acho que ela não é nem moderna, nem tradicional. Moderno assim, tipo São Paulo, Rio de Janeiro. Acho que ela não é aquela coisa espantosa de tão moderna, mas acho que não é tão tradicional, embora a gente veja aí alguns casarões. [...] Não é só tão tradicional assim (Geovana, grupo AE).

[...] uma cidade interiorana, que dá pra se viver. Dizem que pra criar filho aqui em Jataí é muito bom, porque você ainda tem sossego e tal. [...] Eu acho que ainda perpetua o tradicional, pelo pouco que eu conheço. Pelo pouco envolvimento que eu tenho com algumas pessoas e com a cidade em si, eu acredito que ainda tenha essa coisa de tradicional (Daniela, grupo AE).

Quando nós mudamos aqui pra Jataí, eu achava que ia encontrar as crianças na rua, brincando, se divertindo. E eu cheguei aqui me deparei com a cidade que é todo mundo muito fechado, cada um na sua. Até porque, por conta da globalização o mundo vai mudando mesmo, né, tudo [...] quando cheguei aqui já percebi essa diferença gritante, não era bem o que eu pensava. [...] Ela é tradicional, mas tá caminhando, para o moderno. Mas, assim, pela qualidade que muitas pessoas tem de vida aqui, acaba que tem acesso a muita coisa da modernidade. Isso também me surpreendeu muito quando eu

cheguei aqui (Luciene, grupo AE).

Só venho a Jataí desde quando comecei estudar aqui, é o meu terceiro ano. Pelo que eu ouço falar evoluiu, sempre ouço falar que mudou. Eu mesmo nunca observei se houve mudança, meu caminho aqui é muito pequeno. [...] Uma coisa que eu percebi foi o asfalto, porque isso a gente sente na pele, infelizmente. Pelo trajeto que eu faço melhorou, porque no começo era bem triste, bem esburacado, a gente vinha pulando.[...] Acho que aqui é um pouco as duas coisas, né! A gente percebe que aqui tem família muito tradicional. E é um tanto quanto moderna pelo movimento da cidade, pelo que a gente observa, tá modernizando. Tá em processo de modernização (Ana, grupo NM).

Todas as entrevistadas indicam Jataí como lugar de contradição, para o qual se olha com encantamento, ao mesmo tempo em que se estranha. Tal ambiguidade, que se põe num processo de interação e tensão, é vivida pelas alunas em todos os espaços da cidade, entretanto há um em especial. Este espaço aparece nas entrevistas como o espaço do sonho ao mesmo tempo em que é o espaço da exclusão. Trata-se da UFG/Campus Jataí, importante espaço de socialização da e na cidade, no qual se reproduzem condições vividas na cidade e assim como nesta, o sentidos se estabelecem em contradição.

A universidade se apresenta para as entrevistadas como um privilégio tanto da cidade de Jataí, como para seus partícipes.

Eu escolhi a UFG primeiro porque é uma universidade pública. E e em segundo lugar porque eu acho que o diploma da UFG ele tem muito mais peso do que qualquer outro diploma, [...] Você tem um diploma de uma universidade federal ele é muito ele ele é, tem um valor muito maior (Vanda, grupo VT).

Eu acho que a UFG é uma das razões de maior orgulho de Jataí, ao meu ver. Eu vejo assim. Principalmente por estar trazendo assim novos cursos e cursos muito buscados. Muita gente vem de fora procurando. Pensando como antes de eu chegar até aqui, a UFG é quase um sonho, sabe (Mara, grupo AE).

Fazer parte do quadro de acadêmicos da UFG foi um sonho almejado pelas entrevistadas e representa uma conquista para aqueles que conseguiram alcançá-lo.

Quando eu vou hoje na UFG, que eu chego lá, aquele ambiente, as árvores que tem lá, tudo aquilo tem uma identificação muito grande. Eu lembro daquilo, porque aquelas árvores cresceram comigo, eu passei por ali quando era criança, em alguns momentos eu olhava pra aquele prédio e ficava imaginando: 'Será que um dia eu vou estar

aquí?’ E hoje eu estou lá, dentro daquele prédio, que um dia eu fui criança e achei aquilo bonito, achei interessante, e achei que talvez estivesse muito longe do meu alcance, mas não, hoje eu alcanço aquilo, eu estou vivendo aquilo (Vanda, grupo VT).

[...] a UFG é quase um sonho, sabe. Porque você conseguir entrar numa particular é uma coisa, você entrar numa federal é outra. E UFG não é pra qualquer um não sabe, eu vejo assim, modéstia a parte! (Mara, grupo AE).

Aqui a gente vê muita gente de fora de Jataí. As pessoas vem pra isso, daqui elas vão seguir rumo diferente, fora de Jataí. Vejo muito essa relação (Daniela, grupo AE).

Na época que eu prestei vestibular não tinha lá em Caiapônia curso superior. Só tinha aqui e em Iporá, lá eu não quis fazer, porque era da UEG, eu achei melhor na UFG. [...] A UFG pra mim tá valendo muito a pena, apesar de ser muito cansativo, muito estressante, mas tá valendo a pena. Faria de novo, sem pensar duas vezes. [...] Era um sonho de entrar numa universidade, quando você realiza esse sonho, o processo de realização é muito bom, você perceber que está tentando ser alguma coisa, tentando modificar alguma coisa. Quando eu terminar acho que vou continuar estudando, né (Ana, grupo NM).

Contudo, o lugar sonhado revela-se como espaço contraditório, que embora palpável se conserva distante. Mesmo estando o campus, especialmente a Unidade Riachuelo (onde funciona o curso de Pedagogia) localizado numa região central da cidade, o distanciamento é apreendido, e, por vezes, vivido pelas alunas. Pois “pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos [...]” (BOURDIEU, 1997, p.165).

Antes de começar fazer faculdade eu nunca tinha entrado dentro da UFG. Eu nunca imaginava que quando tivesse um evento lá, a população podia participar. Eu morava pertinho, sempre morei perto. E no primeiro dia que eu entrei na UFG, como aluna, foi assim, como se eu tivesse dando um passo totalmente desconhecido na minha vida (Elenice, grupo AE).

Quando eu não estudava aqui também era um lugar estranho, nunca tinha entrado aqui, meu irmão já estudou, mas eu não tinha muito relacionamento mesmo (Geovana, grupo AE).

Por meio das falas das alunas entrevistadas pode-se perceber que estabelecem-se distanciamento em dois sentidos, físico e social. A distância física ocorre pela falta de acesso dos habitantes da urbe aos espaços da universidade. E assim, ainda que não haja proibição ou restrição explícitas, as mesmas se estabelecem socialmente. A falta de capital dos despossuídos os mantém a distância dos espaços da UFG, assim como na cidade, nem todos

chegam a todos os lugares.

Uma coisa que eu acho que afasta a relação da universidade com as pessoas fora dela seja o tal do crachá. Só entra na universidade com crachá agora. Eu parei pra pensar porque no começo a universidade fala que é uma interação com as outras pessoas fora. Mas como é que você vai ter interação com uma coisa sendo que você não pode participar daquilo? [...] A pessoa quer participar, não pode porque não tem o crachá (Maria, grupo VT).

A própria distância física afasta as pessoas das possibilidades (Mara, grupo AE).

Quando no início, que eu comecei, as vezes meu marido ia me buscar ele me esperava lá fora, ele achava que lá dentro só entravam alunos. [...] Esses dias eu até comentei com um senhor que é amigo nosso que lá tem aula de alfabetização pra idosos, e ele perguntou se ele podia entrar naquela escola. Eu achei interessante porque era essa a dúvida que a gente também tinha, se podia entra lá (Elenice, grupo AE).

Situação inversa se estabelece quando há posse de capital que consente a aproximação. As entrevistadas foram aprovadas no processo seletivo e tal conquista legitima sua presença nos espaços da universidade. Portanto, podem estar próximas, foi-lhes conferida “a capacidade de dominar o espaço, sobretudo aproximando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuídos [...]” (BOURDIEU, 1997, p.163-164). Por vezes, estando na condição de aproximação, não enxergam aqueles que jazem à distância por não cumprirem as condições exigidas de seus ocupantes pelo lugar.

Como universitária eu tenho acesso livre, mas pelo que eu entendo, as outras pessoas da cidade, que não estão ainda na graduação, elas também tem esse acesso. Hoje é mais restrito, por causa da biblioteca, que parece que as pessoas que não tem o crachá não podem tá pegando livro, não sei se tem abertura nisso. Mas eu acho que a UFG é uma faculdade aberta. [...] existem muitas pessoas, escolas da cidade, que vão pra fazer pesquisas e ela está aberta. [...] acho que a UFG é receptiva sim a cidade (Karla, grupo VT).

[...] eu digo que falta as pessoas querer, não só estudar, mas de conhecer o espaço, a biblioteca e, usar isso, né (Geovana, grupo AE).

Identifica-se, portanto, nos espaços da universidade, segregação. A universidade segrega-se no seio da cidade, uma vez que suas cercas de arame e, especialmente, suas barreiras sociais, impedem a entrada de muitos. Observa-se ainda nas relações que se estabelecem no interior da universidade

a auto-segregação. Àqueles que possuem capital necessário se apartam e mantêm a distância o que é indesejável, ao passo que se aproximam do que é desejável. Neste sentido as alunas entrevistadas referem-se especialmente àqueles que estudam na Unidade Jatobá, na qual predominam cursos diurnos de bacharelado, nas áreas de ciências biológicas e agrárias. Seus acadêmicos, segundo as entrevistas, seriam privilegiados economicamente, situação esta que se estenderia para a vida acadêmica, configurando-os como habitantes do bairro chique, que

como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes (BOURDIEU, 1997, p.166).

Como se vê os espaços da universidade, bem como os da cidade, exigem capital, econômico, cultural e social para serem apropriados. Os que não o tem, tem em comum sua excomunhão. Vanda fala da segregação motivada por interesses que incluem e excluem os grupos na universidade. Já Patrícia traz à tona a ambigüidade vivenciada pelos alunos, falando da diferença de classes sociais que se reproduz na universidade como segregação produzida na cidade.

[...] Dentro da UFG de Jataí, as divisões, cada curso tem uma idéia específica. Cada curso, [...] uma ideologia, [...] cada um acaba querendo usufruir aquilo que vai ser de melhor pra ele. [...] Por exemplo: as indústrias que estão vindo de cana-de-açúcar agora, na percepção da Geografia, da Pedagogia e alguns outros cursos, isso é negativo, né, porque a gente consegue ter uma visão social talvez maior, uma visão de degradação do ambiente maior. Mas ao mesmo tempo ela é muito positiva pra quem faz o curso de Agronomia, de Veterinária, de Biologia, de Química. Porque? Porque, isso vem ao encontro dos interesses dos cursos. Então essa relação da UFG, a UFG eu vejo que não tem uma relação única. Cada curso tem uma relação específica com a cidade de Jataí, cada curso puxando pro seu lado (Vanda, grupo VT).

A UFG aqui eu acredito que tem haver com a cidade, assim. Só que até mesmo na UFG é separada como na cidade, tem a área dos trabalhadores e tem a área dos mais ricos. Até a UFG tá separando a cidade. Mas nada contra quem tá lá que estuda, que vai e faz o curso integral, que tem remuneração melhor e tal. Mas a UFG de certa forma separa essa cidade, separa essa comunidade de jataienses. Dentro da própria UFG aparece essa separação que existe na cidade, eu acredito que sim (Patrícia, grupo VT).

Entre as alunas predomina uma situação de mal-estar por

vivenciarem o espaço da universidade. Isto porque esse, ao mesmo tempo, inclui e desterritorializa, a si próprias e aos outros. Tal ambigüidade difunde tensão entre estranhamento pelo distanciamento, apesar do encantamento pela proximidade de aproximação, num oscilar constante entre satisfação e insatisfação.

Acredito que a relação [UFG – Jataí] é boa. Mas algumas [...] posições, vamos dizer culturais vem as vezes da própria faculdade, da própria UFG. [...] Tem que haver interação, mas eu acredito que o que afasta um pouco são os critérios, é a burocracia, como a do crachá, isso aí já não concordo (Maria, grupo VT).

Eu acho a UFG bem assim, é uma faculdade aberta, né?! Eu não tenho noção de como é o CEFET, de como é a UEG, mas eu vejo a UFG bem aberta (Karla, grupo VT).

Não há relação UFG – Jataí. [...] infelizmente a UFG é um local de pesquisa, com pesquisas ótimas, só que a comunidade não tem acesso. [...] É muito fechada. A comunidade não tem acesso a universidade e a universidade acaba também não tendo acesso a comunidade. Isso não são todos os cursos, a gente sabe que tem uns cursos que tem projetos voltados pra comunidade, Educação Física tem, Psicologia também, Agronomia para o campo. Mas é muito fechada, poderia ser mais aberta. O responsável acho que os próprios professores e alunos porque a comunidade ela é leiga, as vezes muitas pessoas não tem nem coragem de entrar ali, acha que não pode, a barreira é até física, nem entra (Danila, grupo VT).

Eu acho que essa relação [UFG- Jataí] é muito pequena, eu tiro por base eu mesma. [...] Tinha que dar um jeito, da população entender que a UFG é pública e que todo mundo tem acesso. A população de fora acha que não, que é só quem tá lá que tem direito de ir lá. [...] As pessoas que não tem o contato acho que tem muito essa visão ainda, e isso é ruim, ruim pra escola e pra sociedade também (Elenice, grupo AE).

Eu acho que ela [UFG] até tenta se envolver mais com a sociedade, mas eu acho que ainda falta um pouco a sociedade se integrar a universidade. Porque tem algumas coisa, que tipo, algum Cena Aberta que eles abrem, só citando exemplo, pra comunidade, mas ainda não tem aquela, não tem tantas pessoas assim. Não é por falta de poder ter acesso, mas é por falta de costume, então elas não participam. Ela [UFG] até tenta, mas tem que haver mais participação das pessoas na universidade também (Geovana, grupo AE).

Eu acho que a UFG hoje, tem alguns professores que estão tentando dar uma abertura. Pelo menos é a visão que eu tenho, parece que até aqui ela ficou muito concentrada, né, nela mesma, e hoje já tem assim, os projetos, as teses que o pessoal tá trabalhando que tá se voltando mais pro lado social. Tá caminhando, acho que tem muita coisa que pode ser feita pra melhorar, pra ajudar a cidade e realmente precisa dessa iniciativa, né (Luciene, grupo AE).

A relação da UFG com a cidade de Jataí se dá, de igual forma, num processo constuido de interação e tensão. UFG e Jataí abrigam-se, ao mesmo

tempo em que se desconhecem.

Eu acho que em termos históricos, de tempo e tudo a UFG de Jataí ainda é uma criança, e tá aprendendo a se identificar agora com a cidade. Acredito que aos poucos ela vai interferir nessa cidade de forma positiva, até mesmo os alunos que dali saem. Porque num primeiro momento para que ela acontecesse, para que Jataí tivesse uma universidade federal, precisou vir professores de fora, que não eram daqui, que não tinham essa identidade histórica com Jataí. Mas hoje não, hoje a UFG tem professores que são jataienses e essa identificação histórica contribui pra isso. Porque? Porque quando a pessoa nasceu aqui, quando ela vive aqui a muito tempo, ela quer modificar esse lugar, ela quer fazer bem, ela quer proporcionar o bem, ela quer trazer coisas positivas pra cidade e não só disfrutar do que tem aqui. [...] Então eu acredito que a universidade de Jataí seja ainda criança, que em termos de tempos ela ainda é muito recente. E que a maturidade tanto dos cursos, quanto da direção, das pessoas que são responsáveis pela universidade vai acontecer. Vai acontecer a medida que as pessoas forem se graduando, fazendo mestrado, doutorado, vai se perceber a necessidade que tem de criar um ambiente saudável e esse ambiente saudável é toda nossa cidade. (Vanda, grupo VT).

Nas falas das entrevistadas vê-se que a UFG, sonho alcançado, é ao mesmo tempo lugar estranho, distante, no qual estar não significa fazer parte. Essencialmente o freqüentam os aprovados no processo seletivo, mas nem isso quer dizer que a ele compõem. De certa forma o modo de experienciar a universidade é o modo de experienciar a própria cidade. Nem todos chegam a todos os lugares, há espaços não tangíveis, segregados e segregadores. Tal realidade é vivenciada na UFG/Campus Jataí em particular, remetendo a universalidade das relações que se estabelecem na e da cidade.

As alunas revelam, por meio de suas falas, sua condição de, ao mesmo tempo, próximas e distantes, num mal-estar ante aos sentidos que estabelecem para com Jataí. Embora vivenciem cada qual a particularidade de seu cotidiano, estabelece-se universalidade quanto ao que VT, AE e NM vivem na cidade em Jataí e em relação às marcas e cicatrizes que o processo de socialização e formação deixa nas alunas. Cicatrizes de um processo não uniforme, mas antes dialético, que se põe como encantamento e estranhamento em constante interação e tensão nos espaços de sociabilidade jataienses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar essa pesquisa, sobre sentidos produzidos frente às cicatrizes nos processos de formação e socialização na cidade em Jataí-GO, sacia-se parte da “curiosidade científica” motivadora da mesma. Parte, porque não se considera o objeto esgotado, uma vez que o estudo da cidade é amplo e muitas de suas facetas ainda cabe à educação fazê-lo, especialmente no que concerne as relações estabelecidas pelos indivíduos, habitantes da urbe, com a cidade e entre seus pares. Cabe sim à Educação pensar sobre uma cidade que, embora desconhecida em muitos rincões, é importante para o estado, para o país e para o mundo e de sua singularidade partir para a universalidade que se estabelece na cidade moderna, certamente é tarefa dos pesquisadores em educação.

Jataí é esta cidade. Cidade na qual tencionam e coexistem marcas do tradicional e do moderno. Lugar no qual há encantamento e estranhamento nos espaços de sociabilidade, onde comunidade e sociedade estão presentes em interação e tensão. Tais marcas, como visto nas entrevistas, apresentam-se na particularidade do cotidiano de cada aluna, mas vão além, como marcas universais na e da cidade. Portanto, em sua singularidade Jataí é expressão da universalidade da cidade moderna, que se constitui, para além do lugar, mais que uma aglomeração de pessoas e objetos, como um modo de viver.

Jataí surgiu do campo no final do século XIX e até por volta de 1960 sua economia esteve assentada na agricultura e criação de gado para o abastecimento local. A partir da década de 1970, como parte do processo de reprodução e expansão do capitalismo no interior do Brasil o município passou a viver uma intensa reorganização tanto no cenário rural, quanto no urbano, devido à modernização da agricultura. A produção da agricultura moderna em Jataí acarretou mudanças econômicas e sociais que se espacializaram na cidade. Tais mudanças ocorreram em um contexto de desigualdades, próprio ao capitalismo. Da década de 1970 em diante, a cidade transformou-se para atender as demandas da modernização.

Como forma de atender as demandas da modernização, tem início a interiorização do ensino superior no estado de Goiás. Neste cenário o campus da Universidade Federal de Goiás chega a Jataí e se implanta na década de

1980. O mesmo se expande ao longo das décadas seguintes e torna-se importante, tanto para a cidade que o abriga, quanto para a região em que a mesma se localiza. E hoje se constitui como importante espaço de socialização e formação da/cidade em Jataí, que (re)vela a ambiguidade da cidade, enquanto espaço privilegiado de se viver.

Nesse contexto, vivem sujeitos que se assentam historicamente na cidade e estabelecem com Jataí uma relação ambígua. Está presente em seu cotidiano encantamento e estranhamento em todos os espaços de sociabilidade. Nestes existem em interação e tensão constantes traços da comunidade e da sociedade. Vive-se um mal-estar permanente num oscilar de satisfação e insatisfação.

O indivíduo estranha o espaço no qual vive e o outro que vive no mesmo espaço. Vê-se desterritorializado embora se considere parte da cidade. Os sentidos que se produzem são contraditórios. Essa ambígua realidade de interação e tensão, é vivida em todos os espaços da cidade, entretanto a universidade surge como espaço privilegiado desta relação. Nela se reproduzem condições vividas na cidade e assim como nesta, os sentidos se estabelecem em contradição. O lugar sonhado é espaço contraditório, que embora palpável se conserva distante. Mantém-se distante das próprias alunas, que apesar de frequentá-lo, muitas vezes não são parte dele e, distante também da comunidade jataiense, que nem ao menos chega a frequentá-lo.

Percebe-se no espaço estabelecido da universidade pública, uma relação semelhante ao que ocorre no espaço privado do Condomínio Abelha, que se pretendia pesquisar no início desta investigação. A UFG/Campus Jataí (re)vela-se espaço de segregação e segregador. Nela se fazem presentes os que possuem capital para ultrapassar os muros do processo seletivo – vestibular. Mas ainda assim, nem todos vão a todos os lugares, há apartação quanto a questões sociais e econômicas. Os trabalhadores, por exemplo, muito dificilmente conseguirão frequentar os cursos das áreas de ciências biológicas e/ou agrárias, já que em sua maioria são diurnos e integrais. Ficam, portanto, delegados às licenciaturas, que por serem, em sua maioria noturnas, possibilitam dupla jornada aos acadêmicos – trabalho e estudo, como é a realidade das acadêmicas do curso de Pedagogia.

Cabe aqui questionar sobre a qualidade da formação destes

estudantes, e consequentemente a respeito do profissional que se forma para a sociedade. Os que se formam em cursos de licenciatura unicamente pela falta de possibilidade de frequentarem outros cursos atenderão as necessidades de qualidade que a educação brasileira demanda? Qual seria a relação da formação destes estudantes com a realidade atual da educação no Brasil? São questionamentos, que dentre tantos, surgem a partir da realidade que se observou ao longo da trajetória desta pesquisa, no que tange especialmente a universidade.

No que concerne a cidade, a inquietação quanto ao não acesso ao Condomínio Abelha se mantém. A própria impossibilidade de acessá-lo pode configurar-se, em pesquisas vindouras, como objeto de investigação. Certamente desvelar tal espaço falaria muito a respeito das cicatrizes urbanas deixadas nos sujeitos que dele fazem parte e dos que dele são excluídos.

Ao findar esta pesquisa fica ardente outra 'curiosidade científica'. As falas das alunas entrevistadas dizem muito dos espaços da cidade. Espaços diferentes, para a frequência de distintos grupos. Embora ainda em germe e sem elaboração alguma, pensa-se que investigações que considerem os diferentes espaços de sociabilidade jataienses digam muito da cidade e de seus habitantes.

Enfim, pode-se afirmar que dizer da trajetória percorrida nesta pesquisa é dizer muito além do que ora se apresenta. É retornar ao início de uma inquietante caminhada iniciada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG, na qual os rumos haviam sido traçados objetivamente e o destino estaria a esperar por um encontro marcado. Contudo, a bela paisagem dos desvios, das estradas estreitas e esburacadas fez mudar o curso. Seguir sempre a frente já não era mais possível, a não ser que se fechassem os olhos ao vasto horizonte que se oferecia.

Descortinados, os olhos puderam vislumbrar o novo, o rico, o impalpável, porém real. Viram-se embriagados pela surpresa que se oferecia e com a possibilidade de percorrer o novo caminho. Seguramente tal mudança desconstruiu e reconstruiu, não apenas o trabalho acadêmico que fica registrado, mas muitos postulados e certezas de uma pesquisadora aprendiz. E, quem sabe, ainda contribuirá para desconstruir muitos outros, quando com eles se encontrar, na afável construção da vida.

Chega-se aqui sabendo ser necessário desvelar os sentidos que se produzem no cotidiano das cidades hodiernas. Com certeza, muito mais ficou do que o que fora registrado nestas páginas. Ao serem concluídas parecem pobres em relação ao que deixam agregado. Muito mais poderia ter sido dito. E por que não o fora? Talvez porque ainda não encontrado. Há resíduos presos nos sonhos, no imaginário e na esperança.

Certamente, optar pela estrada oblíqua fez a trajetória diferente, talvez melhor. Utopia?!

[...] Não considero essa palavra uma injúria. De fato: visto que não ratifico as opressões, as normas, os regulamentos e as regras, visto que enfatizo a apropriação, visto que não aceito a 'realidade', que para mim o possível faz parte do real, então sou amante da utopia. Não digo utopista [mas] amante da utopia, partidário do possível. Quem não o é, exceto você? (LEFEBVRE, 1991, p.203).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Indivíduo. In: **Temas básicos de sociologia**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1973a, p.45-60.
- _____. Sociedade. In: **Temas básicos de sociologia**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1973b, p.25-44.
- BORGES, Filadelfo. **Prefeitos de Jataí**: de Carlos Raimundo a Humberto Machado. Rio Verde: s/ed, 2002.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. 5 ed. Trad. Mateus S. Soares Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. ____ (Org.) **Geografia da cidade**: a produção do espaço urbano em Goiânia. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 11-32.
- DOURADO, Luiz Fernandes. **A interiorização do ensino superior e a privatização do público**. Goiânia: UFG, 2001.
- ENCONTROS – TOMO 5. **Ernest Robert de Carvalho Mange** – Urbanista. Direção Roberto Moreira. Editor Itáu Cultural. São Paulo: Vídeo Imagens, 1996. Fita de Vídeo (16 min.), Série Encontros.
- FOCKINK, Edione Raquel. **Produção rural familiar em Jataí (GO)**: a comunidade rural da onça. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- IBGE. **Populações residentes, em 1º de abril de 2007, segundo os municípios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 02 de maio 2008.
- KATZER, Rosália Terezinha. **Da labuta para a conquista da terra aos labirintos da sojicultura**: um olhar sobre o assentamento Rio Paraíso, em Jataí - GO. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.
- LEAL, Cátia Regina Assis Almeida. **A Materialização da democracia em Jataí**: um estudo da relação do poder público com a comunidade jataiense na configuração da ação da superintendência de esporte e lazer do município. 2002. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- _____. **Arapuca armada**: ação coletiva e práticas educativas na modernização agrícola do Sudoeste Goiano. 2006. 259f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Trad. Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&D, 1999.
- _____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Frank Muller. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LIMA, Laís Leni de Oliveira. **Políticas Públicas educacionais para a educação infantil em Jataí**: da proposição à materialização. 2005. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

MACHADO, Vilma de Fátima. **Sudoeste de Goiás**: desenvolvimento desigual. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado em Histórias) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996.

MELO, Nagela Aparecida de. **Interação Campo-Cidade**: a (re)organização sócio espacial de Jataí (GO) no período de 1970 a 2000. 2003. 179f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. da Silva. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

OLIVEIRA, Breno Lousada Castro de. **Educação e ruralidades jataienses**. 2004. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. **Solo Pobre, Terra Rica**: paisagens do cerrado e agropecuária modernizada em Jataí- Goiás. 2002. 177f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Manoel Napoleão Alves de. **Bobos e tipos de rua**: tempo e memória de cidades. 2003. 133f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ. **A cidade**: história. Disponível em: <<http://www.jatai.go.gov.br>> Acesso em: 23 de julho 2009.

PIRES, Luciene Lima de Assis. **O ensino secundário em Jataí nas décadas de 40 e 50**. 1997. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

RAMOS, Márcia Eliane. O lazer como expressão de modos de vida no espaço urbano de Goiânia. CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.) **Geografia da cidade**: a produção do espaço urbano em Goiânia. Goiânia: Alternativa, 2001.

RIBEIRO, Dinalva Donizete. Modernização da agricultura: estrutura produtiva agrícola; alterações paisagísticas; reorganização espacial; município de Jataí. 2003. 96f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo; razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Márcio Rodrigues. **Encontros e desencontros**: estudo do espaço urbano de Jataí - GO. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

UFG – CAMPUS JATAÍ. **Histórico do Curso de Pedagogia**. Disponível em <<http://www.jatai.ufg.br/pedagogia>>. Acesso em 26 de agosto de 2008a.

UFG – CAMPUS JATAÍ. **Universidade Federal de Goiás Campus Jataí**. Disponível em <<http://www.jatai.ufg.br>>. Acesso em 26 de agosto de 2008b.

UFG – CAMPUS JATAÍ. **Universidade Federal de Goiás Campus Jataí**. Disponível em <<http://www.jatai.ufg.br>>. Acesso em 01 de abril de 2009.

ANEXO 1

Anexo 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ANUÊNCIA DO COORDENADOR DO CURSO

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares e como o curso de Pedagogia do Campus da Universidade Federal de Goiás em Jataí tem condições para o desenvolvimento do projeto “Cicatrizes urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”, autorizo sua execução.

Jataí, _____ de _____ de 2008.

Coordenador: Profa. Ms. Elizabeth Gottschalg Raimann

Assinatura: _____

ANEXO 2

Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Curso de Pedagogia

Período/Turma/Identificação

Jataí, / / 2008

Local e data

Pesquisa: “Cicatrizes urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”

Pesquisadora responsável: Mestranda Sinara Rosa Carvalho e Silva

QUESTIONÁRIO

- 1- Seu nome completo _____
- 2- Telefones para contato Fixo _____ Celular _____
- 3- Sua idade _____ anos 4- Seu sexo () Feminino () Masculino
- 5- Período do curso () 1º () 2º () 3º () 4º () 5º () 6º () 7º () 8º
- 4- Sua turma () A () B
- 5- Você trabalha? () Não
() Sim. Onde? _____
- 6- Você mora em Jataí? () Não
() Sim. No bairro _____
- 7- Há quanto tempo você mora em Jataí?
a () menos de um ano b () de 1 a 2 anos c () de 3 a 5 anos d () de 6 a 10 anos
e () de 11 a 20 anos f () mais de 20 anos g () minha vida toda
- 8- Onde você morava antes de se mudar para Jataí? _____
- 9- Por quanto tempo morou lá?
a () menos de um ano b () de 1 a 2 anos c () de 3 a 5 anos d () de 6 a 10 anos
e () de 11 a 20 anos f () mais de 20 anos g () minha vida toda antes de me mudar para Jataí
- 10- Se você não mora em Jataí onde mora? _____
- 11- Há quanto tempo?
a () menos de um ano b () de 1 a 2 anos c () de 3 a 5 anos d () de 6 a 10 anos
e () de 11 a 20 anos f () mais de 20 anos g () minha vida toda
- 12- O que você faz na cidade de Jataí? (Cite cinco atividades que estão sempre presentes no seu dia-a-dia na cidade em Jataí)
- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

ANEXO 3

Anexo 3

ROTEIROS DE ENTREVISTAS

3.1 Alunos que moram em Jataí a vida toda

Bloco A – Mediações de socialização em Jataí

- 1- Na sua infância/adolescência com quem você morava? Onde? O que você mais gostava em Jataí? O que mais fazia? O que não gostava na cidade?
- 2- As escolas nas quais estudou ficavam próximas a sua casa?
- 3- Você é casada ou solteira?
- 4- Hoje como é sua família? Com quem você mora? Onde?
- 5- Porque você faz Pedagogia? Porque no Campus da UFG?
- 6- Você trabalha? Onde? Fica próximo a sua casa? Qual sua atividade?
- 7- Você já trabalhou? Onde? Qual era sua atividade? Porque parou de trabalhar?
- 8- Qual é a renda mensal da sua família? Quem é o maior responsável por ela?

BLOCO B – Relação e acesso a bens culturais – processos de inserção em Jataí

- 9- Você tem TV? Assiste, em média, quanto tempo por semana? E Internet? Por quanto tempo fica conectado e por quais motivos?
- 10-Quais suas formas de lazer? Com qual frequência você faz essas atividades?
- 11-Você vai ou já foi aos museus de Jataí? E aos lagos? E aos barzinhos? Com qual frequência você vai?
- 12-Você faz parte de algum grupo religioso, de voluntariado ou outro? Porque? Qual a sua frequência nele(s)?
- 13-De onde você conhece a maioria dos seus amigos: da faculdade, do trabalho, da família, da igreja ou de outro grupo?
- 14-Qual seu meio de transporte na cidade?
- 15-Qual meio de comunicação você mais utiliza?

BLOCO C – Relação específica com a cidade

- 16-Por qual motivo você mora em Jataí?

- 17-Há quanto tempo você mora em Jataí?
- 18-Em qual bairro ou setor você mora? Seu bairro é bem servido por aparelhos públicos como transporte, saúde, esgoto, água, energia, entre outros?
- 19-Se você pudesse escolher se mudar de Jataí você o faria? Por quais motivos? Onde você gostaria de morar? Porque?
- 20-Quais lugares você mais frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 21-Quais lugares você menos frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 22-Existe algum lugar que você gostaria de frequentar em Jataí mas não o faz? Por quais motivos?
- 23- Você costuma passear na cidade? Em quais lugares? Quantas vezes por semana? Com quem você vai?
- 24-Quais as atividades que fazem parte da sua rotina na cidade de Jataí?
- 25-Como você organiza seu dia-a-dia na cidade de Jataí?
- 26-Nos últimos anos você considera que a cidade de Jataí “evoluiu”? Por quais motivos?
- 27-Você considera Jataí uma cidade moderna ou tradicional? Por quais motivos?
- 28-Como você entende a relação da cidade de Jataí com a UFG?
- 29-O que vocêalaria sobre Jataí para alguém que não a conhece?

3.2 Alunos que moravam em outro lugar antes de se mudar para Jataí

Bloco A – Mediações de socialização em Jataí

- 1- Onde você morava antes de se mudar para Jataí?
- 2- Há quanto tempo você mora em Jataí?
- 3- Por que você veio morar em Jataí?
- 4- Por qual motivo você continua morando em Jataí?
- 5- Você se sente satisfeito de morar em Jataí? Porque?
- 6- Se você pudesse escolher se mudar de Jataí você o faria? Por quais motivos? Onde você gostaria de morar? Porque?
- 7- Na sua infância/adolescência com quem você morava? Onde? O que você mais gostava em Jataí? O que mais fazia? O que não gostava na cidade?
- 8- As escolas nas quais estudou ficavam próximas a sua casa?

- 9- Você é casada ou solteira?
- 10-Hoje como é sua família? Com quem você mora? Onde?
- 11- Porque você faz Pedagogia? Porque no Campus da UFG?
- 12-Você trabalha? Onde? Fica próximo a sua casa? Qual sua atividade?
- 13-Você já trabalhou? Onde? Qual era sua atividade? Porque parou de trabalhar?
- 14- Qual é a renda mensal da sua família? Quem é o maior responsável por ela?

Bloco B – Relação e acesso a bens culturais – processos de inserção em Jataí

- 15-Você tem TV? Assiste, em média, quanto tempo por semana? E Internet? Por quanto tempo fica conectado e por quais motivos?
- 16-Quais suas formas de lazer? Com qual frequência você faz essas atividades?
- 17-Você vai ou já foi aos museus de Jataí? E aos lagos? E aos barzinhos? Com qual frequência você vai?
- 18-Você faz parte de algum grupo religioso, de voluntariado ou outro? Porque? Qual a sua frequência nele(s)?
- 19-De onde você conhece a maioria dos seus amigos: da faculdade, do trabalho, da família, da igreja ou de outro grupo?
- 20- Qual seu meio de transporte na cidade?
- 21- Qual meio de comunicação você mais utiliza?

Bloco C – Relação específica com a cidade

- 22-Em qual bairro ou setor você mora? Seu bairro é bem servido por aparelhos públicos como transporte, saúde, esgoto, água, energia, entre outros?
- 23-Quais lugares você mais frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 24-Quais lugares você menos frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 25-Existe algum lugar que você gostaria de frequentar em Jataí mas não o faz? Por quais motivos?
- 26- Você costuma passear na cidade? Em quais lugares? Quantas vezes por semana? Com quem você vai?
- 27-Quais as atividades que fazem parte da sua rotina na cidade de Jataí?
- 28- Como você organiza seu dia-a-dia na cidade de Jataí?

29- Nos últimos anos você considera que a cidade de Jataí “evoluiu”? Por quais motivos?

30-Você considera Jataí uma cidade moderna ou tradicional? Por quais motivos?

31-Como você entende a relação da cidade de Jataí com a UFG?

32-O que vocêalaria sobre Jataí para alguém que não a conhece?

3.3 Alunos que não moram em Jataí

Bloco A – Mediações de socialização em Jataí

1- Onde você mora?

2- Há quanto tempo você mora lá?

3- Na sua infância/adolescência com quem você morava? Onde? O que você mais gostava na cidade? O que mais fazia? O que não gostava na cidade?

4- As escolas nas quais estudou ficavam próximas a sua casa?

5- Hoje como é sua relação com a cidade onde mora?

6- Você é casada ou solteira?

7- Hoje como é sua família? Com quem você mora? Onde?

8- Porque você faz Pedagogia? Porque no Campus da UFG?

9- Você trabalha? Onde? Fica próximo a sua casa? Qual sua atividade?

10-Qual é a renda mensal da sua família? Quem é o maior responsável por ela?

Bloco B – Relação e acesso a bens culturais – processos de inserção em Jataí

1- Você tem TV? Assiste, em média, quanto tempo por semana? E Internet? Por quanto tempo fica conectado e por quais motivos?

2- Quais suas formas de lazer? Onde e com qual frequência você faz essas atividades?

3- Você faz parte de algum grupo religioso, de voluntariado ou outro? Porque? Qual a sua frequência nele(s)?

4- De onde você conhece a maioria dos seus amigos: da faculdade, do trabalho, da família, da igreja ou de outro grupo?

5- Qual seu meio de transporte na cidade?

6- Qual meio de comunicação você mais utiliza?

Bloco C – Relação específica com a cidade

- 1- Por que você veio estudar em Jataí?
- 2- Qual seu meio de transporte para vir para Jataí?
- 3- Por qual motivo você não se mudou para Jataí?
- 4- Se você pudesse escolher se mudar para Jataí você o faria? Por quais motivos?
- 5- Você conhece bem a cidade de Jataí?
- 6- Quais lugares você mais frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 7- Quais lugares você menos frequenta em Jataí? Por quais motivos?
- 8- Existe algum lugar que você gostaria de frequentar em Jataí mas não o faz? Por quais motivos?
- 9- Você costuma vir para Jataí para fazer o que? Em quais lugares? Quantas vezes por semana? Vem com alguém ou sozinha?
- 10-Quais as atividades que fazem parte da sua rotina na cidade de Jataí?
- 11- Como você organiza seu dia-a-dia?
- 12-Há quanto tempo você conhece/frequenta Jataí?
- 13- Nos últimos anos você considera que a cidade de Jataí “evoluiu”? Por quais motivos?
- 14-Você considera Jataí uma cidade moderna ou tradicional? Por quais motivos?
- 15-Como você entende a relação da cidade de Jataí com a UFG?
- 16-O que você falaria sobre Jataí para alguém que não a conhece?

ANEXO 4

Anexo 4

4.1 – TCLE para os questionários



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa, para responder um questionário a respeito de seu cotidiano na cidade em Jataí-GO. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 3821-1025 ou 3821-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Projeto: “Cicatrizes urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”

Pesquisadora responsável: Sinara Rosa Carvalho e Silva –
Telefone para contato:

Descrição:

A presente pesquisa é parte dos trabalhos do Curso de Mestrado em Educação. Investiga os sentidos produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da UFG na experiência da relação urbanidade-ruralidade em Jataí – GO e as implicações dessa experiência nos seus processos de sociabilidade e formação. Os procedimentos metodológicos serão os seguintes: 1) Questionários aplicados com o fim de conhecer o universo estudado e caracterizar os sujeitos. 2) Entrevistas semi-estruturadas com sujeitos, para identificar como se estruturam as relações dos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da UFG com a cidade de Jataí – GO e de que modo experienciam a cidade. Com este estudo pretende-se contrituir para compreender mediações educativas implicadas na sociabilidade e no espaço urbano.

Sua colaboração é importante e contribuirá muito para o desenvolvimento do estudo. O material coletado será destinado à análise com fins exclusivos para esta pesquisa e o acesso aos dados é restrito à pesquisadora responsável, que garante a proteção dos mesmos, atenuando assim eventuais riscos de sua participação nessa pesquisa. Por meio deste Termo lhe são garantidos os seguintes direitos: (1) retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. (2) solicitar a qualquer tempo maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. (3) o sigilo absoluto de quaisquer informações que levem a identificação pessoal. (4) recusar-se a qualquer momento em responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.

Mestranda Sinara Rosa Carvalho e Silva



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,

RG: _____, CPF: _____,

abaixo assinado, concordo em participar, como sujeito, da Pesquisa “Cicatrizes urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador responsável Mestranda Sinara Rosa Carvalho e Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Foi-me garantido: (1) que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto cause qualquer penalidade. (2) solicitar a qualquer tempo maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. (3) o sigilo absoluto de quaisquer informações que levem a identificação pessoal. (4) recusar a qualquer momento em responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.

Jataí, _____ de _____ de 2008.

Nome: _____

Assinatura: _____

Sinara Rosa Carvalho e Silva
(Pesquisadora responsável pelo projeto)

4.2 – TCLE para as entrevistas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa, para responder uma entrevista individual, semi-estruturada a respeito de seu cotidiano na cidade em Jataí-GO. A entrevista será realizada no Campus da UFG em Jataí. O tempo médio gasto será de aproximadamente 60 minutos, e se realizará em uma única etapa. Esta entrevista será agendada de acordo com sua disponibilidade, a fim de que não comprometa sua rotina. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 3821-1025 ou 3821-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Projeto: “Cicatrizes urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”

Pesquisadora responsável: Sinara Rosa Carvalho e Silva

Telefone para contato:

Descrição:

A presente pesquisa é parte dos trabalhos do Curso de Mestrado em Educação. Investiga os sentidos produzidos pelos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da UFG na experiência da relação urbanidade-ruralidade em Jataí – GO e as implicações dessa experiência nos seus processos de sociabilidade e formação. Os procedimentos metodológicos serão os seguintes: 1) Questionários aplicados com o fim de conhecer o universo estudado e caracterizar os sujeitos. 2) Entrevistas semi-estruturadas com sujeitos, para identificar como se estruturam as relações dos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus da UFG com a cidade de Jataí – GO e de que modo experienciam a cidade. Com este estudo pretende-se contrituir para compreender mediações educativas implicadas na sociabilidade e no espaço urbano.

Sua colaboração é importante e contribuirá muito para o desenvolvimento do estudo. O material coletado será destinado à análise com fins exclusivos para esta pesquisa e o acesso aos dados é restrito à pesquisadora responsável, que garante a proteção dos mesmos, atenuando assim eventuais riscos de sua participação nessa pesquisa. Por meio deste Termo lhe são garantidos os seguintes direitos: (1) retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. (2) solicitar a qualquer tempo maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. (3) o sigilo absoluto de quaisquer informações que levem a identificação pessoal. (4) recusar-se a qualquer momento em responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.

Mestranda Sinara Rosa Carvalho e Silva



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____,
RG: _____, CPF: _____,

abaixo assinado, concordo em participar, como sujeito, da Pesquisa “Cicatrices urbanas: relação urbanidade-ruralidade na cidade em Jataí-GO”. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador responsável Mestranda Sinara Rosa Carvalho e Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Foi-me garantido: (1) que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto cause qualquer penalidade. (2) solicitar a qualquer tempo maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. (3) o sigilo absoluto de quaisquer informações que levem a identificação pessoal. (4) recusar a qualquer momento em responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.

Jataí, _____ de _____ de 2008.

Nome: _____

Assinatura: _____

Sinara Rosa Carvalho e Silva
(Pesquisadora responsável pelo projeto)

ANEXO 5

Anexo 5
DADOS DO 2º PERÍODO
 - TOTAL 40 ALUNOS

5.1 MORAM EM JATAÍ A VIDA TODA – 25 ALUNOS (62,5%)

Sexo	Feminino= 100%			
Idade	<20= 28%	20 a 23= 24	24 a 28= 16%	
	29 a 32= 8%	33 a 37= 16%	38 a 44= 8%	
Trabalham	Não = 24%			
	Sim= 76%	Educação= 21,05%		
		Comércio/Prestação de Serviços= 73,68%		
		Outros= 5,26%		
Moram no Bairro ou Setor	1 (4%) não informou	4% em cada = Campo Neutro/ Granjeiro/ Santo Antônio/ Vila Olavo/ Bela Vista/ Santa Terezinha/ Centro/ Conjunto Rio Claro/ Conjunto Rio Claro I/ Conjunto Rio Claro II/ Epaminondas I/ José Bento/ Planalto/ Colméia Park (Total de 56%)	8% em cada = Santa Maria/ Aeroporto/ Progresso/ Dom Abel/ Vila Fátima (Total de 40%)	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 92%	Trabalhar= 80%	Serviços domésticos= 24%	Atividades religiosas= 44%
	Cuidar dos filhos/Família= 20%	Lazer nos lagos/Clubes= 8%	Bares/Festas/ Restaurantes= 20%	Visitar amigos/parentes= 36%
	Viagens (outras cidades/fazenda) = 4%	Exercícios físicos/Esportes= 5 20%	Namorar/Passear= 40%	Outros = 16%

5.2 MORARAM EM OUTRO LUGAR ANTES DE SE MUDAREM PARA JATAÍ – 13 ALUNOS (32,5%)

Sexo	Feminino - 100%				
Idade	não informou= 7,69%	20 a 23= 53,85%	24 a 28= 7,69%		
	33 a 37= 15,38%	38 a 44= 7,69%	>50= 7,69%		
Trabalham	Não = 23,07%				
	Sim= 76,92%	Educação= 20%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 70%			
		Outros= 10%			
Moram no Bairro ou Setor	7,69% em cada= Planalto/ Santa Maria/ Colméia Park/ Santa Terezinha/ Santa Lúcia/ Sebastião Herculano II/ Centro/ Antena/ Cohacol/ Campo Neutro/ Palmeiras (Total de 84,61%)		15,38% na Vila Fátima		
Tempo em que moram em Jataí	1 a 2 anos= 23,07%	11 a 20 anos= 4 30,76%	mais de 20 anos= 4 30,76%	a vida toda= 15,38%	
Moravam antes de se mudar para Jataí	7,69% não informou	7,69% em cada = Rio Verde-GO/ Ituiutaba/ Uberlândia-MG/ Paranaiguara/ Caiapônia-GO/ Doverlândia/ Goiânia-GO/ Cachoeira Alta-GO/ Itarumã-GO/ Aparecida do Rio Doce-GO (Total de 76,92%)		10% em Fazenda	
Tempo em que morou em outro lugar antes de se mudar para Jataí	7,69% Não informou	menos de 1 ano= 23,07%	6 a 10 anos= 4 30,76%	11 a 20 anos= 15,38%	minha vida toda antes de morar em Jataí= 23,07%
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 100%	Trabalhar= 84,61%	Serviços domésticos= 23,07%	Atividades religiosas= 30,76%	Cuidar dos filhos/Família= 38,46%
	Lazer nos lagos/Clubes= 7,69%	Bares/Festas /Restaurantes= 30,76%	Ler/Ouvir Música= 7,69%	Assistir TV/Filmes= 15,38%	Visitar amigos/parentes= 15,38%
	Viagens (outras cidades/fazenda)= 7,69%	Exercícios físicos/Esportes= 23,07%	Namorar/Passear= 46,15%	Outros = 7,69%	

5.3 NÃO MORAM EM JATAÍ - 2 ALUNOS (5%)

Sexo	Feminino= 100%	
Idade	33 a 37= 100%	
Trabalham	Sim= 100% / Outro	
Cidade onde moram	50%= Caiapônia-GO	50%= Serranópolis-GO
Tempo em que moram lá	mais de 20 anos= 100%	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 100%	

ANEXO 6

Anexo 6
DADOS DO 4º PERÍODO
- TOTAL 43 ALUNOS

6.1 MORAM EM JATAÍ A VIDA TODA – 22 ALUNOS (51,17%)

Sexo	Feminino= 100%				
Idade	<20= 4,54%	20 a 23= 27,27%	24 a 28= 31,82%		
	29 a 32= 18,18%	33 a 37= 9,09%	38 a 44= 4,54%	45 a 50= 4,54%	
Trabalham	Não informou = 4,54%				
	Não = 27,27%				
	Sim= 68,18%	Educação= 26,66%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 46,66%			
		Outros= 26,66%			
Moram no Bairro ou Setor	4,54% em cada = Epaminondas/ Progresso/ Mauro Bento/ Cohacol 5/ Aeroporto/ Granjeiro/ Santa Terezinha/ José Bento/ Palmeiras (Total de 40,90%)	9,09% em cada Total de 6 (27,27%)= Paraíso II/ Vila Fátima/ Centro (Total de 27,27%)	13,63%= Santa Maria/	18,18%= Antena	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 81,81%	Trabalhar= 63,63%	Atividades religiosas= 36,36%	Cuidar dos filhos/Família= 31,81%	Lazer nos lagos/Clubes= 9,09%
	Bares/Festas/ Restaurantes= 22,72%	Ler/Ouvir Música= 9,09%	Assistir TV/Filmes= 9,09%	Visitar amigos/parentes= 27,27%	Viagens (outras cidades/fazenda)= 9,09%
	Artesanato/Artes= 9,09%	Exercícios físicos/Esportes= 27,27%	Namorar/Passear= 22,72%	Outros = 31,81%	

6.2 - MORARAM EM OUTRO LUGAR ANTES DE SE MUDAREM PARA JATAÍ – 20 ALUNOS (46,51%)

Sexo	Feminino= 100%				
Idade	<20= 5%	20 a 23= 25%	24 a 28= 20%		
	33 a 37= 25%	38 a 44= 20%	>50= 5%		
Trabalham	Não = 25%				
	Sim= 75%	Educação= 26,66%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 46,66%			
		Outros= 26,66%			
Moram no Bairro ou Setor	5% em cada Total de 10 (55%)= Colméia Park/ Vila Mutirão/ Dom Abel/ Palmeiras/ Frei Domingos/ Granjeiro/ Vila Olavo/ Vila Fátima/ Bela Vista/ Conjunto Rio Claro II/ Santa Terezinha (Total de 55%)	10%em cada= José Bento/ Santa Maria/ Centro (Total de 30%)	15%= Samuel Graham		
Tempo em que moram em Jataí	1 a 2 anos= 1 (5%)	3 a 5 anos= 4 (20%)	6 a 10 anos= 4 (20%)	11 a 20 anos= 8 (40%)	mais de 20 anos= 3 (15%)
Moravam antes de se mudar para Jataí	5% em cada = Serranópolis-GO/ Dorcas do Indaiá-MG/ Canarana-MT/ Torixoréu-MT/ Brasília-DF/ Tocantins/ Goiânia-GO/ Barra do Garças-MT/ Belo Horizonte-MG/ Montividiu-GO/ Uberlândia-MG/ Socorro-SP/ Paranaiguara-GO/ Rio Verde-GO (Total de 70%)		10%= Rio de Janeiro	20%= em Fazendas	
Tempo em que morou em outro lugar antes de se mudar para Jataí	1 a 2 anos= 15%	3 a 5 anos= 30%	6 a 10 anos= 25%	11 a 20 anos= 10%	a vida toda antes de morar em Jataí= 20%
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 95%	Trabalhar= 75%	Serviços domésticos= 30%	Atividades religiosas= 50%	Cuidar dos filhos/Família= 25%
	Lazer nos lagos/Clubes= 25%	Ler/Ouvir Música= 5%	Assistir TV/Filmes= 5%	Visitar amigos/parentes= 20%	
	Viagens (outras cidades/fazenda)= 15%	Exercícios físicos/Esportes= 10%	Namorar/Passear= 25%	Outros = 40%	

6.3 NÃO MORA EM JATAÍ – 1 ALUNO (2,32%

Sexo	Feminino
Idade	20 a 23
Trabalham	Sim= 1 (100%)/ Outro
Cidade onde mora	Caiapônia-GO
Tempo em que mora lá	6 a 10 anos
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar

ANEXO 7

Anexo 7
DADOS DO 6º PERÍODO
- TOTAL 48 ALUNOS

7.1 MORAM EM JATAÍ A VIDA TODA – 32 ALUNOS (66,66%)

Sexo	Feminino= 100%				
Idade	<20= 3,13%	20 a 23= 18,75%	24 a 28= 37,50%		
	29 a 32= 15,62%	33 a 37= 15,62%	38 a 44= 6,25%	45 a 50= 3,13%	
Trabalham	Não = 31,25%				
	Sim= 68,75%	Educação= 31,81%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 54,54%			
		Outros= 3 13,63%			
Moram no Bairro ou Setor	3,12% em cada = Oeste/ Jardim Rio Claro/ Maximiniano Peres/ Conjunto Rio Claro III/ Centro/ Jardim Goiás/ Vila São Pedro/ Granjeiro/ José Bento/ Santo Antônio/ Santa Terezinha/ Popular (Total de 37,50%)	6,35% em cada= Olavo/ Jardim da Liberdade/ Aeroporto/ Santa Maria/Dom Abel (Total de 31,25%)	9,37% em cada= Progresso/ Vila Fátima (Total de 18,75%)	12,5%= Santa Lúcia	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 90,62%	Trabalhar= 68,75%	Serviços domésticos= 40,62%	Atividades religiosas= 28,12%	Cuidar dos filhos/Família= 37,5%
	Lazer nos lagos/Clubes= 12,5%	Bares/Festas/ Restaurantes= 25%	Ler/Ouvir Música= 6,25%	Assistir TV/Filmes= 28,12%	Visitar amigos/parentes= 43,75%
	Viagens (outras cidades/fazenda)= 12,5%	Exercícios físicos/Esportes= 9,36%	Namorar/ Passear= 12,5%	Outros = 34,38%	

7.2 MORARAM EM OUTRO LUGAR ANTES DE SE MUDAREM PARA JATAÍ – 16 ALUNOS (33,33%)

Sexo	Feminino - 100%				
Idade	20 a 23= 31,25%	24 a 28= 6,25%	29 a 32= 18,75%		
	33 a 37= 12,5%	38 a 44= 25%	45 a 50= 6,25%		
Trabalham	Não = 37,5%				
	Sim= 62,50%	Educação= 31,25%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 18,75%			
		Outros= 2 (12,50%)			
Moram no Bairro ou Setor	6,25% em cada= Progresso/ Conjunto Rio Claro I/ Conjunto Rio Claro II/ Olavo/ Epaminondas/ Santa Maria/ Antena/ Dom Abel/ Santa Lúcia/ Mauro Bento/ Centro/ Aeroporto (Total de 75%)		12,5% em cada= Vila Fátima/ Granjeiro (Total de 25%)		
Tempo em que moram em Jataí	3 a 5 anos= 25%	6 a 10 anos= 25%	11 a 20 anos= 31,25%	mais de 20 anos= 12,5%	a vida toda= 6,25%
Moravam antes de se mudar para Jataí	6,25% em cada = Tabatinga-AM/ Cassilândia-MS/ Nobres-MT/ Santa Bárbara do Sul/ Arco Verde-PE/ Chapadão do Céu-GO/ Anápolis-GO/ Torixoréu-MT (Total de 50%)		12,5% em Serranópolis-GO	18,75% em cada= Goiânia-GO/ Fazenda (Total de 37,5%)	
Tempo em que morou em outro lugar antes de se mudar para Jataí	1 a 2 anos= 12,5%	3 a 5 anos= 18,75%	6 a 10 anos= 37,5%	11 a 20 anos= 31,25%	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 87,5%	Trabalhar= 75%	Serviços domésticos= 43,75%	Atividades religiosas= 31,25%	Cuidar dos filhos/Família= 25%
	Lazer nos lagos/Clubes= 18,75%	Bares/Festas /Restaurantes= 31,25%	Ler/Ouvir Música= 12,5%	Assistir TV/Filmes= 25%	Visitar amigos/parentes= 12,5%
	Viagens (outras cidades/fazenda)= 6,25%	Artesanato/Artes= 6,25%	Exercícios físicos/Esportes= 12,50%	Namorar/Passear= 6,25%	Outros = 43,75%

ANEXO 8

Anexo 8
DADOS DO 8º PERÍODO
- TOTAL 41 ALUNOS

8.1 MORAM EM JATAÍ A VIDA TODA – 27 ALUNOS (65,85%)

Sexo	Feminino= 100%				
Idade	20 a 23=18,51%	24 a 28= 33,33%	29 a 32= 18,51%	33 a 37= 22,22%	38 a 44= 7,40%
Trabalham	Não = 59,25%				
	Sim= 40,74%	Educação= 45,45%			
		Comércio/Prestação de Serviços= 27,27%			
		Outros= 27,27%			
Moram no Bairro ou Setor	Não informou= 7,40%	3,70% em cada= Vila Progresso / Epaminondas / Vila Sofia / Cellyneu França / Serra Azul / Planalto / Samuel Graham/ Granjeiro/ Colinas/ Colméia Park/ Santa Lúcia (Total de 40,7%)		7,40% em cada= Conj. Rio Claro / Santo Antônio / Aeroporto / Santa Maria / Centro/ Jardim Goiás/ Vila Fátima (Total de 51,80%)	
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 96,29%	Trabalhar= 44,44%	Serviços domésticos= 40,74%	Atividades religiosas= 37,03%	Cuidar dos filhos/Família= 14,81%
	Lazer nos lagos/Clubes= 18,52%	Bares/Festas/ Restaurantes= 18,52%	Ler/Ouvir Música= 7,40%	Assistir TV/Filmes= 25,93%	Visitar amigos/parentes= 37,03%
	Viagens (outras cidades/fazenda)= 7,40%	Artesanato/Artes= 3,70%	Exercícios físicos/Esportes= 22,22%	Namorar/ Passear= 3,70%	Outros = 44,44%

8.2 MORARAM EM OUTRO LUGAR ANTES DE SE MUDAREM PARA JATAÍ – 11 ALUNOS (26,83%)

Sexo	Feminino - 100%				
Idade	Não informou= 9,09%	20 a 23= 9,09%	24 a 28= 45,45%		
	29 a 32= 18,18%	33 a 37= 9,09%	38 a 44= 9,09%		
Trabalham	Não = 45,45%				
	Sim= 54,54%	Educação= 2 (33,33%)			
		Comércio/Prestação de Serviços= 50%			
		Outros= 16,67%			
Moram no Bairro ou Setor	9,09% em cada= Oeste/ Dom Benedito/ Jardim Rio Claro/ Samuel Graham/ Vila Olavo/ Setor Granjeiro/ Centro/ Paraíso II/ Jardim Goiás/ Setor Antena/ Estrela D'alva				
Tempo em que moram em Jataí	3 a 5 anos= 9,09%	6 a 10 anos= 27,27%	11 a 20 anos= 27,27%	mais de 20 anos= 9,09%	a vida toda= 27,27%
Moravam antes de se mudar para Jataí	9,09% = Curitiba-PR/ Tocantins/ Goiânia-GO/ Patos de Minas/ Barra do Garças-MT/ Itajá-GO/ Indiara-GO/ Rondonópolis-MT (Total de 72,72%)			27,27%= Fazenda	
Tempo em que morou em outro lugar antes de se mudar para Jataí	1 a 2 anos= 9,09%	3 a 5 anos= 18,18%	6 a 10 anos= 36,36%	11 a 20 anos= 18,18%	a vida toda antes de mudar para Jataí= 18,18%
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 90,90%	Trabalhar= 63,63%	Serviços domésticos= 54,54%	Atividades religiosas= 27,27%	Cuidar dos filhos/Família= 27,27%
	Lazer nos lagos/Clubes= 18,18%	Bares/Festas /Restaurantes= 27,27%	Ler/Ouvir Música= 9,09%	Assistir TV/Filmes= 18,18%	Visitar amigos/parentes= 9,09%
	Artesanato/Artes= 9,09%	Exercícios físicos/Espportes= 27,27%	Namorar/Passear= 9,09%	Outros = 45,45%	

8.3 NÃO MORAM EM JATAÍ – 3 ALUNOS (7,32%)

Sexo	Feminino= 100%		
Idade	24 a 28= 100%		
Trabalham	Não = 66,66%		
	Sim= 33,33% / Outros		
Cidade onde mora	33,33%= Caiapônia-GO	66,66%= Serranópolis-GO	
Tempo em que mora lá	11 a 20 anos= 33,33%	mais de 20 anos= 33,33%	a vida toda= 33,33%
Atividades presentes no dia-a-dia na cidade em Jataí	Estudar= 100%		
	Tratamento de saúde= 33,33%		